



TRÊS DÉCADAS PELO  
DESENVOLVIMENTO  
DO AGRONEGÓCIO  
BRASILEIRO





**São Paulo - SP**  
2023



DIAMANTE

***Cargill***<sup>®</sup>

OURO PLUS

**agrocere**s

OURO



PRATA



BRONZE





abag

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE

AGÊNCIAS

# Prefácio

Luiz Carlos Corrêa Carvalho  
Presidente da ABAG

Os últimos 30 anos acentuaram a relevância do agronegócio brasileiro no Brasil e no mundo. Passamos a ser o terceiro maior exportador global de alimentos, a exportar petróleo, biocombustíveis, celulose, frutas etc. O país é referência em tecnologia agrícola tropical, em longas cadeias produtivas que representam cerca de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro. É um feito, nessa revolução verde tropical, com expectativa de aumentar ainda mais a presença do agro verde-amarelo no mundo. Mais do que isso, o Brasil será fundamental para as questões globais como a segurança alimentar e energética, e a necessária descarbonização na luta contra as mudanças climáticas.

Em intenso ambiente de mudanças globais, nos últimos 15 anos, a volta do protecionismo, a fragilização das entidades globais como a OMC (Organização Mundial do Comércio) e a fragmentação em blocos de países – do que foi a globalização e seus efeitos positivos –, a guerra fria EUA/China, as “guerras quentes” – entre Rússia/Ucrânia e Israel/Hamas –, o grau de incertezas e o de volatilidade atingem níveis preocupantes e impactantes. A fragilização das democracias, com o crescimento dos governos autocráticos e dos populistas, é outro acontecimento efetivo no mundo, que se soma às dificuldades vividas.

A produtividade total de fatores no Brasil agro mostrou índice quase três vezes superior à média anual, caracterizando ganhos de capacidade competitiva, único caminho efetivo para a forte presença do país no mercado internacional. Isso só foi – e continuará sendo possível –, com ganhos de produtividade de forma sustentável. Por anos falou-se de índices de biomassa, enquanto, atualmente, no mesmo nível de importância, fala-se de mitigação de emissões de carbono. Por muito tempo, falou-se de culturas agrícolas e da pecuária e floresta, individualmente, e hoje só se fala em integração. Integrar, sem dúvida, é a grande oportunidade brasileira, seja no campo e culturas intercalares e rotacionadas, seja na fundamental relação público-privada.

Abrir mercados e inovar são objetivos claros do agro brasileiro, assim como estar efetivamente proativo na reformulação da OMC – e no questionamento de medidas unilaterais como o *Green Deal* (Pacto Verde Europeu) –, são fundamentais ao protagonismo brasileiro.

A ABAG procura integrar, seja na visão das cadeias produtivas, seja na representação do agronegócio brasileiro no país e no exterior.

Foram 30 anos intensos. Esperamos que sejam ainda mais, no rumo à liderança agroindustrial mundial.

- 1** ABAG: a união faz o agro **PG 08**
- 2** Representando o maior negócio do Brasil **PG 30**
- 3** Integração, liderança e protagonismo **PG 44**
- 4** A resiliência do agro brasileiro **PG 62**

# SUMÁRIO

**5** Por um agro tecnológico  
e sustentável **PG 84**

**6** A liderança que desponta  
no horizonte **PG 100**

**7** Juntos pelo agro! **PG 118**

Posfácio **PG 130**

Patrocinadores **PG 138**



# CAPÍTULO





**ABAG:  
a união  
faz o agro**

Tradicionalmente agrário, por muito tempo, o Brasil tinha nas suas lavouras e no minério, o grande sustento da nação. Não apenas isso, sua população era majoritariamente rural, com apenas 30% vivendo nas cidades até 1940. Ainda na década de 1930, políticas de investimento industrial implementadas durante o governo de Getúlio Vargas começaram a mudar aquela realidade e, gradualmente, o caldo urbano engrossou, com cada vez mais pessoas partindo para as cidades em busca de trabalho. Enquanto aumentava a demanda por alimentos no meio urbano, a baixa produtividade do campo era um fato negativo. O processo de mecanização, na década de 1950, aconteceu, mas foi lento, com adesão de poucas fazendas (menos de 2% das propriedades rurais), sem falar nas dificuldades que envolviam a importação e a manutenção dos equipamentos, já que não havia assistência técnica ou a disponibilidade de peças de reposição.

Outro fato que retardou o desenvolvimento da agropecuária no país foi a falta de informação. Havia muitas limitações sobre a melhor forma de aplicação de fertilizantes, quais eram as rações ideais, sabia-se pouco de solo e de doenças tropicais de rebanhos e lavouras. O desconhecimento de técnicas para a geração de novas variedades de alto rendimento resultava na baixa produção por hectare, sem falar na utilização de práticas inadequadas que geravam impactos ambientais, como erosão e assoreamento. Para resolver essa questão, uma série de políticas públicas começou a ser implementada, a fim de aproximar o campo dos ambientes de pesquisa, desenvolvimento, extensão rural e crédito, que se avolumavam naquele período.

Gradualmente, os efeitos daquelas iniciativas começaram a aparecer. A partir da década de 1970, o perfil da agricultura brasileira, sobretudo nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mudou, com a redução da participação das propriedades rurais com até dez hectares (de 52,2% para 50,4%), e maior participação das propriedades com área acima de mil hectares (de 0,7% para 0,9%). Com o passar dos anos, as condições para a modernização do campo cresceram, e grandes propriedades passaram a ocupar o horizonte, potencializando a produção por



meio de novas variedades de máquinas que substituíam a força humana, a utilização de fertilizantes capazes de aumentar a produtividade do plantio, e de defensivos agrícolas necessários à proteção das lavouras contra o ataque de insetos, de plantas daninhas e doenças.

Frente ao incremento de políticas públicas, créditos, novas tecnologias e maquinário, um pujante setor agropecuário nascia, mais moderno e capaz de não apenas abastecer a demanda interna, mas também de brilhar no comércio internacional. Destaque neste período para o surgimento da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1973, que potencializou a pesquisa no campo, contribuindo para a mudança de cenário de um país importador de alimentos para um país exportador.

Um dos grandes exemplos desse crescimento da década de 1970 foi a soja. Até então, a região Sul do país era a principal produtora do grão, muito pela similaridade de seu clima, em comparação com as características do sul dos Estados Unidos. A partir daquele período, esforços para a produção de suínos e aves se intensificaram no Brasil, combinados a uma política de subsídios de trigo em busca da autossuficiência do grão. Com isso, uma pequena janela de investimentos se abriu para a soja, que seguia sendo produzida em dobradinha com o trigo, uma no verão e a outra no inverno, respectivamente. Ao final dos anos 1960, a produção comercial da soja alcançou a marca de 500 mil toneladas. Na década seguinte, a soja decolou. Em meio ao exponencial aumento do grão no mercado mundial, o Brasil se viu diante de uma vantagem competitiva: o escoamento da safra brasileira da soja ocorria na entressafra americana, momento em que os preços chegavam às maiores cotações.





A aposta na soja foi certa. Muitos investimentos públicos em novas tecnologias ligadas à produtividade intensificaram o modesto aumento da área cultivada (1,3 para 8,8 milhões de hectares ao final da década de 1970) e fizeram com que aquela cultura alcançasse patamares impressionantes de produção para a época e a posição de principal produto agrícola exportado, atingindo mais de 15 milhões de toneladas em 1979. Outra cultura em destaque na década de 1970 foi a cana-de-açúcar, por meio da produção do etanol, impulsionada pela criação do Programa Nacional do Álcool, pelo decreto nº 76.593 de 14 de novembro de 1975, com a finalidade de garantir o abastecimento de combustível através da substituição da gasolina por um combustível renovável. A década de 1970 transformou o cenário agrário do país e foi acompanhada pela implementação de políticas de fortalecimento do cooperativismo de caráter empresarial.

Quando Ulysses Guimarães, à época presidente da Assembleia Nacional Constituinte, ergueu os braços com a recém-criada Constituição Brasileira nas mãos, em 1988, uma nova fase da história do país começava. Aquele documento materializava anseios e esperanças da renascida democracia brasileira. Muitos contribuíram naquela jornada de 20 meses e que, desde 1985, havia mobilizado par-



*Criação da Constituição Brasileira, em 1988. Imagem: Agência Brasil (CC BY 3.0 BR).*

lamentares, cidadãos e entidades representativas a refletir sobre o país que queriam construir. O processo de redemocratização fez nascer uma sociedade civil participativa, com setores produtivos engajados e representações atuantes em torno de uma nova ideia de nação.

Em meio àquele ambiente de reconstrução da nova Constituição brasileira, o setor agropecuário envolveu-se ativamente por meio do lançamento de sua Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, iniciativa que agregou mais de 70 entidades de classe. Aquela ação, mesmo que informal, reuniu diferentes representações do setor, e produziu grandes feitos em um momento decisivo para os rumos do país. Na liderança do trabalho da Frente Ampla estavam figuras como Roberto Rodrigues, então presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB); Alysson Paolinelli, que naquele período tornou-se presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA); e Flávio Teles de Menezes, da Sociedade Rural Brasileira (SRB).

Uma das principais bandeiras levantadas pela Frente Ampla, além da participação na nova constituição, foi a defesa da agricultura e seus marcos regulatórios, bem como a defesa da função econômica do campo, como principal vetor de abastecimento da sociedade. Após muitos embates e discussões, aquela voz amplificada pela Frente cumpriu sua missão e saiu da Constituinte com importantes vitórias. “Conseguimos, graças à Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, em composição com a Frente Parlamentar da Agropecuária, colocar na Constituição Brasileira, alguns artigos que deram uma certa tranquilidade ao setor rural, porque criamos uma defesa da propriedade privada contra invasões e outras formas de agressão ao agronegócio e à agricultura brasileira”, recorda o ex-presidente da ABAG, Roberto Rodrigues.

Mas não foi somente esse o legado da Frente Ampla. O trabalho desenvolvido e as conquistas alcançadas seguiram na memória

de seus participantes como um exemplo do que o setor poderia construir se unisse suas forças. E uma das pessoas que viu potencial nessa união foi o engenheiro agrônomo Ney Bittencourt de Araújo, na época presidente da Agrocere e da Associação Brasileira de Milho e Sorgo (ABMS). Com as vitórias alcançadas na Constituinte, o agro estava mais forte do que nunca, e Ney encontrou ali a oportunidade para contribuir não apenas com a unificação do setor, mas com a sua consolidação rumo aos novos tempos. Ele acreditava que era preciso transformar o entendimento do que se conhecia como atividade agrícola para algo mais avançado e substancial.

Em 1989, Ney viajou ao lado de Ivan Wedekin e Luiz Antonio Pinazza para os Estados Unidos, período em que ambos trabalhavam com o empresário na Agrocere. Lá, eles participaram de seminários na Harvard University que tratavam do conceito de *agribusiness*, criado ainda na década de 1950 pelos professores Ray Goldberg e John Davis, daquela instituição. Eles constataram que as atividades rurais, e todas as que estavam ligadas a elas, deveriam seguir unidas para, juntas, prosperarem. Do estudo de cadeias integradas, eles cunharam o termo *agribusiness*, que nada mais era do que “a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção nas unidades agrícolas; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos com eles”. Diante do potencial gerado após a Constituinte, a primeira iniciativa de Ney foi lançar ao público aquele novo conceito, adequando seu potencial de desenvolvimento à realidade brasileira. Ao lado de Ivan Wedekin, Luiz Antonio Pinazza, José Luiz Tejon, Coriolano Xavier e outros, como Elisio Contini e Eduardo Nunes, apoiado por pessoas como Roberto Rodrigues, Ney lançou em 1990 a obra “Complexo agroindustrial: o agribusiness brasileiro”, pela Editora Agrocere. A publicação do livro contribuiu para a disseminação do novo conceito em âmbito empresarial e acadêmico.

## A CRIAÇÃO DA ABAG

Implementadas as bases conceituais, foi a hora de pensar em algo que tivesse a mesma força unificadora vivenciada durante o funcionamento da Frente Ampla. Em 1993, durante fim de semana na fazenda de Roberto Rodrigues, em Guariba (SP), a ABAG foi criada com o nome de Associação Brasileira do Agribusiness. A instituição surgiu com o cuidado de não conflitar com as demais entidades existentes, pois seu objetivo era somar esforços às diferentes cadeias produtivas do agro. Também participaram do grupo fundador representantes do setor de óleos vegetais indicados por Luis Furlan, além de Paulo Brito, o jornalista Raul Corte, o economista rural Alberto Veiga, Victor Arguro Ferrão, Alysson Paolinelli, Antonio Ernesto Werna de Salvo e muitos outros nomes que ajudaram a consolidar a entidade por meio da criação de seu primeiro estatuto.

Naquele mesmo ano, durante o Seminário de Agribusiness, no auditório Nereu Ramos do Congresso Nacional, em Brasília (DF), a ABAG foi lançada oficialmente, no dia 6 de maio. Para uma plateia de mais de 150 pessoas, formada por empresários, executivos e políticos, o primeiro presidente da entidade e fundador, Ney Bittencourt de Araújo, discursou com grande eloquência e sabedoria sobre a importante missão que a nova associação teria pela frente, e apresentou os quatro grandes problemas estruturais existentes no país, que poderiam ser sanados com a ajuda do agribusiness. Foram eles: organização do processo de desenvolvimento sustentado; integração à economia nacional; eliminação das profundas desigualdades de renda e dos bolsões de miséria; respeito ao meio ambiente.

No entendimento de Ney, a ABAG nasceu em um momento muito desafiador da história do Brasil, quando o país já havia experimentado uma sucessão de planos econômicos infrutíferos, inflação elevada e questões políticas que abalavam a confiança dos brasileiros em relação ao futuro. Não havia incentivos financeiros para programas de abastecimento, o crédito agrícola havia encolhido e a insegurança alimentar batia à porta da população, cada vez mais assolada pela desigualdade de renda. Em meio àquele cenário difícil, falar sobre caminhos capazes de resolver os grandes problemas era algo visto com desconfiança, mas, mesmo que paradoxalmente, trazia esperança para quem testemunhava o nascer de novas ideias. Ney confiava na força do agribusiness como mola propulsora para se alcançar novos degraus, e viu na associação uma importante ferramenta para impulsionar aquela nova jornada.



*Nascimento da ABAG durante o Seminário de Agribusiness, em Brasília, em 1993.* ●

Segundo ele, a primeira grande missão da ABAG seria a de “conscientizar os segmentos formadores de opinião e decisórios do país – os políticos, os empresários, os sindicatos, os acadêmicos, os líderes da comunicação – para a importância e a complexidade do sistema do agribusiness, a relevância do seu papel no desenvolvimento econômico e social, e a necessidade de tratá-lo sistemicamente, sem o que se torna impossível otimizá-lo”. Outra missão importante da nova entidade deveria ser a de aumentar a visibilidade do agribusiness, compreendido em sua totalidade, para que o desconhecimento não acabasse por nublificar o grande potencial do sistema na identificação de gargalos e a construção de um ambiente seguro para novas políticas e investimentos.

O grande desafio havia sido posto, e a entidade começou sua jornada para garantir que o agribusiness brasileiro pudesse prosperar. O começo, é claro, foi simples. A ABAG ficou inicialmente instalada em uma sala na Sociedade Rural Brasileira (SRB), que na época era presidida por Roberto Rodrigues. Mas, não durou muito ali. Naquele mesmo ano, Rodrigues foi convidado para assumir a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, e a jovem entidade mudou e foi instalada na Agroceres, onde trabalhou para apresentar ao público sua visão de mundo, por meio do lançamento de livros como “Segurança Alimentar: uma Abordagem de Agribusiness”, Editora ABAG, 1993; “A Metamorfose do Estado”, por Fernando Rezende, Editora ABAG, 1993; e a “Agricultura na Virada do Século XX: Visão de Agribusiness”, de autoria de Luiz Antonio Pinazza e Ney Bittencourt de Araújo, Editora Globo, 1993.

Aqueles trabalhos tocavam em pontos fundamentais e norteavam muito da essência do que a ABAG defendia: acesso da população a uma alimentação segura; reforma do estado para atender às demandas dos novos tempos com maior agilidade e desembaraço; o desafio de países como o Brasil, com vocação agrícola, diante de um mercado internacional protecionista. Essas publicações foram desenvolvidas no Instituto Estudos do Agribusiness (IEAg), criado dentro da associação, para a realização de estudos e gestão de conhecimento da cadeia produtiva do agronegócio.

## SURGE A AGRISHOW

Ao mesmo tempo em que a ABAG se estruturava no seu primeiro ano de vida, uma oportunidade de ampliar sua representatividade surgiu. “Quando era presidente da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), uns dois anos antes da criação da ABAG, em 1991, fui procurado por um líder rural do Paraná chamado Brasília Araújo, que participou da Frente Ampla e que tinha visitado nos Estados Unidos o Farm Progress Show, que era uma feira dinâmica de agricultura. E ele me procurou sugerindo a criação de algo parecido aqui no Brasil. Como eu estava deixando a OCB dentro de dois meses, falei para ele procurar outras alternativas. Alguns projetos foram iniciados neste sentido, mas não tiveram sucesso. Foi quando em 1993, já como Secretário de Agricultura de São Paulo, sugeri ao Ney a criação de um convênio que lançasse a ABAG nacionalmente por meio da criação de uma feira dinâmica”, recorda Roberto Rodrigues.

A ideia agradou e, após algumas discussões junto a diferentes segmentos ligados ao agronegócio, uma comissão foi criada para colocar aquela ideia em prática, composta pela própria associação recém-criada, pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ/SINDIMAQ), Associação Brasileira de Sementes e Mudas (ABRASEM), Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANANDA), Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF), New Holland, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN), Sociedade Rural Brasileira (SRB), Valmet do Brasil, com patrocínio do Banco do Brasil e apoio da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Juntos, eles lançaram a primeira edição da AGRISHOW – Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação, em 1994.



*Realizada 1ª edição da AGRISHOW, criada dentro da ABAG.* ●

Muito além de uma simples feira, a edição inaugural da Agrishow, na cidade de Ribeirão Preto (SP), apresentou aos mais de 50 mil visitantes, além de expositores e imprensa, a força do agronegócio, possibilitando a concretização de uma das principais missões da ABAG. Por meio daquela união, mais uma vez, foi possível celebrar a chegada de novos conhecimentos e novas tecnologias para o homem do campo, além de novos negócios, que, naquele evento, totalizaram mais de 500 milhões de dólares. Além de conhecer o potencial de novas máquinas, insumos e implementos, o produtor teve a oportunidade de conhecer tendências do setor. Ao final daquele ano, e com a positiva repercussão que o evento teve, a ABAG apresentou ao presidente eleito na época, Fernando Henrique Cardoso, os anseios do agrobusiness brasileiro.

Por meio do documento intitulado “Sugestões da ABAG para o presidente eleito Dr. Fernando Henrique Cardoso”, a associação apresentou ao novo mandatário da nação a empenhada colaboração do agronegócio e seu potencial para o progresso econômico e em prol da segurança alimentar. Em um cenário de expectativas renovadas pela crença no sucesso das medidas de controle da inflação, a ABAG compartilhou com o novo governo federal um estudo com suas sugestões para aquele novo período, tais como: reorganização do estado brasileiro; promulgação das leis das cultivares; apoio à pesquisa; reforma fiscal e tributária; redefinição dos esquemas de financiamento; aperfeiçoamento dos esquemas de produção e comercialização, com apoio de infraestrutura adequada; mudanças no comércio exterior; incentivos às agroindústrias; criação de infraestrutura de educação e saúde nas pequenas e médias cidades; redução de incentivos à ocupação improdutiva do solo e elaboração de programas emergenciais.

O trabalho desenvolvido pela ABAG passou a agregar cada vez mais iniciativas, fazendo surgir importantes parcerias, promissoras ao crescimento do agro brasileiro que vivenciava a globalização, com a formação dos complexos agroindustriais e a internacionalização da produção, especialmente nas áreas de proteína animal e grãos. Em sua segunda edição, realizada em 1995, a Agrishow atraiu mais de 60 mil visitantes e movimentou cerca de um bilhão de dólares. Naquele período, o Brasil havia avançado muito em termos de abertura de mercado e na pesquisa científica, tornando possível a ampliação das áreas de terras cultiváveis para o cerrado. Com um maior potencial agregado neste período, o agro brasileiro se tornou cada vez mais atrativo para grupos internacionais em busca de fontes alternativas de recursos naturais. Em meio a essa tendência, a ABAG organizou o Seminário de Agribusiness ao Japão, a convite da Japan Trade Organization (JETRO), no Japão, em outubro de 1995. Naquela oportunidade, e de

forma pioneira, a ABAG levou ao conhecimento estrangeiro toda a potencialidade do agribusiness brasileiro, incentivando a abertura de novos investimentos e parcerias entre aqueles países. O evento foi um sucesso, com mais de 280 empresários inscritos nas áreas de *trading*, supermercados, cadeias de restaurantes, lojas de conveniência, de descontos etc.

Em parceria com a Sociedade Rural Brasileira (SRB), em 1995, a ABAG propôs a criação de um novo e moderno financiamento da produção e comercialização. Ao colocar aquele tema em pauta, a ABAG atraiu a participação do Banco do Brasil, Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e governo da época, através do Ministério da Agricultura, fomentando a construção de um grupo dedicado ao estudo de atualização dos modelos de financiamento, frente aos novos processos de comercialização em desenvolvimento no agronegócio.

Da mesma forma, por iniciativa da associação, discussões sobre seguro rural começaram a progredir a partir do convênio da entidade com a empresa Gerenseg - Administração e Gerenciamento de Seguros Ltda, firmado em 1995. A pesquisa, intitulada "Definições, conceitos e funções de um novo seguro *all risks* rural para o novo agribusiness brasileiro", apresentou aos produtores rurais um panorama dos seguros existentes no mercado e seu alcance e potencial para atender o agro. Ao final de 1995, a ABAG firmou uma importante parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) para a elaboração do Índice FGV/ABAG, criado para avaliar o impacto sobre a inflação dos produtos semiprocessados, processados e *in natura* de origem agrícola, no atacado e no varejo, trabalho que passou a ser divulgado mensalmente na Revista Agroanalysis, a revista do agronegócio da FGV.

## UM NOVO CAPÍTULO

Em 1996, a ABAG chegou ao seu terceiro ano de vida e ela perdeu seu grande idealizador, Ney Bittencourt de Araújo, em janeiro daquele ano. Em pouco tempo de atividade, a ABAG

havia ascendido exponencialmente como representante do agronegócio brasileiro, e toda essa vitalidade e potência só foi possível graças à maestria de Ney. Com ele, a compreensão da agricultura brasileira alcançou patamares mais aprofundados. O entusiasmo e a esperança de Ney se consolidaram dentro da ABAG, e as lideranças que ocuparam seu lugar seguiram com a mesma energia para transformar o país por meio do agro. Em seu lugar, seu vice-presidente, Arturo José Furlong, diretor da Sanbra e presidente da SAMRIG Moinhos Riograndense à época, assumiu a presidência da ABAG.



*Ney Bittencourt de Araújo deixou um importante legado para o agronegócio brasileiro.*

Além da participação da entidade na organização do Agrishow em 1996, que reuniu os vários segmentos integrantes das cadeias produtivas, fortalecendo o agribusiness, a ABAG também marcou presença no Fórum Nacional das Secretarias de Agricultura de Ribeirão Preto, realizado durante a Agrishow. Naquela ocasião em que se discutia os novos rumos das políticas agrícolas, a ABAG contribuiu com o documento “Uma Política para o Sistema de Alimentação, Fibras e Energéticos”, material que reuniu as compreensões da entidade a respeito da segurança alimentar, cenários e visão sistêmica do agribusiness. A entidade também aproveitou para compartilhar suas análises e bandeiras em eventos similares, como o Fórum Rural, realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1996.

24

O trabalho de Arturo José Furlong foi exemplar e contribuiu muito para garantir que a ABAG cumprisse sua missão de impulsionar o agribusiness brasileiro em espaços nacionais e internacionais. Infelizmente, em 1996, ele faleceu. Em homenagem à contribuição de Furlong, o informativo da ABAG daquele ano destacou suas grandes qualidades de dinamismo, realização, modéstia e desprendimento. Por sua atuação ativa e comprometida, o saudoso presidente ficou marcado na história da entidade pelo exemplo que deixou. Naquele momento delicado, o engenheiro eletrônico, formado pela Escola Federal de Itajubá, Luiz Alberto Garcia, que na época ocupava a presidência do Grupo Algar, assumiu a presidência da entidade.

“Me lembro de receber o professor Décio da USP e mais algumas outras autoridades, em uma pequena comissão com o



*Homenagem da ABAG a Arturo José Furlong, que faleceu no final de 1996.*

objetivo de me convidarem para assumir a ABAG. Nesse período, a associação enfrentava desafios financeiros importantes, mesmo assim aceitei, pois vi ali uma oportunidade de presidir uma diretoria forte e estreitar os laços com São Paulo, maior polo comercial do Brasil, fortalecendo o setor do agronegócio, o qual minha família sempre esteve presente”, recorda Luiz Alberto Garcia.

A voz da ABAG chegou às instâncias governamentais, e ela foi convidada em 1996, pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento, a integrar a comissão organizadora do Fórum Nacional da Agricultura (FNA), espaço fundamental criado para a discussão e aprovação de políticas públicas voltadas à agricultura nacional. O Fórum foi inaugurado em 1996, com presença do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e do vice-presidente da ABAG, Roberto Rodrigues, indicado para ser o coordenador empresarial do Fórum. Outra ação de grande importância liderada pela entidade, com o apoio do Ministério da Agricultura, Embrapa e do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), foi a realização do Seminário Internacional “O Agro nas Américas”, em São Paulo, em 1996, que reuniu 27 entidades de expressão nacional, para debater o futuro do setor na cena mundial, bem como para refletir sobre as mudanças da política agrícola no exterior e linhas de política agrícola aplicáveis no país.

Ao final de 1996, a ABAG chegou às telas brasileiras por meio do Canal Rural. Criado naquele mesmo ano pela emissora Rede Brasil Sul, ligada à Globo, o canal passou a reunir 19 horas de programação voltada para o universo do agribusiness no Brasil. Roberto Rodrigues foi convidado para realizar um trabalho de consultoria técnica para a nova emissora, estabelecendo uma importante ponte com a IEAg, na divulgação de seus estudos acerca do agribusiness. “Com o Luiz Garcia fizemos um trabalho importante de comunicação, basicamente nosso esforço era comunicar sobre a agricultura brasileira, mostrar para a sociedade o que era o agronegócio, como funcionava”, recorda Roberto Ro-

drigues. A ABAG também ganhou destaque naquele canal com a criação do programa Painel Rural, espaço de entrevistas com grandes personalidades ligadas ao agro, e que era apresentado por Rodrigues.

“Naquele período, fui convidada pelo Roberto Rodrigues para ajudá-lo em um programa no Canal Rural e também para auxiliar a ABAG que, estava passando por algumas dificuldades. Os desafios eram grandes, mas muitos ajudaram naquele momento de estruturação. Havia um sentimento de colaboração muito grande entre todos”, lembra Mônica Bergamaschi (foto), atual diretora da ABAG e presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto (ABAG-RP), entidade coirmã da ABAG.



*Roberto Rodrigues entrevistou muitos nomes do agronegócio brasileiro no período.*

Cada espaço que a ABAG conquistava representava um incremento à força do setor. Em 1997, estava com a agenda cheia, realizando os seminários mensais, organizados junto ao Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, da Universidade de São Paulo (PENSA-USP). Aquele trabalho reuniu acadêmicos, empresários, iniciativa privada e órgãos públicos, criando um rico espaço de troca de experiências. A ABAG também colaborou para aumentar o tamanho da Agrishow. Naquele ano, o evento passou a contar com a participação de empresas estrangeiras. A 4ª edição da feira reuniu 204 expositores e mais de 67 mil visitantes, incluindo as presenças ilustres do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, do governador do São Paulo, Mario Covas, ministros da Agricultura e das Comunicações, secretários de agricultura e parlamentares estaduais e federais.

Em 1998, o trabalho junto ao FNA começou a render frutos. Após 18 meses de trabalho intenso, realizado por 34 Grupos de Trabalho, uma política plurianual entre o Estado e a sociedade produtiva foi criada. Questões de crédito, tributação, comercialização, defesa sanitária e outros temas foram assinalados no documento que, naquela época, foi resposta do agribusiness brasileiro às reformas realizadas pela União Europeia, por meio da Política Agrícola Comum (PAC), com impactos aos países em desenvolvimento. Da mesma forma, também alcançou a Lei Agrícola implementada pelos Estados Unidos em 1996. Ao final daquele trabalho, dez bandeiras do agribusiness brasileiro foram estruturadas, com o objetivo de potencializar a força do setor contra os obstáculos da cena internacional.

Dentre as bandeiras, estavam: financiamento do agronegócio; modernização da comercialização interna e externa; desoneração e simplificação tributária, desenvolvimento tecnológico; sustentabilidade na agricultura; pequeno produtor em regime de agricultura familiar; política fundiária e coordenação institucional do agronegócio. A partir do trabalho realizado pelo FNA, bem como a identificação dos principais agravos a serem solucionados, nascia uma grande corrente entre setor produtivo e governo.

Em parceria com o Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, da Universidade de São Paulo (PENSA-USP), o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), a FGV e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a ABAG realizou, em 1998, uma pesquisa para compreender a potencialidade de diversas cadeias produtivas do agribusiness

brasileiro, tais como café, soja, cana-de-açúcar, leite, milho, trigo, algodão, arroz e feijão. O objetivo foi entender em quais cenários essas culturas poderiam prosperar na próxima década, e quais políticas públicas poderiam beneficiar essas cadeias. Além da investigação em relação ao futuro, a ABAG buscou garantir o bom desenvolvimento e a evolução das negociações realizadas, por meio da criação do Fórum Permanente de Negociações Agrícolas Internacionais, uma parceria da ABAG com a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), em 1998. Destaca-se, neste ano, a missão da ABAG em difundir o agronegócio brasileiro, por meio de seus representantes, em eventos internacionais como o Congresso organizado pela International Food and Agribusiness Management Association (IAMA), no Uruguai; e a Feira de Economia de Munique, na Alemanha.

Uma das grandes conquistas da ABAG neste período foi a criação do Conselho de Entidades, em 1998. Comprometido com a união das diferentes cadeias do agro desde sua fundação, a associação reuniu-se com a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e representantes da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), FNA, ABC, Federação da Agricultura e Pecuária

do Estado de São Paulo (FAESP), Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (SINDAG), Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMRA), Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP), Associação Brasileira de Estudo das Abelhas (AENDA), OCB, Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (OCESP) e Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos (ABECITRUS). A conjunção dessas forças debateu a criação de um conselho brasileiro de entidades do agronegócio e de conselhos setoriais ligados ao segmento.

“Embora tendo adiante, naquele momento, desafios financeiros, acreditávamos no potencial da associação para se tornar uma entidade de suporte efetivo aos diversos setores do agronegócio brasileiro. Assim que assumi a ABAG, chegamos a enviar uma centena de cartas para empresários do Brasil inteiro, convidando-os para se associar, mas na época, não obtivemos sucesso. Não desistimos. Mantivemos a motivação e o foco em nosso objetivo formando um Conselho de primeira classe e bastante ativo”, lembra o presidente da ABAG na época, Luiz Alberto Garcia.



Reunião da diretoria da ABAG, sob a liderança de Luiz Alberto Garcia (na foto, sentado ao centro). ●

O setor agropecuário brasileiro havia mudado significativamente. Naquele período, uma onda de aquisições de empresas nacionais transformou o setor de laticínios e trigo (até então bem protegido da concorrência internacional, antes da abertura econômica), atingindo também a agrobiotecnologia (pesquisa e indústria sementeira) e os segmentos de fertilizantes e defensivos agrícolas. A expansão da presença estrangeira no agro nacional também alcançou máquinas e equipamentos e a biotecnologia, construindo novos rumos à produção agrícola nos anos posteriores.

Além disso, a conjuntura populacional daquele período inspirou a ABAG a refletir sobre o assunto por meio do seu livro “Reestruturação do Agribusiness Brasileiro - Agronegócios no Terceiro Milênio”, publicado em 1999, resultado de uma parceria com o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Na obra, o aumento populacional identificado nos últimos 50 anos e a oferta de bens agrícolas ao longo deste período enfatizaram o quanto a agricultura conseguiu avançar com o passar dos anos. Além de avaliar o passado, o livro também apontou tendências: biotecnologia combinada com microeletrônica, preservação do meio ambiente, alimentação mais saudável e combate à fome. A obra também destacou a necessidade de uma reformulação nos parâmetros de produção e no incentivo ao desenvolvimento de produtos com maior valor agregado, em detrimento do modelo primário exportador.

Na construção dessa visão de futuro, a ABAG trabalhou incansavelmente para garantir a articulação cada vez mais homogênea do agro. Por isso, empenhou-se por bons resultados por meio do Fórum Permanente de Negociações Agrícolas Internacionais. Para negociar com a Organização Mundial do Comércio (OMC), a parceria com a CNA e a OCB produziram documentos consistentes e alinhados às diferentes demandas de cada cadeia produtiva, ao mesmo tempo em que definiam uma voz uníssonas ao agro brasileiro. Em 1999, a Agrishow estava maior do que nunca, com a participação de mais de 350 expositores, presença de mais de 600 marcas de diferentes produtos (máquinas, implementos, componentes e insumos) e mais de 100 mil visitantes oriundos de 24 países. Sua área dinâmica foi um sucesso, com mais de 800 demonstrações de campo.

A contribuição da ABAG em discussões que interessavam o segmento era contínua e muito atual frente aos eventos de cada época. Fruto das crises asiática e russa, ocorridas em 1997 e 1998, respectivamente, por exemplo, houve uma queda brusca no preço das *commodities* exportadas pelo Brasil, com redução na captação de dólares no exterior. Como consequência, a moeda brasileira iniciou seu processo de desvalorização. Em 1999, o governo tentou implementar uma mudança no regime cambial do país, passando a adotar o câmbio flutuante, mas a moeda seguiu desvalorizada até sua estabilização em



Reunião do Conselho Administrativo da ABAG. ●

R\$ 1,80. O cenário de instabilidade impactou o agronegócio. Para debater essa circunstância, a ABAG realizou no mesmo ano o seminário “O novo regime cambial no agribusiness”, uma parceria com a Rabobank e a PENSA-USP. O evento discutiu a rápida desvalorização do real frente ao dólar, o papel do Brasil no agribusiness mundial, o papel estratégico do setor em meio àquela conjuntura econômica e o impacto da desvalorização nos preços das *commodities*.

“Foi, de fato, uma época de grandes desafios. Gerir uma associação em meio a uma instabilidade econômica tão grande não é tarefa fácil. O impacto da desvalorização do dólar nos preços de *commodities* trouxe diversas incertezas para o setor e, em um cenário de inseguranças, as pessoas não pensam em se associar. Por isso, um dos nossos maiores desafios era fortalecer a entidade e, por consequência, buscar apoio financeiro”, recorda Garcia.

Além de preparar o setor para os desafios mais atuais, a ABAG contribuía em outros assuntos como a relação do agribusiness brasileiro com a OMC, por meio do Seminário “A OMC e o agronegócio: o grande desafio do milênio”, realizado no Anfiteatro da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), com o apoio da International Cooperating Association (ACI), e do Programa de Formação de Dirigentes e Gerentes de Cooperativas (FORMA-COOP), dos sistemas OCERGS, OCEPAR, OCESC e OCESP.

O evento, realizado em 1999, reuniu temas necessários ao empresariado, como os desafios políticos, econômicos e estratégicos ligados ao comércio internacional, além de se aprofundar em terminologias e políticas agrícolas protecionistas que desafiavam o agribusiness brasileiro, grupos de pressão e posicionamentos, mecanismos de coordenação entre os setores públicos e privados, e negociações dos principais produtos: grãos e derivados, suco de laranja, proteína animal e açúcar.

Em 1999, a ABAG uniu forças com a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), Associação Brasileira das Indústrias do Milho (ABIMILHO), Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDDA), Associação Paulista de Avicultura (APA), a Associação das Indústrias de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo e as câmaras setoriais de aves, milho, ovos e soja, da Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/SP), para potencializar o diálogo com o poder público a respeito da privatização da Hidrovia Tietê-Paraná. Responsável pelo transporte de 6 milhões de toneladas de produtos só em 1998, a Hidrovia passaria por mudanças, e o grupo de entidades garantiu, junto à Secretaria de Agricultura e de Abastecimento do Estado de São Paulo e com o governo do estado, a implementação de regras claras e rígidas a respeito do uso daquele modal. E, ao final daquele ano, uma nova gestão assumiu a ABAG, agora liderada pelo engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), Roberto Rodrigues.



Desde 1945, nossa missão tem sido levar a você a melhor tecnologia aplicada ao campo, para que o seu empreendimento seja cada vez mais produtivo rentável e sustentável.

Para cumprir esta missão, acreditamos na importância de quatro valores essenciais: **Tecnologia & Inovação, Qualidade, Atendimento e Resultado**. Estes são os pilares da nossa Proposta de Valor e o nosso compromisso com você.

Este compromisso você vê em tudo o que a Agrocerec faz: na busca, desenvolvimento e adaptação da melhor Tecnologia para a sua realidade; na Qualidade consistente e padronizada de nossos produtos; em nosso Atendimento presente e capacitado; e, principalmente, nos Resultados que o ajudamos a conquistar.

Sabemos que foi cumprindo esse compromisso que conseguimos conquistar a sua Confiança. E será assim que manteremos esta conquista pelos muitos anos que virão!



# agroceres

VOCÊ VÊ, VOCÊ CONFIA!

Empresas do Grupo Agroceres

**agroceres**  
MULTIMIX

nutrição animal

**agroceres** PIC

genética de suínos

**biomatrix** SEMENTES

sementes de milho e sorgo

**Santa Helena** SEMENTES

**inaceres**

palmitos cultivados

**MIREX-S**  
ISCAS FORMICIDAS

proteção de cultivos

**agroceres**  
BINOVA

nutrição vegetal e biológicos



CAPÍTULO

2



**Representando  
o maior negócio  
do Brasil**

Um imponente mar de visitantes alcançou a Agrishow no ano 2000. Mais que isso, foram os altos números daquela edição que apontaram um horizonte produtivo e promissor para o agro na chegada do novo século. Naquele 7º evento, 122.500 pessoas, sendo 2.500 do exterior, puderam conhecer as novidades apresentadas por cerca de 400 expositores nacionais e internacionais, exibindo mais de 1.500 marcas com soluções para as diferentes demandas dos produtores rurais. O ambiente de inovação era tanto que encontravam o que nem estavam procurando, mas que fazia toda a diferença na produtividade de seus negócios. Uma das novidades daquela edição foi a Feira de Pastagem e Fenação, que abriu ambientes profícuos de inovação aos produtores de insumos para o gado, e registrou aproximadamente 38 mil pessoas, 30 expositores, mais de 300 negociações realizadas e 3 mil iniciadas.

O sucesso da Agrishow era incontestável e, naquele mesmo ano, a Feira ganhou até uma versão específica para o setor de flores, frutas e hortaliças, a Agrishow-FFH, em Jundiaí (SP). Realizada em agosto de 2000, a feira específica foi fundamental como espaço de aprendizado, com o compartilhamento de informações do cultivo até a chegada dos produtos ao mercado. Os produtores conheceram os novos horizontes no ambiente pós-colheita, equipamentos, máquinas, insumos para limpezas, lavagem, empacotamento e muitas outras etapas necessárias para movimentar esses segmentos que, naquele período, já apresentavam um volume significativo de negócios no país.

Os grandes números de participação e negócios gerados naqueles eventos eram apenas reflexos de um ciclo virtuoso que estava se instalando no agro brasileiro. A semente da inovação tecnológica já tinha germinado como uma cultura presente e determinante para o sucesso da produção. Havia resistências no campo, mas a tecnologia aplicada à criação de novas variedades e formas de cultivo era uma realidade buscada por mais produtores rurais do país. Em meio a porteiras cada vez mais tecnológicas, o campo do novo século também foi impulsionado pela facilidade do crédito, pelo amadurecimento na gestão dos negócios e por muitas máquinas atravessando os hectares produtivos do Brasil. Entre 1996 e 2002, houve um acréscimo de 191% na aquisição de máquinas e implementos agrícolas,



*Com o passar dos anos, a AGRISHOW só cresceu. Na foto, edição da Feira em 2010.*

impulsionado também pela criação do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (MODERFROTA), instituído pelo governo federal, no ano 2000.

A dedicação da ABAG para impulsionar o agro era ininterrupta. Muitas frentes de trabalho da associação se empenhavam para contribuir com o sucesso do setor e, naquele começo de século, a entidade colocou luz em um tema fundamental: recursos humanos. Por meio de uma ação da entidade, em conjunto com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Embrapa, o Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais (GEPAI-DEP), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizou a pesquisa “Recursos Humanos para o Agronegócio Brasileiro”, comparando o perfil dos profissionais que ingressavam no mercado – graduados em cursos como engenharia (agronômica, produção, florestal e de alimentos), veterinária, economia e administração –, com as necessidades da iniciativa privada. Naquele período, a busca por talentos ultrapassava a fronteira tecnicista e exigia dos novos profissionais habilidades comunicativas, características pessoais e interpessoais equilibradas, além do próprio desempenho em economia e gestão, tecnologia de produção, conhecimentos computacionais e muitas outras habilidades condizentes com os novos tempos do agro.

Em 2001, a 8ª edição da Agrishow ultrapassou os números anteriores e mais de 130 mil pessoas visitaram a feira que contou com a participação do presidente da República na época, Fernando Henrique Cardoso. Na ocasião, somaram-se R\$ 300 milhões em financiamentos solicitados aos bancos presentes no evento (Banco do Brasil, Banespa e Bradesco). Enquanto isso, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-SP) promoveu a Rodada Internacional de Negócios, com a participação de 101 micro e pequenas empresas. Ocorreu também a 2ª edição da Feira Internacional de Fenação e Pastagem, com o apoio do

Fundo para o Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo (FUNDEPEC). Cerca de 70 expositores, sendo 13 ligados à piscicultura, preencheram o espaço com inovações para o público, apresentando raças bovinas e animais da fauna nativa e exótica. O ano foi presenteado com mais uma edição da Agrishow-FFH, que cresceu, com mais de 100 expositores e 20 mil visitantes.

Enquanto o potencial produtivo do campo brasileiro se expandia a cada ano, nas importantes feiras tecnológicas do setor, a ABAG se empenhava para que o talento da produção rural do país não fosse desperdiçado em meio àquele mundo mais globalizado e protecionista, que exigia dos países maturidade e mais jogo de cintura em relação às negociações comerciais. Apesar dos esforços das diferentes representações agrícolas do país, o Brasil apresentava alguns saldos negativos naquela batalha. Na safra 1999/2000, por exemplo, o protecionismo imposto pelos Estados Unidos fez com que a área plantada de algodão do Brasil encolhesse de 936 mil hectares para 700 mil.

Era preciso criar bases que dessem suporte ao setor em meio às oscilações do mercado internacional, além de garantir boa performance dos produtos brasileiros. Por isso, uma das iniciativas da ABAG, em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), Associação Brasileira dos Produtores de Soja (APROSOJA), Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA) e Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), foi a elaboração do documento “Programa de Apoio à Exportação de Soja”, que foi entregue ao ministro Aloysio Nunes Ferreira Filho. Naquela análise, apontou-se a situação da cadeia produtiva de soja naquele momento, destacando questões como a produção, tributação e os impactos da Lei Kandir sobre as exportações (publicada em 1996, que dispôs sobre o imposto nos estados e Distrito Federal nas operações referentes à circulação de mercadorias e serviços).



A ABAG realizou um importante trabalho, com Roberto Rodrigues à frente da entidade.

Ao mesmo tempo, o estudo apresentou caminhos possíveis, sendo que um deles era a redução tributária sobre a exportação do grão e a proposta de desoneração sobre o produto industrializado. Além do trabalho institucional forte, a ABAG abasteceu as diferentes cadeias do agro com mais informações, por meio da edição de dois livros em 2001: “Complexo Agroindustrial Brasileiro: Caracterização e Dimensionamento”, editado pela ABAG e “Agenda para a Competitividade do Agribusiness Brasileiro”, editado em parceria com a FGV. No primeiro volume, buscou-se reunir dados para compreender o tamanho do agribusiness brasileiro em 2001, que era responsável por 20% do PIB brasileiro e representava 40% das exportações. Na segunda obra, a ABAG trabalhou para reunir os grandes desafios do agribusiness naquele milênio: protecionismo, negociações internacionais, água, meio ambiente, transgênicos e outros.

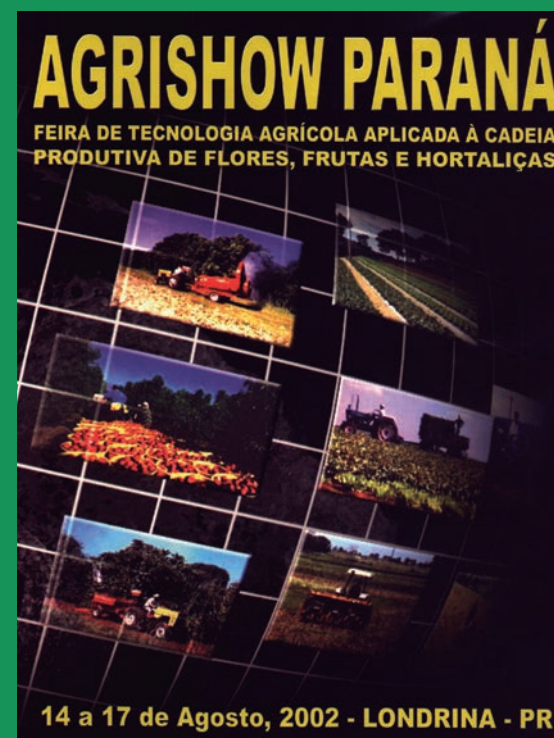
Na safra 2000/2001, o Brasil colheu 100,3 milhões de toneladas de grãos, alcançando uma marca importante para a atividade agrícola do país. “Em 1985, o Ney e eu participamos de um evento agrícola em Brasília. Naquele ano estávamos produzindo 58 milhões de toneladas e lançamos o desafio dos 100 milhões. Ninguém acreditava, até que em 2001, fizemos 100 milhões”, recorda Roberto Rodrigues. Mais do que números, a safra daquele período representava a grande produtividade do campo brasileiro, sua labuta de sol a sol, o potencial de suas máquinas e motores e o orgulho daqueles produtores rurais que contribuíram para um novo e imponente capítulo na história do agro no país.

Mas não foram somente os grãos que brilharam naquele período. Em meio àquele “céu de brigadeiro” para a soja, arroz, feijão, milho, trigo, caroço de algodão, amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, mamona e sorgo, as boas notícias também alcançaram a produção de carne brasileira. Mesmo diante de uma grave crise internacional, combinada com uma recessão, crise da Argentina e atentados terroristas nos Estados Unidos, agricultores, pecuaristas e industriais brasileiros batiam recordes de produtividade no campo e surgiam mais recordes de vendas externas de carnes, especialmente para o frango. O aumento na exportação chegou também aos suínos, que passaram a ser bastante requisitados nos diferentes países do globo.

Em meio ao cenário de expansão do agro, o Sistema Agrishow também cresceu. Além da Feira realizada anualmente em Ribeirão Preto, da Feira de Pastagem e Fenação e do espaço para flores, frutas e hortaliças, em 2002, surgiram mais novidades: Agrishow Serrado, em Rondonópolis (MT), e Agrishow, em Londrina (PR).

O potencial do sistema era imenso e a ABAG seguia, ao longo de todos aqueles anos, contribuindo para a sua realização. Desde sua criação, em 1994, 30% das empresas associadas à ABAG marcavam presença contínua com estandes na Agrishow, sem falar das participações sazonais e dos interesses negociais diretos e indiretos com o evento. Maior do que nunca, a 9ª edição da Agrishow em 2002 ocupou 240 hectares e contou com 450 expositores. Mantendo o número de visitantes na ordem de 130 mil, o evento atraiu autoridades e, naquele ambiente, o potencial de novos negócios ultrapassou a marca de R\$ 1 bilhão.

Paralelamente ao trabalho de impulsionar o agro no caminho das inovações, a ABAG abastecia as diferentes cadeias produtivas com informação. Em 2002, por exemplo, a associação editou o livro "Agribusiness Brasileiro: a História", pela Editora Evoluir, obra que narrou a história da agricultura brasileira, as contribuições de cada cultura no desenvolvimento do agro nacional e as grandes transformações da produção rural do país.



*Realizada primeira edição da Agrishow, em Londrina (PR), em 2002.*

## A LIDERANÇA DA ABAG

Com o agro mais forte, a ABAG, sob a liderança de Roberto Rodrigues, sentiu-se impelida a estar à altura daquele novo momento. O potencial de produção agrícola do país para se tornar protagonista internacional e grande expoente da segurança alimentar no mundo estava ali. Diante disso, a entidade criou o Projeto Estratégico de Desenvolvimento do Agribusiness Brasileiro até 2010, que delineou, dentre outras coisas, a realização do *1º Congresso Brasileiro de Agribusiness*, em 2002, com apoio do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e coordenado pela Associação Brasileira dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB). Mais de 600 pessoas, entre lideranças do agribusiness, empresários, executivos, técnicos e acadêmicos, acompanharam quatro blocos com discussões sobre metas quantitativas de produção, consumo e comércio exterior, inserção competitiva do agribusiness na cena global e experiências de sucesso na construção da competitividade.

Naquele evento, surgiu a Carta do Agribusiness Brasileiro na Perspectiva 2010, documento com as conclusões e reivindicações registradas durante o Congresso. O material foi encaminhado aos tomadores de decisão da iniciativa privada e do governo, alcançando também os candidatos à presidência da República naquele ano de eleições. Dividida em três grandes blocos, a Carta apresentava as metas e políticas para a expansão do setor, uma agenda brasileira diante das tendências do agribusiness mundial e a importância do *agricluster* para a construção da competitividade nas cadeias produtivas.

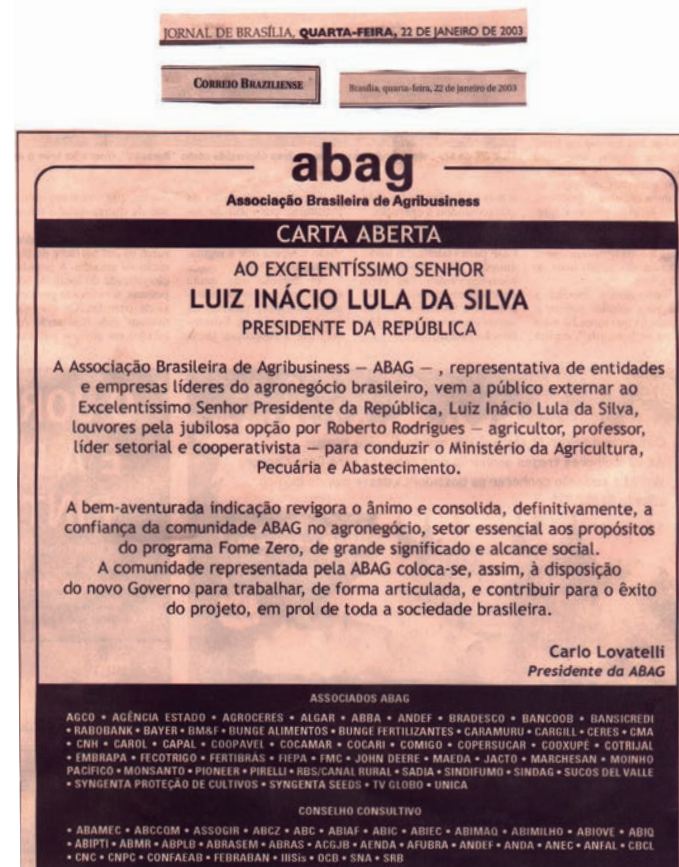


1º Congresso Brasileiro do Agribusiness, realizado em 2002.

Em meio ao debate sobre os próximos rumos da política agrícola brasileira, a ABAG também voltou sua atenção, em 2002, para algo que preocupava a todos: a crise na Argentina. Em grande turbulência econômica, que culminou no calote da dívida externa e declaração de moratória, o país vizinho vivenciou um de seus momentos mais desafiadores. Os impactos daquele cenário alcançaram alguns setores produtivos do agronegócio brasileiro que exportavam para a Argentina. Diante disso, a ABAG, em parceria com a Embrapa, buscou compreender qual a extensão daquela situação, e reuniu 14 cadeias produtivas do agro para que uma análise da situação fosse feita. Assim, representantes do açúcar e álcool, algodão, batata, café, carnes (bovinas, suínas e aves), florestal (papel e celulose), hortifrútiis, laranja, leite, milho, soja e trigo participaram daquela discussão e, ao final, constatou-se que os desdobramentos daquela crise tinham alcançado alguns setores como implementos agrícolas, trigo, leite e açúcar, além de atrasar o cronograma de harmonização de políticas macroeconômicas ou setoriais.

40

Com a conclusão do pleito eleitoral de 2002, uma mudança direta chegou à ABAG. Roberto Rodrigues, presidente da entidade na ocasião, foi convidado pelo governo eleito, de Luis Inácio Lula da Silva, para ocupar o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Quem assumiu no seu lugar foi o bacharel em física pela Universidade de São Paulo e que, na época, presidia a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), Carlo Lovatelli. “Com a ida de Roberto Rodrigues para o Ministério, ele me indicou para substituí-lo na presidência da associação, o que me fez acumular com a presidência da ABIOVE, colocando-me em evidência perante o mundo político do agronegócio. A ABAG, nesse período, passou a incluir mais participantes na sua gestão, empresas patrocinadoras e líderes das várias áreas, conseguindo até transferir sua sede de um pequeno escritório no centro de São Paulo para um novo, bem mais espaçoso, situado na excelsa Avenida Paulista. Demos, nessa época, um considerável impulso qualitativo e quantitativo no Congresso Brasileiro do Agronegócio, realizado anualmente, que passou a convidar líderes de todas as áreas para dividir suas ideias conosco, e que passou a ser uma referência informativa e atualizadora do setor”, recorda Carlo Lovatelli, que seguiu à frente da ABAG por três gestões, entre 2002 e 2011.



*ABAG enviou carta aberta ao novo presidente, publicada nos jornais Correio Braziliense e Jornal de Brasília, reconhecendo a indicação de Roberto Rodrigues.*

Em 2003, o fortalecimento do agro brasileiro no exterior era fundamental. Em meio a crises, protecionismo e a necessidade de um amadurecimento das negociações com o mercado internacional, a ABAG uniu-se a outras entidades representativas para fundar o Instituto de Estudos do Comércio e das Negociações Internacionais (ICONE). Criado em parceria com a ABIOVE, a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS), Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (ABEF), União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (UNICA) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o Instituto ficou encarregado de desenvolver estudos e análises a respeito das políticas de comércio exterior, buscando abastecer o governo e as empresas brasileiras nos diferentes fóruns internacionais.

Em meio àquela nova fase política e econômica para o país, juntamente com outras associações ligadas ao agronegócio, a ABAG passou a fomentar um tema fundamental: transgênicos. “Quando iniciamos as ações, tínhamos um foco muito grande de trabalhar a imagem do agronegócio, olhando as cadeias produtivas. Ao mesmo tempo, já se discutia a grande fase de mudanças tecnológicas, sendo que a principal, naquele momento, era a questão dos OGMs. O pessoal do agro estava muito focado no desenvolvimento de ciência e tecnologia, liderado pela Embrapa e pela Esalq-USP, além de outras universidades”, recorda Luiz Carlos Corrêa Carvalho, à época diretor da ABAG e atual presidente da associação.

Com um entendimento maduro daquele assunto, o agro decidiu compartilhar com o governo da época seus estudos, sugerindo novos encaminhamentos. Por meio do documento “Posicionamento sobre Organismos Modificados Geneticamente”, foram apresentados argumentos que embasavam a necessidade de as novas políticas públicas implementadas atentarem para as contribuições da engenharia genética e seu potencial produtivo para o agronegócio nacional. O Brasil não poderia prescindir dos avanços tecnológicos em meio ao mercado globalizado e competitivo que estava posto. O documento citou também a Lei da Biossegurança e regulações sobre o tema que estavam em vigor desde 1995, reforçando a necessidade de avanço em pesquisa e na comercialização dos OGMs na agricultura nacional.

Por meio de vários embasamentos, a ABAG e outras representações do agro também apresentaram os resultados de áreas plantadas ao redor do mundo, que alcançaram crescimentos expressivos com a utilização dos OGMs. O tema já fazia parte das negociações na OMC e da declaração produzida a partir da Eco-92, no Rio de Janeiro, onde ficava clara a disposição da comunidade internacional no uso de medidas eficazes para a prevenção da degradação: “A ausência de certeza científica não deve ser usada como razão para postergar medidas eficazes e economicamente viáveis para prevenir a degradação quando houver ameaça de danos sérios ou irreparáveis”. A proposta era a retomada das pesquisas científicas e aprovações comerciais aos produtos OGMs, e buscava-se o fortalecimento da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), responsável pelas decisões técnicas.

Em 2003, a ABAG realizou o 2º Congresso Brasileiro de *Agribusiness*, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, evento que contou com a presença do presidente Lula. Diante do cenário bastante promissor para agro nacional, com safras cada vez mais pujantes, o tema “Construindo com Estratégia” era uma chamada da entidade para que todos vivenciassem aquele período de otimismo, com realismo e com muita estratégia. Muitos fatores levaram ao sucesso da produção brasileira, mas também havia muitos desafios para assegurar sua evolução crescente. “Eliminar entraves burocráticos, rever paradigmas e criar planos para o futuro são ações factíveis a partir de esforços conjuntos, envolvendo governo e iniciativa privada”, pontuou Lovatelli à época.

A pauta da biossegurança ganhou ainda mais força na agenda de ações da ABAG em 2004, quando foi realizado o 1º Encontro sobre o Tema da Biossegurança, para discutir junto ao setor o Projeto de Lei de Biossegurança, a PL 2.401, proposta no ano anterior. Naquele momento, a ABAG envolveu-se em diferentes iniciativas ligadas ao assunto, reunindo as propostas de revisão da PL e levando o tema à OMC, em Brasília.



*2º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado em 2003, no Palácio do Itamaraty, contou com a presença de autoridades.*

## DIÁLOGO COM O MUNDO

Diante dos diferentes assuntos ligados ao agronegócio, a ABAG contribuiu para o diálogo com o mercado internacional por meio de iniciativas como a Comissão Mista Brasil-Alemanha, em 2004. “O Brasil já despontava como um grande competidor internacional com força e que teria capacidade de fazer a diferença. Diante disso, naquele período, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, convenceu o presidente Lula a sugerir ao chanceler alemão Gerhard Schröder, a criação de uma comissão bilateral Brasil Alemanha. A proposta foi aceita, e designamos como representação empresarial a ABAG, para realizarem um trabalho de cooperação no agronegócio. Posteriormente, a comissão passou ser coordenada pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)”, recorda Ingo Plöger, à época responsável pela área de atração de investimentos no ministério e atual vice-presidente da ABAG.

No primeiro encontro realizado com a comitiva alemã, o presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, foi o coordenador, representando o Brasil. Da mesma forma, ficou responsável por organizar um programa de visitas para 14 representantes de empresas e órgãos do governo alemão, que participaram de encontros para conhecer a agricultura e agroindústria nacional, além de marcarem presença na maior feira de agronegócio do país, a Agrishow. Em meio a esse diálogo entre nações, Lovatelli moderou a 3ª edição do Encontro da Comissão Mista Brasil Alemanha de Cooperação Econômica, realizada pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha (AHK), no Landesbank Baden-Württemberg, em Stuttgart, na Alemanha. Neste ambiente, o então vice-ministro e secretário de Agricultura alemão, Mathias Berninger, propôs a criação de um contrato de longo prazo para que o Brasil fornecesse soja convencional para a Alemanha.

A relação se estendeu e alcançou outros temas. Na Conferência sobre Biocombustíveis, que reuniu nações como Filipinas, Indonésia, Japão, Tailândia, África, Brasil e Alemanha, em 2004, destacou-se a necessidade de o mundo reduzir a dependência do petróleo e encontrar novas alternativas, e que o Brasil poderia contribuir muito por conta da sua liderança na produção de etanol. No 4º Encontro da Comissão Mista Brasil-Alemanha para o Agronegócio, em Berlim, realizado naquele mesmo ano, discutiu-se a criação de um plano estratégico para a divulgação do etanol e dos carros *flex fuel* na Alemanha.

Dando continuidade ao tema do etanol naquele ano, o diretor da ABAG e presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool na época, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, foi convocado pelo MAPA para levar a proposta do etanol brasileiro a novos mercados. Por isso, visitou Tóquio, no Japão, para apresentar aos diferentes órgãos daquele país o projeto de expansão de biocombustíveis no Brasil – em parceria com o BNDES – e a proposta de liberação de recursos para estudos e desenvolvimento tecnológico do Polo de Biocombustíveis, criado na Esalq-USP. Enquanto isso, Lovatelli apresentou no seminário “Brazil - US Agricultural Summit”, mais especificamente no painel “Faria Sentido uma Estratégia Comum nos Assuntos Sanitários e Fitossanitários entre Brasil e os EUA?”, realizado na Câmara

de Comércio Americana, em Washington (DC), alguns caminhos de alinhamento de sanidade e fitossanidade entre o Brasil e os EUA, a fim de evitar problemas como os ocorridos quando um carregamento com soja brasileira foi devolvido pela China, sob a alegação de conter até 0,2% de impurezas, limite previsto pelas regras internacionais.

Nas pautas nacionais, a ABAG acompanhava discussões como a redução da alíquota do PIS e da COFINS. Por meio da união entre ABAG, Associação Brasileira de Sementes e Mudas (ABRASEM), Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (SINDAG) e Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), um documento foi entregue ao MAPA solicitando a redução da base de cálculo em 60%. A associação também participou do encaminhamento de emendas para a modificação da Medida Provisória nº 183, que reduzia as alíquotas do PIS/PASEP e da COFINS, incidentes na importação e na comercialização do mercado interno de fertilizantes e defensivos agropecuários classificados no Capítulo 31 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Esse movimento uniu forças na Caminhada Pró-Alimentar a Brasília, que defendia a cesta básica e a redução nas alíquotas.

Quando foi revogada a Portaria nº 44, de 15 de setembro de 2004, que obrigava os produtores rurais a averbarem em Cartório de Registro de Imóveis, como Reserva Legal, 20% da área da propriedade, a ABAG reuniu-se com o então secretário da Agricultura de São Paulo, Duarte Nogueira, com o secretário do Meio Ambiente, José Goldemberg, com o deputado federal Antônio Carlos Mendes Thame e com representantes das entidades do agronegócio, para debater a criação de um anteprojeto de lei que resolvesse definitivamente a questão da Reserva Legal em São Paulo. A ABAG assumia uma agenda cada vez mais intensa e cumpria o que se propunha a fazer sempre de forma muito propositiva. Neste ano, apresentou o projeto Sistema de Qualidade nas Cadeias Agroindustriais (Qualiagro). Posteriormente, foi realizado o primeiro encontro dedicado ao tema, a fim de se criar uma base de conhecimento e orientações para qualificar as cadeias do agronegócio.

O trabalho da ABAG, em 2004, também se demonstrava pujante na realização de eventos, como o 1º Fórum Sobre Parcerias Público-Privadas (PPPs), realizado no Hotel Intercontinental, em São Paulo. Para debater o novo cenário, a entidade convidou o relator do projeto de lei referente ao tema, o senador Valdir Raupp, juntamente com outras representações e órgãos governamentais. Na ocasião, discutiu-se as legislações estaduais e federais para as PPPs, utilizando como exemplo São Paulo e Goiás, salientando a importância da criação de marcos regulatórios para atração de investimentos estrangeiros. Aquele ano foi marcado por grandes eventos do Sistema Agrishow, como os que ocorreram em Rio Verde (GO), pela Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo), que registrou R\$ 400 milhões em negócios; o Agrishow Cerrado, em Rondonópolis, Mato Grosso, evento que arrecadou R\$ 1,3 bilhão em negócios; a tradicional edição em Ribeirão Preto, com mais R\$ 1,8 bilhão em negócios, 800 estandes e 152 mil participantes; e a 1ª Agrishow Nordeste, em Luis Eduardo Guimarães (BA), que movimentou R\$ 381 milhões e atraiu 19 mil pessoas.

Por falar em eventos marcantes, em 2004, a ABAG realizou o 3º Congresso Brasileiro de Agribusiness, com o tema “Criando Vantagens Competitivas”, no Hotel Transamérica, em São Paulo. Mesmo jovem, em sua terceira edição, o evento havia se estabelecido como principal fórum de debate do setor. Por meio de seus anais, era possível ver a história do agronegócio no país. Uma história de muito sucesso, por sinal, com geração de emprego e renda, expansão da produção agroindustrial e protagonismo internacional, momento em que o agro brasileiro estava alcançando as melhores posições como exportador mundial de alimentos, fibras e energia renovável. “Os ventos sopram a favor na conjuntura internacional. Devemos aproveitá-los para criar vantagens competitivas para o agronegócio nacional. Isto é prioridade para o desenvolvimento do país. Significa fortalecer sua vocação natural, sua capacidade gerencial e seu potencial produtivo”, ressaltou Lovatelli.



45



3ª edição do Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado em 2004.



CAPÍTULO

3



# Integração, liderança e protagonismo

A força dinâmica e muito proativa com que a ABAG estava sendo conduzida impulsionou a reeleição de Carlo Lovatelli, que se manteve no cargo por unanimidade, em 2005. A entidade estava presente em todos os momentos e nas pautas imprescindíveis ao agro e ao desenvolvimento do país. Seu trabalho contribuiu e muito para a promulgação da Lei 11.105, de 24 de março daquele ano, que estabelecia normas de segurança e mecanismos de fiscalização de atividades que envolviam organismos geneticamente modificados e seus derivados. “Esse trabalho foi importante para balizar esse novo conceito produtivo junto às autoridades constituídas com o intuito de se esclarecer as vantagens e desvantagens do mesmo, cuja iniciativa municiou a Lei de Biossegurança”, ressalta Lovatelli.

No momento em que a safra 2003/2004 alcançou patamar menor do que foi registrado na safra anterior - 119,085 milhões de toneladas de grãos, 3,68% menor que a colhida em 2003 (123,632 milhões de toneladas) -, a ABAG e outras entidades do agro foram em busca de soluções durante a 3ª Sessão Legislativa dos Deputados, em Brasília. Ao longo de duas audiências, os representantes do setor apontaram o problema do Custo Brasil como o grande vilão da produtividade daquele período. Havia elevação do preço dos insumos, máquinas e serviços; incompatibilidade entre o custo de produção e o preço recebido pelos agricultores, além dos custos para o controle da ferrugem da soja.

Em meio à proximidade da 2ª Reunião de Partes do Protocolo de Cartagena, em Montreal (Canadá), algumas inclusões de artigos no Protocolo de Biossegurança foram debatidas pelo setor. Uma delas dizia respeito aos Organismos Vivos Modificados (OVMs) destinados ao uso direto como alimento humano e animal. Diante daqueles pontos, em 2005, a ABAG, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) e Sociedade Rural Brasileira (SRB) encaminharam moção ao governo federal solicitando posição favorável à adoção da expressão “pode conter” OVMs, aceita pelo governo.

Naquele mesmo ano, o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, instalou a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Algodão e seus Derivados no Centro de Convenções de Cuiabá (MS), que contou com a participação de representantes do agro, incluindo a ABAG. Em sua 1ª Reunião Ordinária, já na sede da CNA, em Brasília, o grupo discutiu questões como custos de escoamento do algodão na exportação e vendas, e debateu temas como qualidade, programas de apoio governamental de produção baseado na área plantada, apuração do custo real de produção, taxa do câmbio, crédito de custeio, transgênicos, manejo ambiental e social, criação do Instituto Social do Algodão, dentre outros assuntos.

A ABAG estava na Câmara Setorial de Insumos Agropecuários (CSIA), na Câmara Temática de Infraestrutura e Logística do Agronegócio (CTLOG), no Conselho do Agronegócio (Consagro), no Comitê da Agroindústria (CAI) na Fiesp. Atuava também pela continuidade da Comissão Mista Brasil-Alemanha para o Agronegócio; participava da Rede de Inovação e Prospecção Tecnológica para o Agronegócio (RIPA), realizada em diversas regiões do país; apoiava projetos como o BioBrasil, ação do Instituto para o Desenvolvimento Socioambiental (IDeSA) e

da Associação Brasileira de Sementes e Mudas (Abrasem), e o Seminário Perspectivas para o Agribusiness 2005-2006, organizado pelo MAPA e pela BM&F, que contou com a participação de cerca de 700 pessoas.

Fruto de um trabalho diário da ABAG, juntamente com outras entidades setoriais, o agronegócio estava ganhando musculatura. Muitos diálogos, soluções e novos caminhos que nasceram naquela época foram engendrados pelo comprometimento da ABAG. Naquele ano de 2005, a associação ampliou o debate com a realização do 2º Fórum ABAG, que se voltou ao tema “O Impacto do Câmbio no Agronegócio”, no Hotel Grand Mercure Ibirapuera, em São Paulo. O assunto chamou a atenção no período, frente à desvalorização do dólar ante ao real, configurando-se um dos pontos que desafiavam a sustentabilidade econômica do setor. O evento contribuiu para esclarecer o cenário do câmbio brasileiro, compreendendo sua trajetória histórica, as diferenças entre câmbio fixo e flutuante, as operações de *hedge* (que buscam reduzir os riscos de variação de investimentos) e as influências do câmbio na formação de preços dos insumos agrícolas (fertilizantes, defensivos e sementes).



2ª edição do Fórum ABAG, um espaço importante de atualização do setor.

A desvalorização do dólar frente ao real também figurou nas discussões do 4º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado no Hotel Gran Meliá São Paulo, com mais de 700 participantes. Com o tema “Alimento, Energia e Sustentabilidade”, foram discutidos tantos os avanços quanto as dificuldades registradas naquele período, com destaque para a safra 2004/2005 de cereais e oleaginosas, comprometida em função da quebra da colheita e baixos preços na comercialização; e para a questão da frágil estrutura logística nacional em armazenagem, transportes e portos com os quais a produção rural brasileira precisava lidar. Além destes desafios, o Congresso fomentou a construção de um agro que deveria se desenvolver em três vertentes: econômica, responsabilidade social e equilíbrio ambiental. “Precisamos adequar os marcos regulatórios ligados às reservas legais e às áreas de preservação permanente de maneira pragmática e compatível com a realidade”, pontuou Lovatelli na ocasião.

50



*A 3ª edição do CBA foi um sucesso de público e ajudou a atualizar as principais discussões daquele momento.* ●



*Realização do 3º CBA, com entrega do Prêmio Personalidade do Agronegócio de 2005 ao engenheiro agrônomo Fernando Penteadado Cardoso.*

## A BUSCA PELO RECONHECIMENTO

O protagonismo do agro na economia brasileira estava claro, mas esse reconhecimento precisava ser efetivo e consolidado em políticas públicas. Por meio de sua produtividade e redução de custos, as diferentes cadeias do agro revestiam esses bons números em preços mais acessíveis e, conseqüentemente, maior poder aquisitivo das famílias brasileiras, que passavam a ter acesso a uma maior oferta de produtos. “O agronegócio abasteceu, de forma regular e a preços decrescentes, o amplo mercado brasileiro de alimentos e de outros produtos agropecuários. Alimentos mais baratos ajudaram no combate à fome e fortaleceram a renda, particularmente dos mais pobres, permitindo maior participação no consumo de outros produtos e serviços não agrícolas”, ressaltou em artigo da época o então ministro do MAPA, Luiz Carlos Guedes Pinto.

A cada ano, uma grande agenda de ações da ABAG dava prosseguimento à caminhada pelos temas de maior interesse do produtor e da sociedade. Não foi diferente em 2006. Ainda no começo do século XXI, a questão do desmatamento na região amazônica se tornou foco de grande atenção da sociedade nacional e internacional e muitos apontavam a soja como responsável. “Esses rumores geraram um movimento internacional de protesto e que foi materializado via interferências ativas e frequentes de ONGs e da mídia em geral, contra as grandes empresas (compradoras, exportadoras, processadoras) de soja no país”, recorda Lovatelli.

Em resposta àquelas polêmicas, a ABAG e empresas ligadas à ABIOVE e ANEC estabeleceram um pacto que tinha como principal regra a não aquisição de soja produzida em áreas de desmatamento ilegal, que ficou conhecido como Moratória da Soja. Feito isso, o acordo foi divulgado de forma geral, nacional e internacionalmente, e um sistema de monitoramento foi montado para apontar aqueles que não respeitassem as regras do pacto. Segundo Lovatelli, “tais propriedades foram excluídas do planejamento de compras das empresas associadas, o que motivou uma imediata redução drástica deste tipo de desmatamento (e que não era tão expressivo). Além disso, teve o reconhecimento global de que o Brasil tinha tomado uma decisão admirável de conduta e que recolocou novamente todos os *players* em perfeita harmonia”.

A ABAG seguia analisando as estimativas e os desdobramentos das safras, valores de exportação, preços de insumos e muitos outros indicadores, avaliando seus saldos e repercussões, sempre atenta aos impactos daqueles números para a tomada de decisões em defesa do agro nos órgãos representativos ou instâncias internacionais. Em 2006, por exemplo, acompanhou de perto a trajetória da cultura do algodão no país, por meio da análise de seus números, incentivos à tecnologia, acompanhamento da situação financeira dos produtores, renegociação de dívidas, crédito para a próxima safra e também esteve presente quando se falou, naquele período, sobre produção sustentável.

Estava presente também nas discussões da Câmara Temática de Insumos Agropecuários, com o vice-presidente da ABAG à época, Cristiano Walter Simon, presidindo o espaço. A Câmara realizou dez reuniões ordinárias e 15 extraordinárias, alcançando diretrizes importantes como adequação da legislação sobre tributação, melhoria da infraestrutura de logística para comportar a produção e distribuição de insumos e produtos, garantia da competitividade em biotecnologia, inibição do contrabando/pirataria, intensificação da fiscalização e inspeção, dentre outros. Na Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel, presidida por Carlo Lovatelli, foram criados, em 2006, grupos de trabalho que tratavam de temas como fomento à produção e tecnologia agrícola, biodiesel, tributação e sustentabilidade.

A ABAG investia seus esforços nas ações produzidas na Comissão Mista Brasil-Alemanha e, naquele ano, Lovatelli e Luiz Carlos Corrêa Carvalho, ao lado de representantes da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), Planeta Orgânico, ApexBrasil, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e outros, visitaram a Alemanha com o propósito de estreitar relações comerciais e fomentar a exportação. A ABAG também acompanhou as discussões ocorridas na II Conferência Internacional sobre Rastreabilidade de Alimentos, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, um evento realizado pelo MAPA, com apoio da ABAG, Fundo Setorial do Agronegócio, Instituto Interamericano de Cooperação para

a Agricultura do Distrito Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia. Os debates promovidos por aquele evento abordaram temas como importância da rastreabilidade para a segurança alimentar, OVMS, sustentabilidade da cadeia produtiva, acordos internacionais e bem-estar animal.

Em 2006, a ABAG organizou o seu 5º Fórum, voltado para o tema eleições. Realizado no Hotel Intercontinental, em São Paulo, com a presença de cerca de 100 pessoas, o evento reuniu 15 propostas prioritárias para os presidentes. Esse conjunto de sugestões envolvia dotação orçamentária, crédito, endividamento rural, seguro rural, renda, contrato nas cadeias produtivas, negociação internacional, defesa sanitária, normas, certificações etc. Ao final, as propostas foram incorporadas aos debates do 5º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado naquele ano. A associação também avançou em novas edições do evento, como o 6º Fórum ABAG, para tratar do tema sustentabilidade, no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. Naquela ocasião, foi debatida a necessária convergência da agricultura familiar com a agroindústria, a importância de se ter um compromisso ético com as futuras gerações e a necessidade de se estabelecer ações concretas favoráveis ao futuro do país. Da mesma forma, a ABAG promoveu a 7ª edição do Fórum, abrindo espaço para a agroenergia. Realizado em Araucária, Ribeirão Preto, o evento colocou em pauta discussões como o álcool combustível e o meio ambiente, o etanol e o petróleo, a visão da indústria automotiva e o biodiesel no Brasil.



ABAG realizou a 5ª edição do seu Fórum, em 2006. ●

Com a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), em 2006, a ABAG realizou o 1º Workshop do Sistema de Qualidade nas Cadeias Agroindustriais, em Piracicaba (SP), com o propósito de apresentar os resultados da primeira fase do Projeto Qualiagro. Dentre as metas prioritárias propostas na iniciativa, estavam: estabelecimento de um marco institucional dos mecanismos existentes e recomendáveis da qualidade do agronegócio; sistematizar métodos/requisitos da rastreabilidade e elaborar termo de referência para criação de norma geral de rastreabilidade em cadeias do agronegócio; avaliar impactos da gestão da qualidade e propor mecanismos de monitoramento da competitividade e sustentabilidade nas cadeias de carne bovina e soja; caracterizar as tendências e demandas de normalização no agronegócio de maneira a estabelecer uma agenda de prioridades para o Brasil.

Apesar da valorização do real frente ao dólar naquele período, e de outros problemas enfrentados pela produção agrícola, com a competência dos produtores rurais, o Brasil bateu recorde em exportações em 2006, que somaram US\$ 49,422 bilhões (13,4% maior que o ano anterior), com a soja, carnes e cana-de-açúcar à frente do ranking de produtos mais exportados. Os bons números ajudaram o país a garantir maior estabilidade em relação a alguns assuntos relacionados a contas externas, e possibilitaram a importação de tecnologia e insumos necessários ao desenvolvimento do agro. Infelizmente, muitos agricultores sofreram reveses com a seca, sem falar no aparecimento de doenças como a febre aftosa e a ameaça de influenza aviária. Outro contratempo ao produtor foi o embargo à carne brasileira, por razões sanitárias ou protecionistas, situações que exigiram das representações do setor e do próprio governo uma série de medidas para garantir que os agricultores se mantivessem ativos em meio a esses problemas.

A ABAG realizou, naquele ano de 2006, seu 5º Congresso Brasileiro de *Agribusiness*, com o tema “Bases para o Futuro”. Em ano eleitoral, um grande balanço da trajetória do agro constatou que o progresso havia sido tímido e não estava no patamar que poderia colocar o Brasil em posição inédita no cenário internacional. Gargalos permaneciam retardando a produção, faltavam políticas públicas, macroeconômicas e setoriais. “A lição que tiramos é que ainda que detenhamos a melhor tecnologia, a melhor gestão, a maior competitividade produtiva, que contemos com líderes infalíveis e outros tantos atributos, ainda assim não será o bastante. É essencial que o setor tenha sua importância social e econômica reconhecida, e que tenha importância proporcional na esfera política”, ressaltou Lovatelli na época.



A 5ª edição do CBA debateu o futuro do agro em um ano eleitoral. ●



Nesta edição do evento, ABAG homenageou, com o Prêmio Personalidade do Agronegócio 2006, o engenheiro agrônomo Alysson Paolinelli. ●



5ª edição do CBA, realizado em 2006. ●

## A FORÇA DO AGRO

O ano de 2007 foi desafiador para a produção agrícola do Brasil. No início daquele período, a União Europeia (UE) visitou o país para avaliar a situação da produção de carne, do setor avícola e da pesca. Também buscou identificar a questão dos resíduos tóxicos, o sistema de rastreabilidade do gado, febre aftosa, contaminantes no café e em outros alimentos. No ano anterior, problemas fitossanitários e solicitações de embargos da concorrência europeia a certos produtos atrapalharam a dinâmica comercial do Brasil com o bloco europeu. Além de compreender como o agro nacional estava caminhando, suas boas práticas de fabricação e a confiabilidade de seus alimentos, a UE também esteve com seus representantes no Brasil para inspecionar a produção e exportação de soja transgênica, inaugurando seu “interesse” na utilização de produtos transgênicos.

Dando continuidade aos esforços de preservação da Amazônia, a ABAG participou de encontros do Grupo de Trabalho Tripartite para a criação de um Sistema de Verificação da Atividade Agropecuária, na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Em meio àqueles debates, a entidade abriu seus espaços para tratar do combate ao trabalho análogo à escravidão, em defesa das melhorias de condições sociais no campo. Também realizou evento do Grupo de Trabalho da Soja, formado por representantes da ABIOVE e ANEC, no WTC Hotel, momento em que foram discutidos temas que estavam no radar do agro como sustentabilidade, relações institucionais, mapeamento e monitoramento, educação, informação, Código Florestal e moratória. Outro espaço no qual a ABAG marcou presença foi o Conselho da Mesa Redonda da Soja Responsável (CMRR). Criada em 2006, a iniciativa possibilitou um grande alinhamento do agro à pauta da sustentabilidade, definindo padrões socioambientais a serem observados na produção, processamento e comercialização da soja. A proposta foi criar, até 2009, um documento com critérios de sustentabilidade que norteariam toda a cadeia produtiva do grão.

Alinhado ao tema e na busca por soluções de combate ao protecionismo global, nasceu, em 2007, o Instituto para o Agronegócio Responsável (ARES), dedicado a contribuir para implementação do desenvolvimento sustentável no setor. Formado por 19 entidades do agro, entre elas ABAG, a Associação Brasileira

dos Produtores e Exportadores de Frangos (ABEF), Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABIPECS), Associação Brasileira dos Produtores de Soja (APROSOJA) e União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (UNICA), o instituto iniciou seus trabalhos com a análise da situação ambiental, social e legal de dez cadeias produtivas do agro, dentre elas a cana-de-açúcar, proteína animal e soja, buscando estimular práticas mais sustentáveis no campo, para eliminação de barreiras não tarifárias.

Em 2007, a ABAG também atuou no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), sendo representada pelo diretor técnico na época, Luiz Antonio Pinazza, como suplente do Conselho. O assunto havia alcançado um grande avanço com a sanção da Lei de Segurança Alimentar, a Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que, dentre outros temas, criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada. Também em 2007, a ABAG foi convidada para participar do novo Conselho Superior de Estudos Avançados (Consea), da Fiesp, composto por 42 conselheiros e comprometido com a construção de uma agenda com temas que se traduzissem em políticas públicas, projetos e anteprojetos de interesse da indústria e do país. Diante das novas demandas e alternativas para o futuro, juntamente com a CNA, Força Sindical, OCB e SRB, a ABAG participou da criação do Comitê Nacional da Agroenergia, um espaço com o propósito de se refletir e dar providências sobre os novos rumos energéticos e seus impactos na revolução agrícola do século XXI.

O Sistema Agrishow de 2007 movimentou a produção rural com muitas novidades. Em Ribeirão Preto, na 14ª edição do evento, registrou-se um desempenho 42% superior ao identificado no ano anterior, com R\$ 710 milhões em negócios. Cerca de 140 mil

pessoas participaram da Feira, e muitas autoridades estiveram presentes naquela edição, dentre elas o ex-vice-presidente do Banco do Brasil, Ricardo Conceição, que foi homenageado por suas contribuições ao agronegócio no país. Ocorreram também as edições da Agrishow em Luís Eduardo Magalhães (BA), com 25 mil visitantes e 120 expositores, e a Agrishow Semiárido, em Petrolina (PE), que reuniu mais de 28 mil pessoas e registrou um faturamento de R\$ 8 milhões em negócios. Pequenos agricultores de 60 municípios de cinco estados nordestinos participaram da Feira.

Dando continuidade à programação de 2007, a ABAG organizou seu 8º Fórum. Realizado em Brasília, na Câmara dos Deputados, o evento contou com a apresentação das 15 propostas para o desenvolvimento sustentável do agronegócio levadas aos presidentes no ano anterior, no 5º Congresso Brasileiro do Agribusiness. Participaram do evento representantes do Legislativo, do MAPA e de outras entidades do agro. Mais de 100 pessoas acompanharam os desdobramentos do Plano de Safra 2007/2008 e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com previsões de projetos ligados à infraestrutura e logística até 2010. No 9º Fórum ABAG, o tema debatido foi certificação do agronegócio. Realizado no Hotel Maksould Plaza, em São Paulo, o evento contou com a participação do Instituto de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). A ABAG também deu início ao Projeto Qualiagro II, um projeto financiado pelo Fundo Setorial do Agronegócio (CT-Agro e MCT/Finep), com o propósito de desenvolver normas para *commodities* agrícolas, analisar barreiras de comércio e estudar modelos de governança nas certificações.

Na busca por integração e sustentabilidade, a ABAG realizou em 2007 o 6º Congresso Brasileiro de Agribusiness, no WTC Hotel,

em São Paulo. Com o tema “Brasil: um só agronegócio”, o evento analisou pautas como a não separação entre agricultura alimentar e energética, e entre o familiar e o empresarial. Em meio à diversidade de tecnologias e formas de gestão, o campo era um só e, entre 2000 e 2006, entregou uma vocação exportadora fabulosa, que saltou de US\$ 20,6 bilhões para US\$ 49,4 bilhões em vendas externas. Em meio ao despertar da agroenergia no mundo, o setor rural brasileiro demonstrou seu protagonismo e, diante das barreiras técnicas de comércio, estabeleceu-se como ávido defensor das normas, regulamentações e avaliações de conformidade. “Outro caminho importante é o da sustentabilidade, baseado no *Triple Bottom Line*. É fundamental o equilíbrio entre a produção, o meio ambiente e as questões sociais. É mais uma questão de responsabilidade e atitude. Isso tem saído rapidamente da esfera teórica e tem se incorporado no mundo dos negócios”, ressaltou Lovatelli.



*Presença de José Serra, então governador do estado de São Paulo, na 6ª edição do CBA.*



*A 6ª edição do CBA, em 2007, contou com a presença do setor e de autoridades.* ●

O trabalho da ABAG em 2007 foi intenso, desafiador, mas, ao final daquele período, recompensador, pois a produção agropecuária brasileira cumpriu com as expectativas e exportou como nunca, com proteína animal e grãos puxando as vendas externas (alta de 18,2% em relação ao ano anterior, alcançando a marca de US\$ 58,41 bilhões). Vale destacar o bom desempenho do setor de carnes, em meio às questões sanitárias e protecionistas que ocorreram naquela época, demonstrando a força das representações do agro para destravar o mercado, por meio do diálogo com o segmento produtivo e tomadores de decisões.

O ano de 2008 chegou e, com ele, uma grave crise global se avizinhava. Iniciada no mercado imobiliário americano, especialmente no segmento de hipotecas, a crise foi o resultado de um ciclo imobiliário expansionista e, ao mesmo tempo, desarmônico com o aumento da taxa básica de juros dos EUA, o que encareceu o crédito e provocou inadimplência. Em meio às incertezas daquela crise anunciada, aquele ano foi marcado pela força-tarefa governamental para reduzir, no Brasil, os impactos da crise do *subprime*. Eles chegaram a ser minimizados por algum tempo, mas os efeitos vieram, trazendo desindustrialização e crise fiscal.

De olho nos acontecimentos e nos efeitos daquele contexto, a ABAG contribuiu muito para manter o agronegócio atualizado e munido de informação de qualidade. Por meio de uma programação extensa, realizou fóruns que sinalizavam pontos de atenção para o produtor, como barreiras técnicas do comércio, sustentabilidade, rastreabilidade, agroenergia e Reforma Tributária, que seguia como um assunto indispensável para o avanço do cenário econômico no Brasil. Ao mesmo tempo, reservou espaços para tratar da conjuntura econômica, fortalecer o protagonismo do agro brasileiro diante de um mundo cada vez mais demandando alimentos, com destaque para a pressão vinda de países populosos como a China. Tal vocação se mostrou muito necessária para auxiliar o agro quando a crise internacional avançou.

O foco do 7º Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel, em São Paulo, em 2008, foi “Agronegócio e Sustentabilidade”. Tema cada vez mais potencializado para a prática e realização do que nos períodos anteriores, a sustentabilidade estava na pauta do mundo e, naquele momento, o agronegócio tinha a missão de embarcar definitivamente no tema. “O agronegócio brasileiro não pode andar de costas e ignorar essa onda. No sistema de alimentos, fibras e biomassa, está a base de sua sustentação econômica para o mercado interno e externo. Como a sustentabilidade é uma quebra de paradigma de dimensão mundial, fazemos parte dessa realidade. Mas temos de lembrar que se trata de um processo, de um ciclo de aprendizado e modernizador”, alertou Lovatelli.





Realizado 7º CBA, em 2008, com grande público e presença de nomes como o então deputado Reinhold Stephanes (na foto, no púlpito).

O Brasil encerrou 2008 produzindo muito, chegando a superar os resultados da safra de grãos do ano anterior. Segundo o IBGE, foram colhidas mais 10.791.781 toneladas a mais do que 2007, alcançando 138.956.543 toneladas, a maior safra de grãos do país. Da mesma forma, ao final daquele ano, as exportações brasileiras registraram um aumento de 69 bilhões, 24% a mais que no ano anterior, impulsionados pelo crescimento do volume comercializado, com destaque para o bom desempenho do óleo de soja (46,20%), soja em grão (40,5%) e farelo de soja (35,78%). Proteína animal também apresentou bom desempenho nesse período, como a carne suína (27%), bovina (17,48%) e frango (16,25%).

Em meio a um ambiente de globalização financeira, a crise alcançou o Brasil mais fortemente em 2009. Principal responsável pelo desempenho positivo da balança comercial e uma grande fatia do PIB, o agronegócio começou a sentir os impactos daquela crise por conta da volatilidade nas cotações das *commodities* (sobretudo, milho e soja), redução e encarecimento de crédito, contração das linhas de financiamento externo, aumento da taxa cambial efetiva do agronegócio por conta da desvalorização da moeda nacional, dentre tantos outros desdobramentos que desafiaram a economia brasileira e mundial. Naquele ano, em um cenário de estimativas preocupantes sobre o futuro, a ABAG intensificou o diálogo com todas as cadeias produtivas e promoveu espaços com foco em soluções, as alternativas e os novos caminhos de reinvenção. Foi o caso do seu 14º Fórum, com o tema “Desdobramentos da Crise”. Realizado em São Paulo, em março de 2009, o evento contou com a presença de parlamentares, entidades parceiras, representantes de instituições financeiras e de empresas, que compartilharam com o público suas percepções a respeito do cenário e soluções prováveis e conjuntas que poderiam ser colocadas em prática o quanto antes.

Mas não foi apenas sobre economia e crise que os fóruns da ABAG promoveram discussões: era preciso avançar, e esse progresso precisava ser sólido e seguro.



*Realizado 8º CBA, em 2009. Na ocasião, a diretora Mônica Bergamaschi e o então vice-presidente da ABAG, Caio Carvalho, entregaram o Prêmio Personalidade do Agronegócio 2009 para o então diretor do Sindicato Rural de Ribeirão Preto Eduardo Diniz Junqueira.*

Por isso, no 15º Fórum, realizado em São Paulo, em junho de 2009, o tema da logística reuniu a comunidade do agro para saber de que forma poderia ser resolvida a questão da demanda de contêineres. Enquanto o Brasil do campo crescia, ele precisava que seus equipamentos logísticos acompanhassem as novas demandas, caso contrário o país ficaria perto de um apagão.

Em 2009, a ABAG realizou, no Sheraton São Paulo WTC Hotel, seu 8º Congresso Brasileiro de Agribusiness para falar sobre um assunto muito importante para aqueles momentos de crise: resiliência e senso de oportunidade. Por isso, com o tema “Agronegócio é sustentabilidade: crise e oportunidades”, o evento foi fundamental para, além de falar dos impactos da crise econômica global, mapear seus desdobramentos de forma diferenciada, ao longo das cadeias produtivas do agronegócio nacional. O Congresso também abordou a construção de novos caminhos que passavam pela sustentabilidade e um novo modelo de economia.

A ABAG também se dedicou à promoção de debates que contribuíssem com ações sustentáveis, de mitigação de

poluentes, em sintonia com a competitividade, e o crescimento da economia brasileira. Durante a 16ª edição do Forum da ABAG, realizado em Piracicaba (SP), e a 17ª edição, ocorrido em São Paulo, o agro brasileiro acompanhou as discussões que aconteciam na Conferência das Partes (COP-15), do Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas, em Copenhague (Dinamarca), realizada no final de 2009. Outra ação neste sentido, ocorrida naquele ano, foi a fundação da Aliança Brasileira pelo Clima, que reuniu 14 entidades ligadas ao agronegócio. Essa união teve como objetivo contribuir com propostas concretas para as negociações na COP-15. No final daquele ano, algumas respostas aos impactos da crise no agro vieram, como a queda de 9,8% das exportações, em comparação com os valores do ano anterior, por conta da retração de preços no mercado mundial. Além disso, o PIB da agropecuária brasileira recuou 6% (com R\$ 718 bilhões, em 2009, contra R\$ 764,6 bilhões, em 2008). Apesar dos números negativos e preocupantes, o agronegócio seguiu perseverança diante das adversidades e seus esforços foram recompensados no ano seguinte.





CAPÍTULO

4



# A resiliência do agro brasileiro

A primeira década do novo século chegou ao seu fim. A jornada teve seus momentos de grande turbulência, mas o agronegócio brasileiro, resiliente, absorveu o melhor daquela caminhada. “Essa foi uma fase muito importante, considerando que o processo de mudança passava necessariamente pela questão da tecnologia. Ou seja, a tecnologia empurrava as mudanças e, até certo ponto, de forma traumática. De lá para cá, as transformações aumentaram muito”, lembra Luiz Carlos Corrêa Carvalho, à época vice-presidente da ABAG. Pode não ter sido fácil para muitos alcançarem aqueles avanços, mas a marca do campo brasileiro já estava em todo lugar. Para se ter uma ideia, no começo de 2010, um em quatro produtos do agronegócio em circulação no mundo eram brasileiros. O agro nacional estava entre os mais competitivos do mundo.

Em meio ao protagonismo brasileiro na produção de alimentos do mundo, a ABAG passou por uma transformação interna, mudando seu nome para Associação Brasileira do Agronegócio e, para melhor atender a um público cada vez mais conectado nas redes, em 2010, reformulou seu site, passando a receber mais visitantes, que começaram a acompanhar, por meio de uma plataforma moderna e interativa, todas as atividades e realizações da entidade em defesa do agro brasileiro. Em consonância com as mudanças, o principal evento promovido pela ABAG – e um dos maiores da agenda nacional do setor –, também mudou de nome, para se chamar Congresso Brasileiro do Agronegócio. Além disso, por meio da parceria com a empresa Safras & Mercado (integrante do Grupo CMA), o Congresso passou a ser transmitido em tempo real, por meio da internet.

Com o tema “Cenários 2011 - Comunicação e Governança”, o *9º Congresso Brasileiro do Agronegócio*, realizado em 2010, no Sheraton São Paulo WTC Hotel, tratou da questão da imagem do agronegócio no país e do novo momento da política brasileira: as eleições. Buscando ampliar o diálogo com os presidentiáveis, Carlo Lovatelli assinou uma carta solicitando a cada candidato à presidência da República um vídeo de 20 minutos, para exibição no Painel “Proposta dos Candidatos à Presidência da República para o Agronegócio Brasileiro”, realizado no Congresso. Após consultar e colher informações e sugestões de aproximadamente 50 entidades do agro, a ABAG produziu o documento “Agronegócio – Desenvolvimento e Sustentabilidade – Plano de Ação 2011/2014/2020”, apresentando pontos fundamentais para a construção de uma nova política pública para o setor, seis pilares determinantes: garantia de renda para o produtor; infraestrutura e logística; política de comércio exterior; pesquisa, desenvolvimento e inovação; defesa agropecuária; institucionalidade.



Durante a 9ª edição do CBA, o Prêmio Personalidade do Ano 2010 foi para o advogado e produtor rural Flávio Teles de Menezes. Nesta edição, a ABAG lançou o Prêmio Norman Borlaug, engenheiro agrônomo líder da revolução verde no mundo, que faleceu em 2009.

Diante da escolha que impactaria nos próximos anos, o espaço reforçou a necessidade de o agronegócio ser tratado com absoluta prioridade. “É uma questão de estado e não de governo. O país carece hoje de racionalidade e coordenação na estrutura da administração pública para conduzir um setor bem complexo e imenso”, destacou Carlo Lovatelli. O evento também foi transmitido de forma *on-line*, para uma audiência de mais de 5 mil pessoas.

Outro tema muito caro ao agronegócio era sua contribuição para a erradicação da fome no Brasil. Dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) apontaram que, em 2009, houve a primeira queda do número de pessoas subnutridas no mundo em 15 anos (de 1,023 bilhão para 925 milhões). Apesar da redução deste cenário, os números ainda não alcançavam a meta do milênio de reduzir pela metade as vítimas da fome até 2015, estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) no começo do século XXI, com apoio de 191 nações. Em busca de soluções para essa questão, em 2010 a ABAG uniu-se à FAO e à Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF) para a promoção do Fórum Inovação Agricultura e Alimentos para o Futuro Sustentável, que debateu o papel da ciência e da tecnologia para o aumento das safras, a questão da qualidade, redução de preço dos alimentos e, claro, o fomento a uma produção sustentável. Ao final daquele ano, as exportações do agronegócio apresentaram um desempenho formidável, com 18% a mais do que no ano anterior (US\$ 76,4 bilhões, contra US\$ 64,7 bilhões, em 2009). O destaque foi o complexo sucroalcooleiro, responsável por 18% das exportações do agronegócio. Fazendo um balanço da década, as exportações do agro cresceram 270% (US\$ 76,4 bilhões, frente a US\$ 20,7 bilhões em 2000), com uma média de 14% a cada ano.

Em 2011, a ABAG criou o Comitê de Financiamento do Agronegócio, um espaço dedicado a reunir as principais propostas para as áreas de produção, finanças, bolsa e seguro, buscando encontrar caminhos profícuos ao investimento e comercialização da safra agrícola no país. Para abarcar o máximo de informações acerca daqueles assuntos, o espaço foi dividido em cinco subcomitês, que trataram de crédito rural, seguro rural, central de risco, apoio à comercialização e títulos privados. Outra ação daquele ano foi intensificar os canais de comunicação com o público por meio das mídias sociais. A necessidade de se comunicar de um jeito novo e arrojado com a comunidade do agro e a sociedade em geral foi abraçada completamente pela ABAG, que abriu perfis no Twitter e Facebook. Por meio daquelas plataformas, a associação amplificou o diálogo, possibilitando a interação com mais pessoas, bem como o compartilhamento de dados atualizados sobre o setor, estudos, parcerias, conquistas e eventos que movimentaram o setor trazendo informação e novas perspectivas para o setor.

Essas novas plataformas de comunicação também ajudaram a levar para cada vez mais pessoas o tema do *10º Congresso Brasileiro do Agronegócio*, em 2011, que tratou de “Mudanças e Paradigmas”. Durante o evento, realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel - e com transmissão *on-line* - foram debatidas as grandes

transformações que vinham a partir da constatação de que, em vez de serem comandados pela oferta (como ocorria há décadas) os preços das *commodities* começaram a ser conduzidos pela demanda. Em meio ao surgimento de novos produtos e serviços, alertou-se para a questão da regulação, a necessidade de uma política energética indutora de investimentos e o aumento dos esforços em pesquisa, desenvolvimento e inovação na agregação de valor. “Vivemos o limiar de transformações pouco antes imaginadas. O agronegócio precisará de vigor para levar o Brasil a outro patamar de importância. Os seus custos

estão altos. São importantes políticas de estímulo à produção. As vias do passado estão congestionadas. Esse trânsito lento é mortal para as ambições da sociedade”, ressaltou Lovatelli. Uma novidade daquela edição foi a realização do Workshop de Imprensa, realizado pela ABAG em parceria com a Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF), o Conselho de Informação sobre Biotecnologia (CIB), Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias e o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG).



*Na 10ª edição do CBA, a ABAG concedeu o Prêmio Norman Borlaug a Eliseu Roberto Alves de Andrade, engenheiro agrônomo com importante trabalho de pesquisa pela Embrapa.*

No 20º Fórum da ABAG, realizado em 2011, em São Paulo, a competitividade do transporte ferroviário foi o foco. Diante da insuficiência da malha ferroviária do país, frente ao crescimento da demanda, a entidade debateu a necessidade de modificação do marco regulatório de concessões ferroviárias a fim de separar a figura jurídica da concessionária de infraestrutura do operador de transporte ferroviário. Outro tema de relevância, discutido no 21º Fórum ABAG daquele ano foi o Código Florestal, também realizado em São Paulo. Mais do que nunca, o tema necessitava de novos olhares e a ABAG colocou essa questão nas pautas do agro, buscando incentivar a reflexão sobre qual legislação poderia contribuir para o desenvolvimento econômico e sustentável do país. Ao final de 2011, Lovatelli deixou a presidência da ABAG e quem assumiu foi o engenheiro agrônomo, formado pela Esalq-USP, e diretor da Canaplan, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, mais conhecido como Caio Carvalho.

## UMA ENTIDADE MAIS FORTE

Importante ponte de conexão entre o governo, as empresas e a sociedade, a ABAG construiu um legado de conhecimentos, representatividade e equilíbrio entre os diferentes elos das cadeias produtivas do agronegócio. Por meio de temas transversais, novos horizontes tecnológicos, segurança alimentar, sustentabilidade, a entidade forneceu as ferramentas da modernidade para embasar a transformação do agro brasileiro, colocando-o no centro das principais estratégias de desenvolvimento. À frente da entidade, Caio Carvalho assumiu o compromisso de impulsionar o tema da sustentabilidade, cada vez mais presente nas dimensões econômica, social e ambiental; a inovação, promovendo maiores interações da agropecuária brasileira com importantes braços de pesquisa, ciência e tecnologia existentes; e do protagonismo do agro, como grande força produtiva, com perspectivas sólidas de crescimento nacional e internacional.

Em 2012, o mundo voltou sua atenção para as discussões que aconteceram na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável - Rio+20, realizada no Rio de Janeiro, e as representações do agronegócio nacional estiveram presentes. Antes mesmo de sua realização, o 22º Fórum ABAG – Despertar para a Rio+20, que aconteceu no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, promoveu uma rica discussão que demonstrava o quão o agronegócio brasileiro já havia progredido em ações que equilibravam o ambiental, o social e econômico no processo produtivo.



*ABAG colocou o tema do meio ambiente em pauta durante seu 22º Fórum.*

Grande aliada na produção e preservação, a agropecuária brasileira apresentou, durante a Conferência, suas práticas modernas e sustentáveis por meio de três parcerias estratégicas: SustainAGRO, Agro Brasil e Seminário Fiesp. No SustainAGRO, formado por 30 entidades, foram compartilhados nas plataformas digitais cases de sucesso que aliavam aumento da produtividade à preservação do meio ambiente. Outra ação que também contou com a contribuição da ABAG foi o Espaço Agro Brasil, coordenado pela CNA, Embrapa, MAPA e com apoio de várias

entidades do setor. Naquele ambiente, instalado no Pier Mauá, no Rio de Janeiro, era possível conhecer cases que simbolizavam alguns dos avanços da agropecuária nacional, a exemplo do Projeto Biomas, agricultura de precisão e outros. Uma terceira iniciativa foi o seminário Segurança Alimentar e Sustentabilidade no Agronegócio, realizado no Forte Copacabana e organizado pela Fiesp, Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Prefeitura do Rio de Janeiro e Fundação Roberto Marinho.

O tema da sustentabilidade também esteve presente na última reunião da Comissão Mista de Cooperação Econômica Brasil-Alemanha, em Frankfurt (Alemanha), em 2012. Além do debate sobre economia verde, discutiu-se também a situação da indústria brasileira de açúcar e etanol, a questão dos produtos OGM e não-OGM no comércio bilateral, registro de novos ingredientes ativos para proteção de cultivos e outros assuntos voltados à inovação. Práticas sustentáveis foram debatidas em dois fóruns realizados pela ABAG naquele ano, com a apresentação da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) e seus efeitos benéficos na redução de Gases de Efeito Estufa (GEE) nas cidades de Maringá (PR) e em Bebedouro (SP). Os eventos foram realizados em parceria com as cooperativas Cocamar Cooperativa Agroindustrial, de Maringá, e Coopercitrus, de Bebedouro.



*ABAG contribuiu para a realização do espaço Agro Brasil durante a Rio+20.*

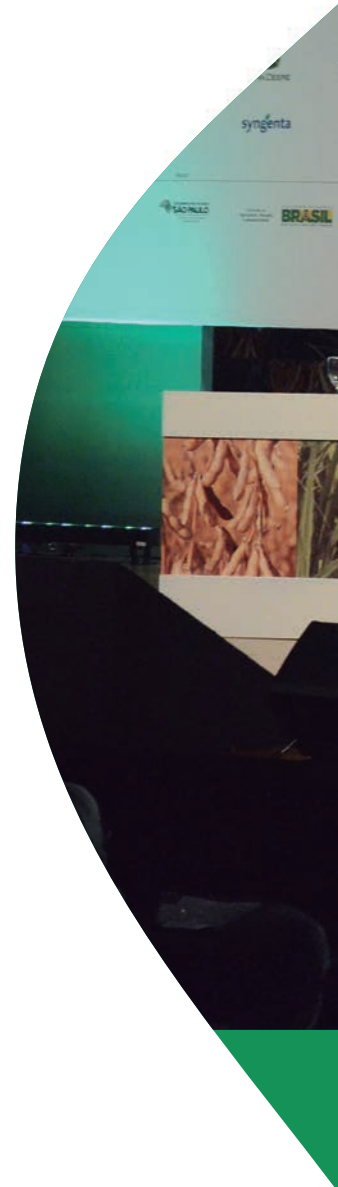


Realização da 23ª edição do Fórum ABAG, em Maringá (PR). ●

Em 2012, a ABAG firmou uma importante parceria com a Câmara de Crédito e de Seguro Rural, do MAPA, que resultou na organização do Seminário Instrumentos de Crédito e Seguro para o Agronegócio, realizado no auditório do Edifício Centenário Plaza (Robocop), em São Paulo. Fruto do trabalho realizado no Comitê de Financiamento da entidade, o evento reuniu especialistas de crédito e seguro, insumos, produção e comercialização, o que possibilitou aos produtores conhecerem novos caminhos de proteção aos seus negócios, além de estarem informados acerca de propostas de financiamento adequadas à realidade de cada um. Durante o 27º Fórum ABAG, “Safrá Recorde de Grãos: os Desafios da Logística” realizado no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, em parceria com a ABIOVE, foram identificados problemas como a necessidade de demanda adicional de caminhões e a questão do licenciamento de caminhões novos, reduzido em 30% em 2011. Com produções que batiam recordes a cada novo ano, o agronegócio necessitava de uma malha logística capacitada para absorver a produção nacional, que se avolumava a cada período graças à competência dos produtores brasileiros.

Outro tema que demandou atenção e ação da ABAG em 2012 foi a questão da escassez de motoristas. Além disso, em conjunto com diversas entidades representativas do agro, das empresas transportadoras de carga e caminhoneiros autônomos, a ABAG produziu um documento encaminhado à Casa Civil do Governo Federal, com a proposta de criação de um Grupo de Trabalho dedicado a avaliar e melhorar as condições de implementação da Lei 12.619/2012, que passou a regular e disciplinar a jornada de trabalho e tempo de direção do motorista profissional. A proposta enviada pelo conjunto de entidades alertava sobre a necessidade de avaliação da legislação, considerando que o acréscimo de volume da produção de grãos daquele período resultaria em forte pressão sobre os valores dos fretes rodoviários, dentre outros entraves identificados pelo grupo. “Houve consenso entre os membros de que é necessário se ajustar a lei de forma a considerar as peculiaridades do transporte de animais vivos e de perecíveis, tais como as cargas de refrigerados, congelados, ovos etc. Também foi de entendimento que a nova lei irá onerar o transporte de açúcar e etanol”, sinalizou o documento.

O Brasil era o grande candidato global para a expansão da oferta de alimentos e energia, mas a falta de estratégia e os gargalos estabelecidos seguiam como os grandes desafios a serem superados. Essa e outras grandes reflexões estiveram presentes no 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio, realizado em 2012, com o tema “Brasil - Alimentos e Energias - Seguranças Globais”. “Sem investimentos não conseguiremos fazer a expansão necessária. Pensamos em uma estratégia global e indagamos a ambição em termos de país, face à grandeza do seu agronegócio? Ficaremos à espera de eventos de seca para aproveitar mercados que se abrem e fecham de repente, sem sustentação empresarial?”, questionou Caio Carvalho. Cerca de 600 pessoas, entre lideranças setoriais, empresários, produtores e políticos participaram do evento no Sheraton São Paulo WTC Hotel. Ao mesmo tempo, 10 mil pessoas assistiram de forma *online* o Congresso, que teve cobertura de 74 profissionais da imprensa, oriundos de oito estados brasileiros.





# Brasil Alimentos e Energias

Seguranças  
Globais



## 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio



O 11º CBA, em 2012, contou com a participação de nomes como o então presidente da LMC International, James Fry. Além disso, abriu espaço para coletiva de imprensa.

Uma das importantes missões que a ABAG abraçou dentro de seu escopo de realizações, naquele momento, foi a de demonstrar para a sociedade o grande potencial do agro na economia, na geração de emprego e renda. Em 2013, ano em que a ABAG completou 20 anos de história, seus esforços para garantir que essa compreensão chegasse à sociedade demonstraram estar dando resultados. Uma pesquisa realizada pela associação, em parceria com o Núcleo de Estudos do Agronegócio da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), constatou que 81,3% dos moradores das grandes capitais brasileiras consideravam o agronegócio “muito importante” para a economia do país.

Intitulada “A Percepção da População dos Grandes Centros Urbanos sobre o Agronegócio Brasileiro”, a pesquisa reuniu as informações coletadas pelo Instituto de Pesquisa IPESO, que entrevistou 600 pessoas de todas as classes sociais, níveis de escolaridade e moradores das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília, Manaus, Belém, Goiânia, Curitiba e Porto Alegre. Em regiões onde a atividade do agronegócio era mais intensa, a percepção das pessoas aumentava ainda mais. “O Centro-Oeste representa hoje a região brasileira que mais consciência tem sobre o agronegócio, enquanto o Sudeste é o menos informado”, relatou o professor José Luiz Tejon, coordenador do Núcleo de Estudos do Agronegócio da ESPM à época.

Naquele ano festivo, a ABAG realizou sua primeira reunião de diretoria, buscando compreender os desafios do período. Para aquela tarefa, convidou o economista e consultor José Roberto Mendonça de Barros, da MB Associados, que compartilhou o cenário macroeconômico do Brasil e do mundo e qual seria o papel do agro. Segundo ele, na década de 1990, a agropecuária brasileira possuía um papel modesto na cena agrícola. Dez anos depois, essa realidade havia mudado completamente, com o país se estabelecendo como grande *player* no fornecimento de alimentos no mundo. Ao mesmo tempo em que o agro possuía um grande potencial de crescimento e protagonismo, questões como o Código Florestal, segurança jurídica, propriedade da terra, direito das populações indígenas, aspectos regulatórios, defesa sanitária, inflação, controle de preços, infraestrutura e logística afetavam esse desenvolvimento.

O cenário era desafiador e, por isso, a ABAG delineou novas ações que poderiam contribuir para a construção de novos caminhos e soluções. Com o intuito de produzir mais resultados em temas transversais do agronegócio, foram criados os novos comitês da ABAG, que passaram a ser comandados por grandes lideranças empresariais do setor, que atuavam nos seguintes cargos e empresas à época: Comitê de Sustentabilidade, sob a direção de Eduardo Bastos, na época líder de Relações Institucionais da Dow Brasil; Comitê de Desmatamento, liderado por Marcello Brito, diretor comercial da Agropalma; Comitê de Terra para Estrangeiros, por Ricardo Mussa, presidente da Radar; Comitê de Bioeconomia, comandado por Weber Porto, presidente da Evonik Degussa Brasil; Comitê de Bioenergia, por Jacyr Costa, presidente da Guarani; e Comitê de Insumos, liderado por Eduardo Daher, diretor executivo da ANDEF.



anos  
contribuindo para o  
negócio crescer

20  
anos  
abag



Em 2013, ABAG completou 20 anos, contribuindo com o crescimento do agro no país, e contou com a presença de grandes amigos que ajudaram a consolidar essa história.

## EM DEFESA DO AGRO

Falar de agronegócio no Brasil era tratar diretamente de dois de seus gargalos: logística e infraestrutura. Para se ter uma ideia, em 2013, um contêiner de grãos no porto custava US\$ 1.790, valor muito superior à concorrência mundial, que pagava US\$ 690. A necessidade de mudança era urgente e, mesmo com os novos investimentos do governo na construção de ferrovias, rodovias, armazéns - e até mesmo nas mudanças advindas da Lei 12.815/2013, conhecida como a Lei dos Portos -, ainda havia muitas questões a serem solucionadas. A ABAG engajava o setor na reflexão sobre aquele problema que atingia os produtores. Foi o que aconteceu durante o Seminário Caminhos do Agronegócio, promovido pela entidade durante o Construction Congresso, organizado pela Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração (Sobratema), em São Paulo. Naquela ocasião, muitos relataram o cenário preocupante da falta de armazéns para comportar a produção, bem como a necessidade de maiores investimentos e de integrar as demandas do agronegócio à construção brasileira.

O assunto também foi bastante explorado no *12º Congresso Brasileiro do Agronegócio*, em 2013. Com o tema “Logística e Infraestrutura - o Caminho da Competitividade do Agronegócio”, o evento comemorativo aos 20 anos da ABAG foi rico de discussões e novos olhares a respeito do que se constatou como falta de inteligência estratégica no país. “Quando vamos a Brasília, o Brasil não parece ser um país de agronegócio. Vemos pouco investimento, fraca poupança e desperdício de recursos públicos”, ressaltou Caio Carvalho. Cerca de 800 pessoas participaram do evento, realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel, com participação *on-line* de 8 mil pessoas. Além disso, registrou-se a presença de 108 profissionais de imprensa.





*Durante a 12ª edição do CBA, a ABAG homenageou o Professor Alfredo Lopes com o Prêmio Norman Borlaug. O Prêmio Ney Bittencourt de Araújo foi para Christiano Simon, diretor durante vários anos da ABAG.*

No âmbito da comemoração ao Dia Mundial da Alimentação (16 de outubro) em 2013, a ABAG uniu-se à FAO, ANDEF e Embrapa para promover o 5º Fórum Inovação, Agricultura e Alimentos para um Futuro Sustentável. Realizado no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, e com a presença de mais 200 pessoas, o evento colocou em pauta o Desafio 2050, que consistia em consolidar caminhos que levassem os países produtores de alimentos a garantirem alimento para 9 bilhões de pessoas no mundo. Naquela época, uma em cada oito pessoas passava fome no mundo e, mesmo que o Brasil tivesse alcançado a meta de redução, ainda havia muitos desafios para zerar aquela situação. Na ocasião, o presidente da ABAG ressaltou: “É fundamental a visão do senso de urgência que traz a fome, a fragilidade dos que não são atendidos. Não se trata de urgência de margens econômicas, mas de saúde e de alegria de viver”.

O ano de 2013 foi amargo econômica e politicamente. Uma onda de protestos populares descortinou uma insatisfação geral e o desejo de mudanças extremas no país. Mesmo diante de todo este ambiente de “repetição de discursos distantes das ações, um processo de desindustrialização e sem investimento em infraestrutura e logística, que afetam profundamente o desempenho do agronegócio”, conforme relatou o presidente da ABAG em seu editorial no Informativo ABAG nº 89, em dezembro de 2013, a entidade se manteve a postos para incentivar o setor a garantir a produção de alimentos para demandas nacionais e internacionais. Mesmo em meio a todos aqueles problemas, a agropecuária fez a sua parte, alcançando no final do ano uma alta de 7% no PIB (R\$ 234,623 bilhões), enquanto que o Brasil fechou com 2,3%. Diante de uma ótima colheita devido a um clima favorável, a soja foi destaque, apresentando crescimento de 24,3% na produção. Outras lavouras, como a cana-de-açúcar, milho e trigo, também registraram bons desempenhos.

No começo de 2014, o cenário mudou e muito rapidamente, com ausência de chuvas, elevadas temperaturas, afetando culturas que necessitavam de muita umidade naquela época do ano. Resultado: cana, laranja, café e hortifrutigranjeiros foram prejudicados, no que ficou registrado como o período mais seco dos últimos 25 anos. Para conduzir ações assertivas diante daquele cenário, a ABAG reuniu-se no começo do ano e contou com as análises da consultoria MB Associados para compreender o que poderia desafiar o agronegócio. Apesar do contexto, a previsão feita pela consultoria era de que o agronegócio, de uma maneira geral, colheria bons resultados, com o aumento da renda do produtor, e poderia alcançar bom desempenho por conta de alguns fatores econômicos internacionais. Havia também a possibilidade de elevação da taxa de câmbio, o que favoreceria os exportadores de *commodities*. Em contrapartida, o milho apresentava-se com desempenho mais problemático e a desvalorização da moeda nacional tendia a aumentar a pressão sobre a inflação.

A economia brasileira em 2014 passou por grandes desafios. E se não fosse o superávit contínuo e expressivo do setor agrícola (US\$ 77,5 bilhões, em 2011, contra US\$ 83 bilhões, em 2013), o país amargaria grandes dificuldades em sua balança comercial, em meio a níveis de crescimento cada vez menores (menos de 2% ao ano). Durante o Seminário Cenário Político e Econômico e Perspectivas para o Agronegócio, promovido pela Demarest Advogados e apoiado pela ABAG, que contou com a análise do economista e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, o presidente da ABAG reforçou que o agro seguia em crescimento, mesmo desafiado pelos gargalos logísticos que não se resolviam de forma efetiva. O evento ocorreu no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Em um ano em que as mudanças políticas eram urgentes, o 13º Congresso Brasileiro do Agronegócio organizou um importante espaço de fortalecimento do agro. Com o tema “Agronegócio Brasileiro: Valorização e Protagonismo”, promoveu um debate fundamental sobre o papel de liderança do agro nacional na ex-

pansão da oferta de alimentos do mundo e os entraves que impossibilitavam o alcance deste potencial. Diante de um cenário eleitoral decisivo para as transformações necessárias ao país, o espaço também apresentou o documento Agronegócio Brasileiro 2014-2022 – Proposta de Plano de Ação aos Presidentiáveis. Elaborado pela FGV, coordenado pelo ex-ministro da Agricultura e ex-presidente da ABAG, Roberto Rodrigues, e analisado por 40 entidades de classe, a proposta continha cinco princípios: sustentabilidade da produção, competitividade, produção orientada para os mercados, segurança jurídica e governança institucional. Ela foi encaminhada aos representantes dos candidatos à presidência à época melhores colocados nas pesquisas.

Realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel, o evento reuniu 800 pessoas, ao mesmo tempo em que 4 mil pessoas assistiram ao Congresso por meio de computadores, *tablets* e *smartphones*, e 16 mil acompanharam as publicações sobre o evento nas redes sociais da ABAG (Facebook e Twitter). Aquela edição também reuniu grande cobertura da imprensa, com 218 profissionais cadastrados no evento, sendo 128 jornalistas.



O 13º CBA colocou em pauta a importância de valorizar o agro nacional na expansão da oferta de alimentos no mundo.



13º CBA, em 2014, a ABAG homenageou Urbano Campos Ribeiro com o Prêmio Norman Borlaug

A ABAG intensificou seu foco na questão logística com a criação de um comitê sobre o tema, em 2014. Em meio às deficiências de transporte e armazenamento, a situação seguia como um grande entrave ao crescimento do agro brasileiro. Segundo Relatório de Competitividade Global para 2013-2014, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil havia caído da 48ª posição para a 56ª, e a questão da má qualidade da infraestrutura e carência logística figuravam no topo da lista de motivos pelos quais o potencial de negócios no país era menor.

Ao final de 2014, as exportações do agro apresentaram queda (US\$ 96,75 bilhões, um decréscimo de 3,2% em comparação com os US\$ 99,97 bilhões do ano anterior). As previsões para o ano seguinte também não eram boas, e para auxiliar os associados naquela caminhada, a ABAG passou a encaminhar mensalmente uma análise política e macroeconômica, desenvolvida em parceria com a MB Associados. “Diante da necessária correção de rumos esperada para a economia brasileira em 2015, o quadro traçado se mostra bastante difícil. As estratégias de crescimento baseadas no aumento do consumo por meio de diminuição de impostos e incentivo ao crédito estão exauridas”, avaliou Caio Carvalho, reeleito para um novo mandato naquele período.

Em 2015, a ABAG reforçou seus canais de comunicação, fornecendo o melhor suporte aos associados por meio do lançamento do novo portal da ABAG na web e para *smartphone*, mudança que tornou o espaço mais atualizado, interativo e versátil, possibilitando ao usuário conferir os principais indicadores do agronegócio sobre macroeconomia, grãos, carnes, café, açúcar, insumos, exportações, biocombustíveis e outros. Neste ambiente, o Instituto de Estudo do Agronegócio (IEAg) foi reativado, com a abertura de três projetos: Soja Sustentável, a fim de produzir condições favoráveis para a adoção de políticas públicas de manejo de ferrugem e proteção da soja nacional; Mulheres no Agro, um levantamento com o objetivo de produzir conhecimento e novas informações que propiciem o fortalecimento da participação feminina no setor; Combustíveis, reunindo estudos voltados para a potencialização dos combustíveis renováveis e redução de custos de produção na matriz de insumos dos produtos agropecuários.

As principais entidades e grupos representativos do agronegócio brasileiro, incluindo a ABAG, marcaram presença na 21ª reunião da Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (COP21), realizada em Paris, França,

em 2015. Uma das ações promovidas conjuntamente com a Sociedade Rural Brasileira (SRB) e o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), tendo como parceira a Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, foi a organização de um estande, no Pavilhão Finanças e Comércio (Finance & Trade) do Global Landscapes Forum, evento paralelo ao ambiente oficial da COP21, também em Paris, que teve o objetivo de compartilhar com o mundo as ações desenvolvidas pelo agro brasileiro, no sentido de mitigar os impactos ambientais.

Na ocasião, também foi realizado o Painel Agricultura e Floresta de Baixo Carbono no Brasil: Aprendendo com Líderes Locais, que contou com a moderação de Roberto Waack, líder da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, e com os painelistas: Marcello Brito, diretor da ABAG, Fernando Sampaio, presidente do GTPS; Marcelo Vieira da SRB e Rane Cortez, da The Nature Conservancy - TNC. Ao final do evento, o Brasil assumiu compromisso voluntário na COP21 para reduzir suas emissões de gases de efeito estufa, responsáveis pelo aquecimento global.



ABAG contribuiu com conhecimentos em aula do curso de direito do Insper, em 2015.

Além das dificuldades políticas e econômicas que produziam incertezas naquele período, as expectativas para os próximos anos também desafiavam o agronegócio. No Fórum Protagonismo do Agronegócio Brasileiro, realizado em Porto Alegre, debateu-se a importância estratégica do agro que, naquele período, respondia por 23% do PIB nacional, 40% das exportações e 30% dos empregos no país. As estimativas para o futuro eram ainda maiores, com as mudanças nos padrões de crescimento e consumo da população, e com a produção de alimentos registrando possibilidade de crescer 80% nos próximos anos. Apesar do claro entendimento de que o agronegócio brasileiro tinha potencial e pujança para abraçar os desafios do futuro, muitas questões ainda precisavam de resolução como o desequilíbrio econômico, havia a necessidade de reformas e outras transformações profundas diante da recessão que o país vivia.

Segundo o presidente da ABAG, Caio Carvalho, em seu discurso registrado nos Anais do *14º Congresso Brasileiro do Agronegócio*, realizado naquele ano de 2015, havia um longo percurso a trilhar, pois o país havia perdido as fundamentais estabilidades políticas e econômicas, “resultado de um revés na opção da chamada nova matriz econômica”. Naquele cenário, além da perda da estabilidade, o Brasil amargava a perda da força de suas instituições, com a perda da credibilidade da política. Com o tema “Sustentar é Integrar”, o evento colocou em discussão um Brasil cada vez mais demandado em seu potencial de produtor de alimentos mundial, com potencial para tal devido aos grandes avanços técnicos registrados e resiliência, mas envolto em um cenário econômico e político nacional difícil e em um ambiente de protecionismo externo que produzia paradigmas limitadores ao crescimento do setor. Mais de 700 pessoas participaram do evento, que aconteceu no Sheraton São Paulo WTC Hotel. Enquanto isso, os acessos *on-line* alcançaram a marca de 6 mil pessoas e, nas redes sociais (por meio da #AquiTemAgro e outras plataformas) foram registradas 107 mil interações. Em relação à imprensa, participaram 164 jornalistas e 52 veículos de comunicação.



14º CBA, realizado em 2015, foi um sucesso, com a presença de grande público e autoridades.



CAPÍTULO

5



**Por um agro  
tecnológico e  
sustentável**

Nas ruas do Brasil, em 2016, a população se manifestou exigindo o estabelecimento de novos rumos políticos e econômicos para o Brasil, e a ABAG reafirmou seu compromisso com o direito legítimo de manifestação, desde que se mantivesse o Estado Democrático de Direito e o princípio da ordem pública constituída. Naquele ano, o cenário de desconfiança das empresas e da sociedade no governo e na classe política se intensificou. Havia uma grave instabilidade econômica, com redução de investimentos, no consumo e na geração de empregos. Em meio à crise política e econômica, a ABAG esforçou-se para garantir a voz do agronegócio em espaços necessários aos produtores, como o Seminário Preparatório para o Plano Agrícola e Pecuário da Safra 2016/17, promovido em Brasília, pela Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), como uma forma de reunir as prioridades durante a elaboração do Plano Safra pelo governo.

Com o afastamento definitivo da ex-presidente Dilma Rousseff, e a subida à presidência de seu vice, Michel Temer, no primeiro semestre daquele ano, o Índice de Confiança do Consumidor, elaborado mensalmente pela FGV, indicou que o pior da economia brasileira havia passado. Da mesma forma, a análise de cenário realizada pela MB Associados para a ABAG indicou que o Brasil estava vivenciando um processo de retomada, sobretudo pela redução da queda na produção de papelão ondulado que, até então, seguia com retração mensal próxima de 5%. A retomada gradual da taxa de investimentos calculada pelo IBGE também foi um dos sinais de que a crise estava começando a ficar para trás.

O cenário de retomada inspirou o *15º Congresso Brasileiro do Agronegócio* a falar sobre “Liderança e Protagonismo”. De importador, o agronegócio brasileiro havia alcançado, no intervalo de três décadas, a posição de segundo maior produtor mundial e, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), chegaria ao primeiro lugar nos próximos anos. Aquele era um momento de celebração e reconhecimento. “É fundamental ressaltar que isso aconteceu graças às nossas lideranças setoriais. E muitas delas estão aqui hoje. Todo esse espetacular progresso do agronegócio brasileiro ocorreu sem intervenções retórico-populistas, como nacionalizar cadeias produtivas ou exigir conteúdo local ou apoio financeiro a campeões nacionais”, reforçou Caio Carvalho, presidente da ABAG, em pronunciamento durante o evento.

Cerca de 830 pessoas participaram *15º Congresso Brasileiro do Agronegócio*, realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel. Além do público que participou presencialmente, a transmissão em tempo real do evento foi acompanhada por mais de 5 mil pessoas, do Brasil e 19 países. O sinal em vídeo foi replicado simultaneamente por entidades como a Associação Brasileira das Indústrias de Tecnologia Vegetal (Abisolo), Agrocere, Agrolink, Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), Conselho Nacional do Café (CNC), Cooxupé,

Embrapa, Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV). Mais de 220 profissionais de imprensa foram credenciados para cobrir o evento, o que contribuiu para mais de 300 matérias publicadas.

Uma das grandes iniciativas que impulsionaram a imagem do agronegócio e que receberam destaque no 15º Congresso Brasileiro do Agronegócio foi a campanha “Agro: a Indústria-

Riqueza do Brasil”, desenvolvida pela Rede Globo, cujo o slogan era “Agro é tech, Agro é pop, Agro é tudo”. As peças apresentavam a importância de diferentes cadeias produtivas, como frango, café, cana-de-açúcar, milho, arroz, laranja, flores, melão e algodão para o consumo da população. Outro ponto abordado foi a geração de empregos e outras contribuições à economia. A campanha, prevista inicialmente para durar dois anos, segue sendo exibida nos principais horários da programação da Rede Globo.



O 15º CBA, a ABAG contou com presença de autoridades como o deputado Arnaldo Jardim e homenageou nomes como Sizu Matsuo, considerado o “pai da cana”, com o Prêmio Norman Borlaug. Nesta edição, entregou o Prêmio Ney Bittencourt de Araújo para o então governador do Mato Grosso, Pedro Taques. Imagens: Gerardo Lazzari.

Destaque neste período foi a criação do RenovaBio, criado em 2016, para a definição de metas domésticas de redução das emissões de gases de efeito estufa. Compromisso voluntário firmado pelo Brasil durante a COP21, a iniciativa tem como objetivo a expansão de biocombustíveis até 2030 e foi fruto da forte articulação da ABAG (por meio de seu Comitê de Agroenergia), da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (UNICA) e muitas outras lideranças setoriais. “O RenovaBio é a alma do que poderá vir a ser um programa global de carbono, com um mercado saudável e que estimula a descarbonização como uma externalidade muito positiva”, avaliou Carvalho.

Com o ano de 2016 acabando e a retomada da economia, foi possível vivenciar novas e importantes experiências favoráveis ao agro, como o 1º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio, evento apoiado pela ABAG e que contou com mais de 700 participantes de todo o país, no Transamerica Expo Center, em São Paulo. Temas como perspectivas do agronegócio, produtividade e sustentabilidade no campo, mecanização, agricultura de precisão, logística e outros fizeram parte daquele espaço inédito e muito promissor para o agro brasileiro. Na ocasião, a associação apresentou os resultados da pesquisa “Mulheres no Agronegócio Brasileiro”, encomendada pela ABAG, realizada pela Fran6 Pesquisa e Biomarketing Consultoria & Agência e viabilizada pelo Transamérica Expo Center e pela PwC. Mais de 300 mulheres foram ouvidas. O resultado revelou que 60% das mulheres que atuavam no agronegócio naquele período no país tinham curso superior, 25% tinham pós-graduação e 88% eram independentes financeiramente.

Outros dados, mais preocupantes, apontaram que 71% das entrevistadas já tinham sofrido discriminação na atividade por serem mulheres, seja pela desobediência de seus funcionários (43%) ou resistência da família ao demonstrarem interesse no campo (41%). A pesquisa também indicou que mais de 60% das mulheres que trabalhavam no agro brasileiro utilizavam a web todos os dias e que 80% usavam as redes sociais, um dado que demonstrava o engajamento com o digital. Apesar do ambiente de retomada, a atividade agrícola amargou um patamar que não ocorria desde 1996, com o declínio do PIB agrícola, de 6,6%, afetado pelo mau desempenho do algodão, arroz, café conilon, cacau, feijão, fumo, laranja, milho e soja, que apresentaram fortes quedas de produção e produtividade devido à seca que atingiu especialmente o cerrado.

No começo de 2017, fatores como a desaceleração da inflação, a expectativa de uma ótima safra para aquele período, novos recursos advindos da liberação das contas inativas do FGTS e mudanças na trajetória de juros anunciavam

a chegada de um novo e profícuo futuro para a economia brasileira. O otimismo daquele novo cenário político e econômico alcançou a Agrishow daquele ano que, embalada pelas boas projeções para a safra 2016/2017 e pelo aumento da venda de máquinas e equipamentos, registrou bons números em sua 24ª edição. A Agrishow, em Ribeirão Preto, apresentou, segundo a Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas (CSMIA), melhor desempenho nas áreas de armazenagem (11%), máquinas e implementos para grãos (12%), equipamentos para pecuária (11%), irrigação (20%) e outros. Cerca de 159 mil pessoas visitaram o evento naquele ano e foi registrado o total de negócios de R\$ 2.204 bilhões, representando um aumento de 13% em comparação com os valores registrados no ano anterior (R\$ 1,95 bilhão, em 2016). O sentimento de retomada das oportunidades aqueceu a venda de máquinas, implementos agrícolas, pecuária e equipamentos de irrigação, com compradores de diversos países.

Naquela edição da Agrishow, a ABAG realizou o Fórum Inovação. Em meio àquele clima de otimismo, a entidade instigou a reflexão e a percepção de novos horizontes. Assim, temas como agricultura inteligente, por meio da bionanotecnologia, veículos autônomos, *big data*, computação em nuvem, agricultura de precisão e outros possibilitaram a compreensão do público de que as oportunidades de maior produtividade e qualidade eram caminhos possíveis, e que a tecnologia necessária para esse movimento estava disponível. Ao final daquela edição, a ABAG assumiu a direção da Agrishow para o biênio 2018-2019, representada pelo vice-presidente da associação, Francisco Matturro, com planos para modernizar o evento. “Assumir a direção da Agrishow é um grande desafio, pois queremos a feira crescendo em todos os aspectos, inclusive na área de Demonstração Dinâmica. O atual espaço não serve mais para os dias atuais. Ela foi concebida e serviu muito bem para o tipo de agricultura praticada 20 anos atrás. Modernizaremos a área de Dinâmica”, reforçou Matturro, em matéria do Informativo ABAG nº 106, em 2017.

Em meio a novas janelas de futuro, no âmbito institucional ou na ampliação de olhares para as novas tecnologias, dois temas

fundamentais para a produção de alimentos estiveram em foco durante o evento Fórum Mitos & Fatos: Alimentação do Futuro, idealizado e promovido pela Rádio Jovem Pan, com apoio institucional da ABAG: desperdício e segurança alimentar. Com quatro painéis, o evento realizado no Hotel Tivoli Mofarrej, em São Paulo, em 2017, reuniu lideranças setoriais, empresários e executivos da indústria de insumos agrícolas, pesquisadores e dirigentes de institutos de pesquisa, além de outros profissionais envolvidos com o tema. Outro evento que merece destaque foi o Brazil & Sustainable Coffee Conference, promovido em São Paulo pela Cooxupé – Cooperativa Regional dos Cafeicultores em Guaxupé, BASF e ABAG. O espaço contou com a presença do chefe geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, Evaristo Miranda; o presidente da Cooxupé, Carlos Paulino; o facilitador da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, Marcelo Furtado; o vice-presidente sênior da Unidade de Proteção de Cultivos da BASF para a América Latina, Eduardo Leduc; e o secretário da Agricultura de São Paulo, Arnaldo Jardim, no encerramento do evento.



*Brazil & Sustainable Coffee Conference, realizado em 2017, pela Cooxupé, BASF e ABAG. Imagem: Finco Comunicação.*

De acordo com dados da FAO, as perdas de alimentos registradas todos os anos no mundo alcançavam a marca de 30%, um cenário preocupante e que exigia de toda a sociedade global a busca por soluções. Assim, durante o Fórum, foi discutida a necessidade de manuseio adequado, boas práticas agrícolas, maior investimento em armazéns e em transporte, consumo consciente e outros fatores. É importante destacar que, em 2017, a Polícia Federal deflagrou a Operação Carne Fraca, com a investigação de adulterações de carnes em frigoríficos do país, um evento que produziu perdas para o segmento em um primeiro momento, mas que foram revertidas em pouco tempo.

Em 2017, o IBGE solicitou a colaboração de entidades do agronegócio como a ABAG na divulgação para a coleta de dados em 5,3 milhões de estabelecimentos rurais para a produção do Censo Agropecuário 2017, levantamento realizado anteriormente em 2006. Para a ABAG, a contribuição naquele trabalho representou uma ótima oportunidade de reunir dados confiáveis acerca da dimensão e complexidade do agro no país.

Outra importante ação foi a criação de três novos comitês: Comércio Internacional, Inovação e Gente & Gestão. Em meio ao protagonismo do agro brasileiro no mercado internacional, o Comitê de Comércio Internacional, tocado pela advogada Andrea Weiss Balassiano, à época sócia do escritório Bichara Advogados, foi desenvolvido para auxiliar as empresas diante de negociações internacionais, alterações tarifárias, defesa comercial, mitigação de barreiras não tarifárias e muitos outros recursos capazes de dinamizar as tratativas das empresas com o mercado exterior. O Comitê da Inovação, coordenado pelo engenheiro florestal João Comério, do Grupo Innovatech, teve a missão de potencializar o estabelecimento de soluções inovadoras às várias cadeias produtivas do agronegócio. Seu trabalho envolvia o diálogo para a construção de novas políticas públicas, parcerias para programas de promoção de uma cultura inovadora dentro do agro. Já o Comitê Gente & Gestão, liderado pelo engenheiro agrônomo, Cesar Braga, da Hub Talent, envolveu o fomento da diversidade, inclusão, empreendedorismo, *startups*, atração e toda sorte de temas para o fortalecimento dos novos profissionais do agro.

No 2º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio – Liderança Globalizada, Empreendedora e Integrada, realizado em 2017 no Transamerica Expo Center, a ABAG apresentou a pesquisa “Todas as mulheres do agronegócio”, elaborada pela IPESO. Foram 862 entrevistas em todo o país, iniciativa que ampliou a compreensão da realidade das mulheres envolvidas na atividade. De acordo com a pesquisa, 49,5% atuavam em propriedades classificadas como minifúndios, 26,1% em pequenas propriedades, 13,5% em médias e 10,9% em grandes fazendas. Cerca de 73% das mulheres entrevistadas trabalhavam nas fazendas, 13,9% no que pode ser considerado “depois da porteira” e 13% “antes da porteira”. O

levantamento também destacou o avanço da liderança feminina no campo, com 59,2% na posição de proprietárias ou sócias de seus negócios. Em relação ao preconceito, a pesquisa apontou a permanência desse fenômeno, porém de forma mais sutil.

Com o tema “Reformar para Competir”, em 2017, o 16º Congresso Brasileiro do Agronegócio foi, mais uma vez, um sucesso. Em meio à grande transformação política que o país vivenciou, o evento fomentou discussões sobre as mudanças globais que ocorriam naquele período, com estudos que identificaram uma queda na participação dos países ricos no PIB mundial, chegando ao patamar de empatar com os emergentes. Diante da nova conjuntura, abordou as transformações na produção, com destaque para o milho e a cana-de-açúcar. Outro tema

discutido foi a questão da China e sua extraordinária capacidade de consumo. Frente às mudanças, havia apenas um caminho para o Brasil: crescer. “No Brasil, talvez, nunca tenha ficado tão evidente a necessidade de crescer. Será essencial um processo mais rápido de mudanças nos setores público e privado. Tudo deve começar na nossa mudança de atitude”, reforçou Caio Carvalho, presidente da ABAG, durante o evento. Realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel, o evento contou com uma plateia de cerca de 800 pessoas, entre formadores de opinião, executivos de empresas do setor, produtores rurais e autoridades políticas. Aproximadamente 5 mil pessoas acompanharam o evento pela internet. Além disso, foram firmadas 28 parcerias de mídia para o evento.



A 16ª edição do CBA, em 2017, contou com um público de 800 pessoas e a participação de jornalistas renomados como Carlos Alberto Sardenberg e Augusto Nunes.

Como era de se esperar, a agropecuária brasileira produziu resultados importantes para o país em 2017. Representando 24% do PIB Nacional, o agro de uma forma geral apresentou bom desempenho, com crescimento no algodão, arroz, cana-de-açúcar, laranja, mandioca, milho, soja e uva. Na pecuária, destaque para suínos e leite. Ao final daquele ano, as exportações brasileiras do agronegócio registraram aumento de 13% (com saldo da balança de US\$ 81,86 bilhões frente aos US\$ 71,31 bilhões, em 2016). Soja; produtos florestais; carnes; cereais, farinhas e preparações; e o complexo sucroalcooleiro foram os segmentos que mais contribuíram para o aumento. E as perspectivas de crescimento para 2018 eram as melhores, com projeção de expansão de 3% para o PIB.

Além dos números profícuos produzidos em 2017, novas portas se abriram no âmbito da legislação. Uma delas foi a pacificação da constitucionalidade do Código Florestal (Lei 12.651/2012) pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que analisou três Ações Diretas de Inconstitucionalidade. Completando cinco anos de existência naquele momento, o Código Florestal demandou anos de discussões na sociedade e no Congresso Nacional para estabelecer um novo cenário, com o Cadastro Ambiental Rural (CAR), os Programas de Regularização Ambiental (PRAs) e Termos de Compromisso, que passaram a ser assinados por produtores com passivos a recuperar. Outro dispositivo legal que possibilitou um cenário de maior otimismo foi a Lei 13.576/2017, que instituiu a nova política nacional de biocombustíveis, introduzindo efetivamente esses insumos na matriz energética do país.

## PELA FORÇA FEMININA NO AGRO

Em 2018, a ABAG completou 25 anos, com seus comitês funcionando a todo vapor e conectados às mais importantes pautas que impactavam o produtor nacional. No Comitê de Insumos, por exemplo, discutiu-se temas como o Plano Safra 2018/2019 e suas implicações diante do cenário macroeconômico vigente, a manutenção do Convênio 100/97 (a partir do qual o CONFAZ concedia desconto de 60% no ICMS sobre os principais produtos agropecuários) e a revisão do marco regulatório dos agrotóxicos. Da mesma forma, o Comitê de Assuntos Jurídicos da ABAG debruçou-se sobre assuntos como a cobrança retroativa da contribuição ao INSS (antigo Funrural), que surpreendeu o setor, após decisão do STF no ano anterior.

O trabalho da ABAG estava por todos os lados, em seus comitês institucionais, na participação contínua em diferentes espaços de discussão, no diálogo com as principais representações do agro e com o poder público. Estava também na Agrishow, em Ribeirão Preto, com a realização da 2ª edição do Fórum Inovação, e o incentivo ao debate de temas como as inovações do plástico na cadeia do agronegócio, a agricultura digital, novidades no plantio e na biotecnologia aplicada

na reestruturação do solo. Mais de 159 mil pessoas visitaram a 25ª Agrishow, em 2018, para conhecer a multiplicidade de soluções e lançamentos de mais de 800 marcas nacionais e internacionais. Estar naquele espaço era como se o produtor, do pequeno ao grande, pudesse acessar as portas do futuro, com máquinas e implementos avançados, com tecnologias que propiciavam produtividade, rentabilidade e, de forma estratégica, garantiam as ferramentas necessárias à consolidação da sustentabilidade no campo.

Em 2018, a ABAG também estava cada vez mais empenhada no fortalecimento da participação feminina no agro, por meio da criação do Prêmio Mulheres do Agro, uma iniciativa lançada junto à empresa Bayer, que contou com o apoio do Transamerica Expo Center. A ação era uma contribuição da entidade à campanha global lançada naquele ano pela ONU Mulheres, com o lema “O tempo é agora: ativistas rurais e urbanas transformam a vida das mulheres”. Essa ação foi realizada durante a 3ª edição do Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio, no Transamerica Expo Center, para incentivar o protagonismo da mulher no setor agropecuário. Outro movimento realizado no mesmo ano foi a criação da Academia de Liderança das Mulheres do Agronegócio (ALMA), um projeto da Corteva Agriscience, em parceria com a Fundação Dom Cabral (FDC) e a ABAG.

O olhar da ABAG sobre os diferentes temas era sempre muito propositivo e transformador. Em 2018, por exemplo, a entidade participou da criação de uma aliança para o uso responsável de antimicrobianos. A demanda por alimentos no mundo estava aumentando, e a utilização desses produtos para a cadeia de produção animal se tornou algo fundamental para o aumento da produtividade, assegurando tratamento a animais enfermos, o controle de doenças e, de forma preventiva, inibir contaminações. Mas, para usar este recurso, era preciso garantir sua aplicação de forma racional e responsável. Ao mesmo tempo, havia a necessidade de esclarecer à sociedade que aqueles produtos eram aliados e não inimigos, que eram seguros quando utilizados de forma correta pelos produtores de alimentos de origem animal.

Diante do desafio, um importante compromisso foi firmado entre a ABAG, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN), Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (ALANAC), Sindicato Nacional da

Indústria de Alimentação Animal (SINDIRAÇÕES), Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), Associação Nacional da Pecuária Intensiva (ASSOCON), Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA), Associação Brasileira de Laticínios (Viva Lácteos), Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica e de Insumos Farmacêuticos (ABIQUIF) e Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR). Alinhada ao Plano de Ação Nacional para Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos (PAN-BR AGRO) do MAPA, a ação representou um esforço conjunto para garantir políticas públicas ao uso seguro desses medicamentos.

Uma importante vitória em 2018 foi a aprovação de uma ação ajuizada pela ABAG que validou a terceirização da atividade-fim nas empresas. Por meio daquela ação, que também contou com o Recurso Extraordinário da empresa Cenibra, de Minas Gerais, o STF entendeu que os empresários deveriam estar livres para estabelecer o modo de contratação de seus funcionários, o que assegurou o princípio constitucional da livre concorrência, segurança jurídica e a modernidade de trabalho no campo que, naquela época, já tinha outras demandas e características. E os primeiros resultados do Censo do Agro 2017, do IBGE, demonstravam isso.

Dentre as principais mudanças apontadas pela pesquisa estava o número de estabelecimentos rurais entre 100 hectares e menos de mil hectares, que apresentou queda de 2% na comparação com 2006. Também houve o crescimento das pastagens plantadas, matas naturais e lavouras temporárias, enquanto pastagens naturais e lavouras permanentes diminuíram. Novas formas de renda sem a venda da propriedade impulsionaram aumento de terras arrendadas (30 milhões de hectares). Outro dado observado foi a questão do envelhecimento no campo, que registrou o crescimento de trabalhadores com mais de 65 anos, em contraposição ao número de profissionais com 25 a 45 anos, que registrou queda. Como era esperado, a tecnologia estabeleceu-se com mais força na produção do campo, com o uso de defensivos agrícolas (aumento de 20%), tratores (49,7%), área irrigada (52%) e no acesso à internet, com um salto de 1.790% em relação à pesquisa anterior. Vale o destaque para a presença feminina no campo, que saltou de 12,7 para 18,6%.

Com o tema “Exportar para Sustentar”, em 2018, o 17º Congresso Brasileiro do Agronegócio reuniu 884 pessoas, entre lideranças políticas, setoriais, empresários e agentes públicos de todos os elos produtivos do agronegócio. Durante o evento, novamente realizado no Sheraton São Paulo WTC Hotel, destacou-se o avanço, naquele momento, da transição política. “Vivemos o término do governo de transição no Brasil, que se iniciou em uma realidade de terra arrasada e mostrou, no seu pouco tempo, bons resultados econômicos tão logo assumiu suas responsabilidades”, reforçou Caio Carvalho, presidente da ABAG. A consolidação de um agronegócio forte e protagonista nas exportações mundiais estava à espreita, mas necessitava de novas ações de abertura no país para beneficiar o aumento das importações de componentes, bens intermediários e produtos mais elaborados. Segundo o presidente da ABAG na ocasião, a relação exportação/importação brasileira precisava de revisão, a fim de garantir melhor desempenho da atividade. Como nas edições passadas, o Congresso contou com grande público na internet, formado por cerca de 4 mil pessoas. Além disso, registrou importante cobertura de mídia, com 28 parcerias para o evento, 122 jornalistas credenciados e 323 matérias publicadas em sites, jornais, revista e TV. Uma novidade dessa edição foi a parceria com o B3.

96



*Nesta edição do CBA, o Prêmio Personalidade do Agronegócio “Ney Bittencourt” foi João Martins da Silva Jr., presidente do CNA.*



CONGRESSO  
BRASILEIRO DO  
AGRONEGÓCIO  
ABAG E 83  
EXPORTAR  
PARA  
SUSTENTAR

SUSTENTAR

*Durante a 17ª edição do CBA, a consultora em biossegurança e biosseguridade, Leila dos Santos Macedo, recebeu o Prêmio Norman Borlaug*

Ao final de 2018, o balanço de atuação da ABAG e da gestão de Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio Carvalho) era extremamente positivo. Apesar do tempo transcorrido, o pioneirismo de Ney Bittencourt de Araújo em compreender o agronegócio de forma sistêmica e integral foi abraçada pelas diferentes gestões que se propuseram a conduzir o agro brasileiro para o seu lugar direito: como protagonista e promotor de crescimento nacional. Os avanços empreendidos para fortalecer a imagem da produção rural no país eram cada vez maiores, e a ABAG havia se consolidado como impulsionadora dos mais importantes ambientes de discussão que movimentavam a evolução das cadeias do agro. Seu tradicional Congresso Brasileiro do Agronegócio pautava as principais reflexões, mobilizava a construção de novos olhares, sempre um passo à frente na busca por soluções. Ao longo de seu trabalho à frente da ABAG, Caio Carvalho criou 12 comitês temáticos, dinamizando a contribuição da associação nos assuntos que interessavam antes, dentro e depois da porteira. Em editorial de despedida, no Informativo ABAG nº 112, de 2018, salientou: “Convivemos recentemente com anos difíceis, de grande recessão econômica e desemprego. Nesse período crítico, ficou ainda mais evidente a importância atual e futura do agronegócio para a economia do país”.

## AGRONEGÓCIO E MEIO AMBIENTE

No ano de 2019, o engenheiro de alimentos, formado pelo Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos, e diretor executivo da Agropalma à época, Marcello Brito, assumiu a presidência da ABAG. “Fui convidado para fazer parte da diretoria em razão da minha atuação na gestão agroambiental da empresa que dirigia uma empresa agroindustrial na Amazônia brasileira, que conseguiu reunir em torno de um propósito do desenvolvimento agroambiental um número de organizações ambientais e sociais num movimento até então inédito no Brasil”, recorda. Em meio àquele novo capítulo da história da ABAG, estava em evolução um agronegócio moderno, com sistemas produtivos eficientes, gerando empregos no campo e na cidade. Ao mesmo tempo, a pujança do agro com suas safras recordes (228 milhões de toneladas colhidos na safra 2017/2018) alcançava o dia a dia dos brasileiros, que tinham à disposição alimentos mais seguros, sustentáveis e acessíveis, sem falar da produção de fibras e de todo o potencial em energia renovável. Era só ver o desempenho da balança comercial brasileira para compreender a força do setor.

Outro fato relevante em 2019 foi a chegada de novo governo eleito no ano anterior, que conduziu à presidência Jair Bolsonaro. Naquele momento, a ABAG tinha nas mãos o desafio de dar continuidade a ações importantes, como o fortalecimento da imagem do agro no exterior, por meio do Programa de Acesso a Mercados do Agronegócio (PAM AGRO), um trabalho iniciado em 2017 pela ApexBrasil, no

qual a ABAG fazia parte do Comitê Gestor. Ao mesmo tempo, em 2019, abriu espaço para novas ações, como a criação do Lab de Comunicação para Agronegócio, realizado pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), com apoio da ABAG. A fim de encontrar caminhos para melhorar a imagem do agronegócio para a sociedade, o Lab realizou uma pesquisa sobre liderança na comunicação no agro, buscando identificar o perfil dos profissionais à frente da comunicação nas empresas do setor.

Definitivamente, a simples porteira havia ficado no passado. Além de estarem falando de *advocacy*, *compliance*, *branded content*, a 3ª edição do Fórum Inovação de 2019, na 26ª Agrishow, em Ribeirão Preto, estava lidando com as *agtechs*. Em outra época, esses nomes novos poderiam assustar o homem tradicional do campo, com sua rotina de sol a sol e toda a simplicidade no cuidado com a terra, mas, naquele período, o Brasil já era considerado um grande celeiro agrícola e pecuário, com mais de 300 empresas *agtechs* e investimentos da ordem de R\$ 100 milhões ao ano. Claro que o campo brasileiro não estava completamente integrado ao novo cenário tecnológico: o desafio do Fórum era justamente o de levar mais tecnologia para o meio rural. Realizado em parceria com o Estadão, o Fórum proporcionou aos participantes melhor compreensão do potencial das *startups* para a produção de alimentos, das soluções criadas para levar internet a locais remotos (que envolveu a criação de *pools*, como o ConectarAgro, formado por CNH Industrial, AGCO e Jacto, com empresas de tecnologia e telefonia), das soluções tecnológicas e financeiras como *blockchains*, tecnologia de criptomoedas para a indústria do agro, entre outros assuntos.

Completando 25 anos naquele ano e com foco muito mais tecnológico, a Agrishow apresentou um volume de R\$ 2,9 bilhões em negócios, uma alta de 6,4% em relação ao ano anterior. Compradores e produtores de pequeno, médio e grande porte, provenientes de todo o país e do exterior visitaram a Feira, somando 159 mil pessoas. Durante a 20ª edição da Rodada Internacional de Negócios, com participação de compradores de países como Argentina, Austrália, Chile, Colômbia, Etiópia, México, Nigéria e Peru, mais de 52 empresas brasileiras, movimentaram um espaço que contabilizou mais de US\$ 32,9 milhões em novos negócios fechados.

Em 2019, a ABAG realizou o Fórum Regional ABAG – Desafios do Agronegócio Sustentável, em Porto Alegre (RS), no Auditório da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul). Tema fundamental para se implementar visando um futuro cada vez mais verde, a relação entre agronegócio e meio ambiente estava na pauta do mundo, e a ABAG fomentou o assunto na busca por caminhos viáveis para sua realização, em observância à realidade do agricultor e do pecuarista. Assim, dificuldades como perdas e compactação de solo, ineficiência na aplicação de defensivos agrícolas, deficiência na semeadura, legislação e muitos outros temas foram abordados naquele evento. Muitas ideias estavam em curso para viabilização da produção agrícola sustentável, como uma *startup* que colocou uma câmera na ponta de pulverizadores para racionalizar a aplicação de defensivos. Ao mesmo tempo, debateu-se a necessidade de assistência rural para garantir que os produtores tivessem acesso às melhores práticas ambientais.



Realização do Fórum ABAG, em 2019, em Porto Alegre (RS).



*Iniciativa que teve a participação da ABAG ajudou a gerar reflexão pública a respeito do cuidado com a Amazônia.*

Em reforço ao tema, em 2019, a ABAG também se envolveu em uma grande campanha realizada no Dia da Amazônia (5 de setembro). Com o slogan “Seja Legal com a Amazônia”, a iniciativa defendia o fim da ocupação ilegal e da grilagem em terras públicas naquele bioma. Além de simular a venda do Parque Trianon, em São Paulo, para gerar reflexão pública sobre o assunto do desmatamento ilegal, a campanha tinha como objetivos o apoio à Força-Tarefa Amazônia, criada no ano anterior pelo Ministério Público Federal, para combater o desmatamento ilegal em áreas públicas, promover a conservação e usos sustentáveis das florestas públicas e para garantir a resolução dos conflitos fundiários (com o apoio dos poderes executivo, legislativo e também do MP), além de trabalhar pela manutenção das unidades de conservação do país.

A campanha foi assinada pela ABAG, Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), Associação das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), Instituto Ethos, Instituto de Pesquisa da Amazônia (IPAM) e Sociedade Rural Brasileira (SRB).

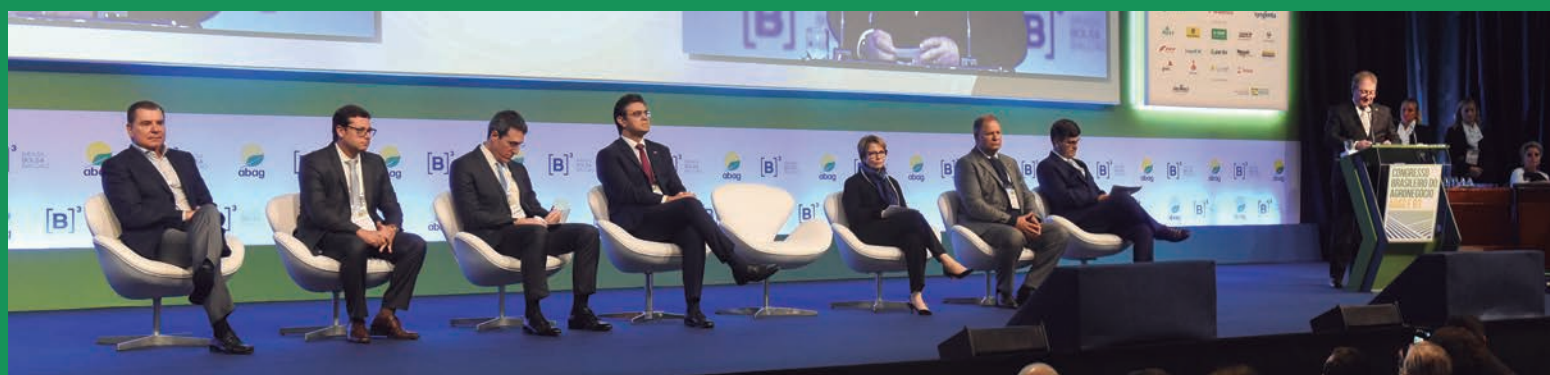
O trabalho da ABAG também alcançou a geração de empregos, com a parceria firmada com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e o lançamento do Programa Aprendiz Legal Agronegócio, em 2019. A ideia foi unir forças para garantir a abertura de novas oportunidades de emprego para jovens de 18 a 24 anos em empresas do setor, facilitando o primeiro emprego. “O agronegócio cresce no país com números relevantes. É importante investirmos em quem vai cuidar dessa área no futuro”, reforçou Brito durante evento realizado para o fechamento da parceria. Aliado aos novos profissionais do futuro, estava a inovação. Por isso, a entidade lançou, em 2019, ao lado da Sociedade Rural Brasileira (SRB), o Projeto AGROINOVA, com o propósito de compreender o real cenário da inovação e tecnologia no campo, identificando carências ligadas à conectividade, oportunidades de mercado e os impactos de ecossistemas tecnológicos já existentes, a fim de formular soluções que aproximassem o produtor rural do ambiente tecnológico de forma efetiva.

Uma das grandes conquistas de 2019 foi a conclusão da primeira turma da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio (ALMA) e a entrega dos certificados no 4º Congresso Nacional das Mulheres do Agro, realizado no Transamerica Expo Center, em São Paulo. Com o apoio da ABAG, o espaço foi reconhecido naquele ano com o Prêmio WEPs Brasil – Empresas Empoderando Mulheres, promovido pela ONU Mulheres no Brasil. “Engajar e valorizar o protagonismo no setor é uma missão da ABAG e cumprimos isso muito bem ao longo desse ano com a primeira turma da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio”, afirmou engenheiro agrônomo formado pela Esalq-USP, Luiz Cornac-

chioni, à época diretor-executivo da ABAG, que ficou no cargo entre 2014 e 2020. Ao final de 2019, o agro brasileiro apresentou bons números, com as exportações somando US\$ 96,8 bilhões, valor que representou 43,2% do total exportado no Brasil. Os destaques daquele período foram os comércios de milho, proteína animal e algodão, e a China alcançou a marca de principal cliente de carne bovina do país, sendo responsável por 26,8% do volume total exportado naquele ano.

Um dos destaques de 2019 foi o 18º Congresso Brasileiro do Agronegócio, evento que bateu recorde de participação, com 1.100 pessoas na plateia do espaço de eventos do Sheraton São Paulo WTC Hotel. Com tema “Agro: Momento Decisivo”, o evento reuniu grande público para falar sobre produção sustentável, potenciais diante do mercado chinês, redução do Custo Brasil,

mecanismos financeiros e os novos pilares que alicerçam o futuro do agro. Diante de uma revolução nos hábitos e costumes de uma geração cada vez mais conectada, e com visões cada vez mais diferentes de mundo, o agro precisava se reinventar de forma urgente, tendo a sustentabilidade em seu horizonte, seja nos aspectos produtivos, na preservação ambiental e na economia. “Se o crescimento do agronegócio brasileiro nesses últimos 40 anos foi assustador, o nosso trabalho político para o desenvolvimento geral do país falhou. Entregaremos para a próxima geração uma nação com desenvolvimento muito aquém do produzido pelo agro”, destacou Marcello Brito naquele período. Com grande repercussão, com o credenciamento de 148 jornalistas e 29 parcerias de mídia foram firmadas. O evento foi tema de 454 matérias publicadas em sites, jornais, revistas e programas de TV.



*No 18º CBA, em 2019, a ABAG homenageou Mônica Bergamaschi, diretora da ABAG Ribeirão Preto, pelo sucesso do Programa Educacional Agronegócio na Escola; e o pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Marcos Guimarães de Andrade Landell, com o Prêmio Norman Borlaug de Sustentabilidade. Imagens: Gerardo Lazzari.*



CAPÍTULO

6



**A liderança  
que desponta  
no horizonte**

Apesar do ambiente político conturbado que o Brasil vivia, até 2019 estava tudo seguindo a cartilha da normalidade: o agro nacional continuava apresentando desempenhos importantes, mantendo seu protagonismo internacional, e estava avançando em desafios como sustentabilidade, inovação e até mesmo na construção de um diálogo com o consumidor mundial, buscando compreender os anseios desse elo da corrente econômica. Contudo, esse cenário mudou completamente em 2020.

Segundo o presidente da ABAG à época, Marcello Brito, “fomos colocados em um filme de ficção”. A pandemia da Covid-19 foi um ponto completamente fora da curva e da realidade mundial. Processos produtivos foram afetados, cadeias logísticas e o comércio também foram impactados. O medo do vírus, somado às medidas necessárias para frear o contágio, esvaziou as ruas no momento mais grave da pandemia. Toda uma concepção de rotina, programações e até mesmo perspectivas ficou em suspenso: a sociedade precisou rever, reavaliar, se reinventar e se repositonar para evitar o risco de contágio.

A pandemia impôs mais rigor a questões de saúde humana, segurança dos alimentos, manuseio e boas práticas. Também trouxe reflexões sobre como manter a economia funcionando em um cenário de pandemia, sobretudo para garantir abastecimento e sustento à população. Setores como o agronegócio permaneceram ativos devido ao seu caráter essencial. Afinal, o que seria do mundo e do Brasil sem a produção de alimentos? O Brasil não teve prateleiras de supermercados desabastecidas, diferentemente de outros países. O novo momento exigiu uma produção impecável e demandou dos agentes a aproximação com a internet de forma acelerada, afinal, este se tornou o principal meio de comunicação entre as pessoas naquele período.

Para garantir o apoio ao agronegócio naquele momento tão difícil, a ABAG reforçou seus canais digitais e criou uma extensa programação de *webinars*. As plataformas digitais fizeram o seu papel e, por meio delas, a entidade conseguiu alcançar públicos cada vez maiores. O primeiro evento neste formato foi O Agro de Ponta a Ponta - Antes da Porteira, em 2020, mediado por Marcello Brito, e que contou com os conhecimentos de Douglas Ribeiro, diretor de Marketing da Corteva; Christian Lohbauer, presidente da CropLife Brasil; e Lair Hanzen, presidente da Yara Brasil Fertilizantes. Um dos pontos identificados pelos debatedores foi a desvantagem da descentralização do agronegócio brasileiro que, por conta dessa característica, possibilitou a produção de grãos e proteínas em diversas regiões do país. No mesmo ano, outro evento naquele mesmo formato foi realizado, porém com o tema “depois da porteira”.

O 19º Congresso Brasileiro do Agronegócio, em 2020, também foi realizado no formato *on-line*. Reunindo mais de 8 mil pessoas de 600 cidades brasileiras e 41

países, o evento tratou de um tema muito importante naquele período: “Lições para o Futuro”. Um novo amanhã pós-pandemia já estava no horizonte. Com a chegada deste capítulo, alguns temas se tornariam os grandes protagonistas, como a saúde, sanidade e a sustentabilidade. Durante o evento, Marcello Brito anunciou que a ABAG havia se tornado a primeira associação do agronegócio no mundo a neutralizar todas as suas emissões de gases de efeito estufa em 2019, uma ação inédita realizada graças ao CBios, créditos de descarbonização criados na

Política Nacional de Biocombustíveis (Renovabio). Segundo ele, foram comprados 55 CBios (cada certificado equivale a uma tonelada que deixou de ser emitida mediante a substituição de combustíveis fósseis por renováveis). “Esperamos que esse pequeno gesto econômico seja um gesto gigante no exemplo e na disseminação de ações mitigadoras das mudanças climáticas e um novo mercado para os CBios”, reforçou Brito, durante a abertura do evento.



*Em período de pandemia da Covid-19, a ABAG manteve sua agenda, realizando eventos on-line, como a 19ª edição do CBA.*

Outras ações desenvolvidas em 2020, seguiram no formato *online*, como o 5º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio, que reuniu 2.300 participantes. Da mesma forma, foi aberta a 2ª edição da Academia de Liderança para Mulheres do Agro (ALMA), com 150 mulheres e 46 horas de aulas virtuais. Somam-se a essas iniciativas a realização do 1º Agro Experience, fruto de uma parceria entre a ABAG e o TD (TransformaçãoDigital.com). O evento foi totalmente gratuito, e abordou três temas fundamentais: inovação, sustentabilidade e comunicação. Com mais de 40 convidados e quase 20 horas de conteúdos exclusivos, o TD instigou seus participantes a pensar o agro do futuro, a apostar na inovação nos mais variados segmentos, a abraçar novos mercados e a dialogar com plataformas comunicacionais mais interativas e expansivas.

Outros espaços virtuais de grande sucesso naquele período foram os comitês da ABAG que, em 2020, realizaram 30 encontros virtuais com associados, parceiros da entidade e convidados. Os trabalhos desenvolvidos nesses espaços produziram contribuições para projetos de lei e programas governamentais, manifestos, posicionamentos públicos, pesquisas de mercado, apoio a eventos, além da divulgação de novas ideias, contribuições em consultas públicas internacionais e *networking*. Havia espaço para falar sobre finanças verdes, políticas públicas de financiamento de carbono neutro, reputação do agronegócio, renovação do Convênio 100, reforma tributária, sementes, adubos, defensivos, comércio internacional de produtos agroindustriais, produção de alimentos mais nutritivos, dentre outros assuntos.

Um dos importantes trabalhos desenvolvidos, por exemplo, dentro do Comitê de Inovação, em 2020, foi a pesquisa “Visão da Inovação e Competitividade do Agronegócio”, promovida em agosto e setembro daquele ano, e que produziu um documento com 16 direcionamentos estratégicos em sete áreas que demonstravam o ambiente inovador existente no agro. A pesquisa foi realizada com diversos setores da sociedade, sendo 78% do mercado e 22% de aceleradoras, incubadora, parque tecnológico, *startups*, governo e outros. Esse levantamento revelou que 80% dos participantes consideravam a infraestrutura do país como principal desafio para a competitividade do agronegócio.



*ABAG participou, em 2020, da 1ª edição do evento Agro Experience, com a participação de seu presidente, Marcello Brito.*

As diferentes áreas abordadas na pesquisa foram apresentadas com direcionamentos estratégicos, como a área de Políticas Públicas, que orientava para a necessidade de que as ações governamentais fossem realizadas junto às associações representativas, a fim de tornar efetiva a promoção comercial do agro e seu aspecto sustentável. Também foram elaboradas sugestões para as áreas de Fator Humano, com uma política de incentivo

educacional à inovação por meio de novas tecnologias, governança e gestão eficiente; financiamento e fomento à inovação, dentre outros temas e ações, como Política Internacional e Acordos Comerciais, Financiamento e Fomento à Inovação, Propriedade Intelectual e Patentes, Infraestrutura e Sustentabilidade. A construção desse estudo daria embasamento à criação do AbagLAB.

Em 2020, a ABAG assinou carta aberta ao Brasil, em defesa de uma agenda sustentável. Havia uma grande preocupação com os rumos que a política ambiental praticada naquele período estava tomando, com riscos claros ao meio ambiente e aos direitos humanos. Tal postura se demonstrou prejudicial à imagem do Brasil no exterior. O manifesto, assinado por 60 CEOs de grandes empresas e cinco entidades, foi uma forma de pressionar o poder público para a mudança de rumo. “Sem dúvida, conseguimos demonstrar que no Brasil o agro moderno e legal era a maioria, e que seus benefícios à nação são de extrema importância. Em nenhum momento nos deixamos levar pela pressão daqueles que enxergam o Brasil pelo retrovisor, e a imagem da ABAG ganhou importância definitiva perante a sociedade nacional, principalmente aquela que não acompanhava de perto o setor”, recorda Marcello Brito.

Após a assinatura do manifesto, ainda naquele ano, as lideranças empresariais tiveram audiências com o vice-presidente da República à época e responsável pelo Conselho Nacional da Amazônia Legal (CONAMAZ), Hamilton Mourão; com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli; com o presidente do Senado Federal, Davi Alcolumbre; presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ); com os deputados Rodrigo Agostinho (PSB-SP), presidente da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados, e Zé Silva (SD-MG), autor do PL 2633/2020, sobre regularização fundiária.

Apesar do cenário desafiador, devido à pandemia, no geral, o agro brasileiro apresentou valores recordes de exportação e alcançou a participação de 48% nas exportações totais do país. Diferentemente de outros setores que, juntos, registraram saldo negativo (quase US\$ 37 bilhões em 2020), o agronegócio fechou superávit superior a US\$ 87 bilhões e valor de vendas acima de US\$ 100 bilhões no ano. Claro que, ao verificar o desempenho de diferentes *commodities*, algumas foram mais e outras menos bem-sucedidas. “Produtos como soja, milho, suco de laranja e proteínas animais tiveram os melhores ganhos com preços crescentes e associados ao dólar alto. As cadeias de hortaliças, frutas, flores, pescado, leite e ovos, que possuem milhares de pequenos e médios produtores, e que somam 85% das propriedades brasileiras com menos de 100 hectares, viveram dias de agonia”, salientou o presidente da ABAG naquele período.

## POR UM AGRO VERDE

No começo de 2021, a esperança insuflada pelo início da vacinação contra a Covid-19 garantiu os primeiros passos rumo à “normalidade”. De qualquer forma, as respostas da imunização ainda demorariam, portanto, os espaços de discussão permaneceriam predominantemente na modalidade *on-line* e, em relação aos

eventos promovidos pela ABAG, não foi diferente. Com o tema “Nosso Carbono é Verde”, o 20º Congresso Brasileiro do Agronegócio reuniu mais de 8 mil pessoas de 24 países em seu ambiente virtual. O evento debateu um tema fundamental: recuperar o protagonismo do setor na agenda agroambiental. Nomes como o embaixador Marcos Azambuja, conselheiro emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), participaram do evento, compartilhando importantes reflexões, como a necessi-

dade de o Brasil assumir o cuidado ambiental pelos brasileiros, e não pelo interesse de outros países. Além da participação do país em espaços de regulamentação ambiental, o evento focou em um dos seus painéis sobre a oferta de mecanismos de financiamento, investimento e crédito, como caminho fundamental para a construção efetiva de uma agenda agroambiental no país.



Em mais uma edição on-line, a 20ª edição do CBA homenageou com o Prêmio Norman Borlaug de Sustentabilidade, o engenheiro agrônomo e então presidente da Embrapa, Celso Moretti.

Da mesma forma, o 6º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio foi realizado de forma *on-line*, alcançando 3 mil participantes de todo o Brasil, com mais de 70 palestrantes. Temas como a importância da China como parceira comercial brasileira, agronegócio sustentável, gestão ambiental e inovação possibilitaram a construção de um espaço muito rico de novos horizontes, sem falar da entrega do 4º Prêmio Mulheres do Agro, que seguia reconhecendo a coragem e garra de mulheres que tornaram a atividade parte central de suas vidas e histórias de superação. “Queremos, ano após ano, inspirar mais mulheres a se sentirem motivadas a contar e escrever suas histórias”, reforçou, naquele período, Gislaine Balbinot, à época gerente de Comunicação da ABAG e atual diretora-executiva da entidade. Outra ação de estímulo à participação feminina no agro foi mais uma edição da Academia de Liderança para Mulheres do Agro, que concluiu os trabalhos de sua terceira turma, com 166 participantes. Ao todo, 354 mulheres passaram pela Academia, uma iniciativa da ABAG com a Corteva Agriscience e a Fundação Dom Cabral.

Naquele contexto, a mulher já não ocupava mais papel secundário na atividade agrícola, e trabalhos como esses realizados pela ABAG destacavam o lugar que elas conquistaram para a construção de um agronegócio mais vibrante, responsável e transformador. Investir no reconhecimento da mulher estava na visão estratégica da associação e, sempre que necessário, a ABAG buscava amplificar os avanços alcançados. Por isso, em 2021, firmou parceria com o movimento Agroligadas, de mulheres profissionais do agronegócio, para a realização de uma pesquisa que identificou os avanços e desafios a serem superados nessa caminhada pelo empoderamento. Mais de 400 mulheres foram ouvidas, com média etária de 40 anos, de diversas regiões do país. Os resultados dessa pesquisa foram lançados no dia 13 de outubro de 2021, Dia Internacional da Mulher Rural, data estabelecida pela ONU em 1995.

Segundo a pesquisa, 93% das mulheres consultadas manifestaram orgulho de trabalhar no campo ou na indústria agrícola. Infelizmente, apesar de identificarem grandes transformações em relação à questão da aceitação feminina no ambiente de produção rural, 64% das entrevistadas afirmaram existir desigualdade de gênero. Cerca de 21% demonstraram otimismo de que essa situação se resolveria em menos de dez anos. Outro ponto importante foi a questão salarial, com 54% que acreditavam receber menos que os homens. No quesito financiamento, muitas afirmaram ter menos acesso a crédito, enquanto 49% informaram ter as mesmas facilidades que os homens para a conquista de crédito. Grandes mudanças vieram com a pandemia da Covid-19, e uma delas foi o acesso à tecnologia. Com a necessidade temporária de distanciamento social, 66% das mulheres ligadas à produção rural e que atuavam em centros urbanos recorreram à tecnologia para se manterem ativas em seu trabalho.

Na linha de participações, a ABAG apoiou o 2ª World Agri-Tech South America Summit, evento sul-americano que ocorreu em formato virtual em 2021, e que contou com a presença de mais de 600 líderes globais de toda a cadeia de inovação agroalimentar, debatendo conectividade, novas plataformas digitais de gestão agrícola, proteção biológica de colheita e muitos outros assuntos. Outro evento relevante foi o 2º Agro Experience, fruto da parceria entre ABAG, a Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários (Andav), Conselho Nacional do Café (CNC), Sociedade Rural Brasileira (SRB), Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Abralite) e Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), e realizado pela TD, empresa voltada à produção de eventos virtuais. O evento, *on-line* e gratuito, destacou o aumento do custo de produção, crise hídrica e pandemia, além de fornecer conteúdo exclusivo sobre gestão, planejamento, finanças e conectividade.

Em 2021, no Dia Mundial da Alimentação, celebrado em 16 de outubro, a ABAG e outras entidades do setor organizaram um *webinar* para debater o tema da alimentação sob a ótica do contexto da pandemia da Covid-19. Durante as discussões apresentadas no evento, a transformação do sistema agroalimentar no país se mostrou urgente, com a integração da sustentabilidade, acessibilidade e segurança alimentar à pauta do dia. Dados da ONU demonstraram que, em 2020, a fome piorou, agravado pela queda da renda das famílias e o aumento dos preços dos alimentos. Regiões como América Latina e Caribe apresentaram números preocupantes, com 11,3 milhões de pessoas sem conseguir pagar por uma alimentação saudável. O papel do Brasil como grande produtor de alimentos no mundo era fundamental. “Somos um dos poucos países do mundo que não só se abastece, como também atende uma grande parte da humanidade. Fazemos isso com grande talento. Temos de associar cada vez mais a dinâmica do agronegócio com produtividade e meio ambiente. O Brasil não pode ser negligente, porque os ganhos acumulados se dissipam na ideia de que o país faz alimentos com sacrifício do meio ambiente. Temos de cuidar com harmonia das duas partes”, reforçou Marcos Azambuja, diplomata de carreira e conselheiro emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), durante o evento.

Em 2021, a ABAG registrou vitórias, como a renovação do Convênio ICMS nº 100/1997 até o final de 2025. Em meio à

elevada carga tributária imposta no país, uma infraestrutura deficitária no escoamento de produção, dificuldades para a conquista de financiamentos competitivos e muitos outros gargalos que interferiam no pleno desenvolvimento da produção agrícola brasileira, a desoneração de diversos insumos essenciais para a cadeia do agronegócio foi fundamental para aliviar, mesmo que em parte, os custos que pesavam sobre o setor, favorecendo assim o fornecimento de alimentos a preços mais acessíveis para a população.

Juntamente com empresários e presidentes de importantes companhias, representantes de organizações sociais e entidades setoriais, em 2021, a ABAG participou da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas - COP26, em Glasgow, Escócia. Os desdobramentos daquele evento foram debatidos durante o BW Talks Conexão Europa COP 26 e no Comitê Sustentabilidade e Bioeconomia da ABAG. Durante a última reunião do comitê em 2021, um dos destaques apontados foi a participação ativa do setor privado e público naquela pauta. Para o presidente da ABAG, a postura dos diferentes agentes na busca por soluções alinhadas à proteção ambiental foi notável, mas o Brasil ainda teria uma longa caminhada para acertar em relação ao tema por conta dos números de desmatamento ilegal, que só aumentavam. Ainda naquele ano, representando a ABAG, Marcello Brito reforçou o papel de uma agenda agroambiental no Brasil em entrevista ao Programa Roda Viva, da TV Cultura.

O trabalho desenvolvido por Marcello Brito contribuiu para a promoção da sustentabilidade do agronegócio. Seu compromisso com o assunto possibilitou que novas percepções a respeito da imagem do agro se instalassem, demonstrando o compromisso do setor com o combate ao desmatamento ilegal, zelando pelo equilíbrio e harmonia entre os poderes da República e pela construção de um futuro com uma alimentação segura e acessível a todos. “Tive a sorte de contar com um conselho diretor de altíssimo nível, gente com uma visão da internacionalização do agro nacional e ciente do que isso representava em ações concretas. A intenção de uma gestão voltada ao crescimento e desenvolvimento agroambiental do setor foi objeto da primeira reunião do conselho e aprovado por unanimidade. A ABAG já fazia parte da Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura e aprimoramos ainda mais essa participação, dando mais visão à ABAG nos fóruns de discussão no Brasil e no mundo. Para tal,

apoiamo-nos em pesquisas que mediam a imagem de nosso agro no exterior e usávamos esses resultados em ações diretas”.

## VISÃO ESTRATÉGICA

Em 2022, Caio Carvalho voltou a liderar a ABAG para um mandato de dois anos, e vivenciou um período bastante desafiador para o agro, que precisou amortecer o impacto de uma China que retomou fortemente os mecanismos de controle da pandemia da Covid-19, ao mesmo tempo em que Rússia e Ucrânia entravam em guerra. Enquanto muitos esperavam um novo capítulo, mais promissor na chamada “pós-pandemia”, aqueles eventos tornaram a volta do mundo à “normalidade” algo mais lento e carregado de desafios, sobretudo pela questão logística, acesso a fertilizantes – muito mais caros –, crise fiscal, inflação e políticas monetárias restritivas. Para adicionar mais um degrau na grande jornada que foi aquele ano, o Brasil vivenciaria novas eleições, em um cenário de bastante animosidade e conflitos.

O momento surpreendeu, mas a ABAG estava firme e com uma agenda muito sólida de ações internas e externas que dialogavam com todos os governos, com o comércio exterior, a sustentabilidade, a segurança alimentar, o protagonismo feminino, a inovação, a agroenergia e muitos outros temas amplamente discutidos em seus comitês, junto a autoridades, parceiros, associados e imprensa, que, em 2022, reconheceu a associação como entidade do agronegócio que melhor se relacionava com os jornalistas (na 12ª Pesquisa Empresas que Melhor se Comunicam com Jornalistas, realizada pela revista Negócios da Comunicação).

Em 2022, foi possível ver o trabalho da entidade na Av. Paulista, incentivando a preservação da natureza durante a 12ª edição da Virada Sustentável. Também estava engajada no fortalecimento da Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio, formando 80 mulheres naquele ano e premiando nove empreendedoras em pequenas, médias ou grandes propriedades por meio do 5º Prêmio Mulheres do Agro, uma parceria com a Bayer, que, naquela edição, bateu recorde de inscrições, com 210 mulheres. Também em 2022, a ABAG marcou presença no 7º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio (CNMA) e no Youth Agribusiness Movement International (YAMI), voltado a oportunidades para jovens. Esses dois eventos foram realizados no Transamerica Expo Center (SP), em outubro de 2022. Espaços virtuais também produziram grandes debates sobre a cadeia produtiva do gado de corte e desafios nos sistemas agroalimentares globais, como a realização de dois *webinars* binacionais organizados pela ABAG, com apoio do Ministério Federal da Alimentação e Agricultura da Alemanha e do MAPA.

O agronegócio mostrou-se mais pujante ainda na 27ª Agrishow, em Ribeirão Preto, com a participação de 193 mil visitantes do Brasil e exterior. Mais de 800 marcas nacionais e internacionais ofertaram soluções e novidades para o produtor rural em mais de 520 mil m<sup>2</sup> de área de exposição. O resultado daquela edição foi de R\$ 11,2 bilhões de negócios iniciados entre expositores e compradores. Enquanto os negócios seguiam promissores durante a Agrishow, a ABAG seguia potencializando ações

para promover o agro no mundo. O PAM AGRO, em conjunto com a ApexBrasil e outras entidades, realizou ações que envolveram *media training*, *press trip*, entrevistas, reuniões de relacionamentos, promoção de eventos, participação em atividades externas e suporte a visitas técnicas. A entidade também esteve presente em debates sobre a nova geopolítica dos alimentos no mundo em reunião com a Organização Mundial do Comércio (OMC).

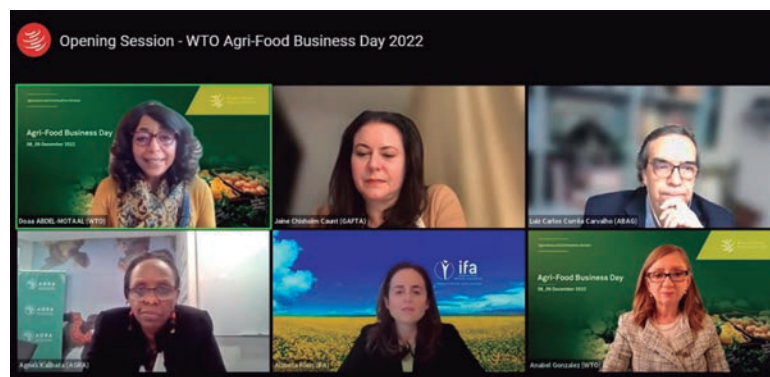


Em 2022, a ABAG ficou movimentada, com a presença do ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite; do deputado Pedro Lupion; e especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, Eduardo Sampaio Marques, para discutir o adido agrícola BR-Alemanha.

Novos e antigos espaços estiveram na agenda da ABAG, como a Aliança para o Uso Responsável de Antimicrobianos, criada em 2018 e que, em 2022, firmou parceria com a Universidade de São Paulo (USP) para a realização de um curso à distância destinado à capacitação e atualização de antimicrobianos em medicina veterinária. Na sequência, foi assinado acordo de cooperação com o MAPA, para o uso responsável de antibióticos no país. Na Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, a ABAG contribuiu para a elaboração da carta aberta ao presidente americano Joe Biden e congressistas daquele país, apoiando o fundo contra o desmatamento. Também ajudou no desenvolvimento do documento Rota Eleições, com 15 propostas aos candidatos à eleição brasileira daquele ano. Sobre novidades, em 2022, a ABAG passou a integrar o Conselho Curador do Brasil Agrobusiness, um *hub* de comunicação, conteúdo, negócios e entretenimento criado com o objetivo de atualizar a imagem do agro brasileiro no mundo.

No palco da inovação, a ABAG lançou o AbagLAB, uma plataforma digital desenvolvida pelo seu Comitê de Inovação, baseada na publicação “Visão da Inovação e Competitividade do Agronegócio”, *position paper* lançado em 2020. Funcionando como um *hub* independente para divulgação de novas ideias e conceitos, o AbagLAB nasceu com o objetivo de aproximar os diferentes *players* de soluções inovadoras, criando *networking* e alianças estratégicas para o desenvolvimento de produtos e soluções que implementariam um ambiente inovador no setor.

Presente em diversos eventos ligados a temas como fertilizantes, qualidade, direito, inovação e tecnologias florestais, exportações, desenvolvimento sustentável na Amazônia, a ABAG, em 2022, destacou a importância de se produzir alimentos nutritivos com qualidade, de forma sustentável, competitiva e com boa governança, no Fórum Dia Mundial da Alimentação, promovido pelo Canal TerraViva, e debateu a importância da multilateralidade global no comércio para enfrentar a crise de alimentos, no WTO Agri-Food Business Day, evento realizado pela Divisão de Agricultura e Commodities da OMC. Acompanhou também a reunião ministerial da OMC, que tratou das negociações entre os países participantes do Pacote de Genebra, firmado em 2022, culminando em uma série de decisões ligadas à pesca, requisitos referentes à vacinação contra Covid-19, segurança alimentar e agricultura.



ABAG participou do evento WTO  
Agri-Food Business Day, em 2022.

Uma das importantes mudanças internas na ABAG em 2022 foi em relação aos seus comitês. O novo Conselho Diretor da associação realizou uma adequação, estabelecendo comitês de Assuntos Jurídicos, Agroenergia, Comunicação, Inovação, Insumos, Máquinas e Implementos Agrícolas, Sustentabilidade e Relações Internacionais. Também foi instalado um Grupo de Trabalho (GT) para discussão e criação de uma proposta de governança dos comitês. A primeira ação do GT foi uma pesquisa com entidades setoriais para verificar as melhores práticas existentes e o estabelecimento de um cronograma de ações para 2023.

Em meio aos desafios econômicos, internacionais e políticos enfrentados durante 2022, o agro brasileiro se mostrou resiliente, fechando aquele ano com exportações de US\$ 159,09 bilhões, um número 32% superior ao do ano anterior, que foi alavancado pelos preços internacionais das *commodities* agrícolas (que apresentou incremento de 22,1%, se comparado a 2021). Houve também um aumento no volume exportado (8,1%) devido à safra brasileira de grãos 2021/2022, que registrou aumento, com 271,4 milhões de toneladas produzidas. “O Brasil terminou o ano relativamente bem em relação à grande maioria dos países, com efetivo crescimento do PIB, e enfrentou uma eleição dividida no final de outubro, que elegeu um novo governante a partir de 2023. As expectativas estão na procura ativa da união no país, tendo em vistas as ameaças que se apresentam para os próximos anos, como consequência dos efeitos difíceis para a economia brasileira desde 2020”, ressaltou Caio Carvalho em editorial no Relatório de Atividades daquele ano.

## ALIADA DO AGRONEGÓCIO

Em 2023, a ABAG chega aos seus 30 anos. No mesmo momento em que a associação alcança essa marca, o agro brasileiro já deu muitas provas de protagonismo, como grande provedor que sustenta e fortalece o Brasil nos seus exitosos e desafiadores momentos, proporcionando geração de emprego e renda e posição de destaque na produção de alimentos no combate global à insegurança alimentar. Para comemorar essa data tão importante para a ABAG, o ano começou como deveria: com a associação acompanhando o agro naquela jornada diária, de sol a sol, pelos novos e não tão novos temas, como a entrada de um novo governo e os efeitos de uma cena mundial desafiadora. Em um cenário pós-pandemia, com guerra, emergências climáticas e choques econômicos, o agronegócio brasileiro começou 2023

enfrentando as barreiras comerciais internacionais. Os traumas globais recentes produziram muralhas comerciais que entraram em confronto direto com a resolução de um dos temas mais importantes para o mundo: a insegurança alimentar, que, em 2021, atingiu cerca de 2,3 bilhões de pessoas (quase 30% da população mundial) em sua face moderada ou severa.

Por meio de regras cada vez mais unilaterais para os produtos agrícolas, protecionismo exacerbado e o chamado “precaucionismo”, em 2023, diferentes países passaram a se isolar com a argumentação de estarem protegendo seus cidadãos dos riscos, ao mesmo tempo em que seguiam sustentando um discurso que prega a necessidade de união global. “Nós temos hoje oito bilhões de pessoas no nosso planeta, sendo que quase 860 milhões estão numa situação de risco alimentar, o que não quer dizer que estejam com fome, mas que não podem se alimentar como a maioria”, ressaltou Ingo Plöger, vice-presidente da ABAG em entrevista ao Canal AgroMais.

O tema do protecionismo e das restrições foram pautas do Fórum Agro: Brasil Protagonista, realizado naquele começo de 2023 e transmitido pelo canal da ABAG no YouTube, com o apoio da Bayer. Um dos temas abordados foi a internacionalização do Pacto Verde Europeu (*Green Deal*), aprovado em 2020, e que teve como objetivo alinhar a legislação da UE com os seus objetivos climáticos. Além da crítica à imposição de mais sanções por parte da Europa, em um cenário que demanda cooperação, o presidente da ABAG destacou, no evento, que as metas de descarbonização implementadas no cenário europeu, de clima temperado, não poderiam ser aplicadas em países de clima tropical. As discussões permearam também os impactos dessa medida para o agronegócio brasileiro e a necessidade de transparência da produção do país para o mundo, posicionamentos claros sociais e ambientais, e ações efetivas de combate ao desmatamento ilegal.

Outro assunto muito semelhante no primeiro semestre de 2023 foi a aprovação de uma lei no Parlamento Europeu contra a importação de produtos como carne bovina, café, cacau, soja, madeira, borracha, óleo de palma e derivados, como couro, móveis de madeira, carvão e papel produzidos em terras desmatadas até 2020. A decisão, de grande impacto ao agro nacional, virou alvo de ação da ABAG junto ao governo federal, no sentido de sinalizar o desrespeito da UE à lei brasileira, já que as condições para preservação de áreas no Brasil são determinadas pelo Código Florestal. Para o presidente da ABAG, não havia nada

de inédito naquele cenário, muito pelo contrário: “Fundamentalmente ao mercado e aos consumidores, a competição nesses tempos bicudos poderá ser atropelada por protecionismos e precauionismos. O unilateralismo alcança e enfraquece a OMC, da qual os países emergentes são muito dependentes. Nesse ano que apenas inicia, essa involução será muito sentida, tipo o ‘novo é a volta do velho’”.

Neste ano de comemorações, a ABAG realizou o 22º Congresso Brasileiro de Agronegócio. Com o tema “Brasil Agro: Inovação e Governança”, a edição colocou em pauta a importância desses dois temas para garantir a competitividade do agronegócio brasileiro. Diante de assuntos como transição energética, protecionismo e precauionismo de mercado, e remodelação das cadeias de suprimentos globais, debateu-se a necessidade de o agro abraçar novos caminhos, olhando tanto mercados consolidados como novos. Aproximadamente 850 pessoas estiveram presentes no evento, que aconteceu no Sheraton WTC Hotel, em São Paulo. Enquanto isso, mais de 4 mil profissionais do Brasil e exterior acompanharam a edição via internet. “O Congresso é um espaço de conexão das diversas entidades que compõem o nosso agro, debatendo questões relativas a todos nós. É uma sinergia crescente, e são grandes as possibilidades para o nosso setor, não só do ponto de vista da segurança alimentar e energética, mas também da transição energética e da regulamentação do mercado de carbono, que passa a ser um novo componente da visão na produção de alimentos, fibras e energia renovável”, destacou Caio Carvalho, presidente da ABAG.



*Participação de autoridades no 22º CBA. Na foto, da esq. para dir., o vice-presidente da ABAG, Ingo Plöger; o atual vice-presidente da República, Geraldo Alckmin; a senadora Tereza Cristina; e o presidente da ABAG, Caio Carvalho.*



*Em sua 22ª edição, o CBA reuniu grande público, autoridades e homenageou, com o Prêmio Norman Bortlaug de Sustentabilidade, o pesquisador da Embrapa Miguel Ivan Lacerda de Oliveira.*



*Durante a edição, também foi homenageado José Luiz Tejon Megido, jornalista especialista em agronegócio, com o Prêmio Ney Bittencourt de Araújo.*

Em um contexto histórico longe de ineditismos, a ABAG alcança três décadas de existência disposta a auxiliar o agronegócio brasileiro diante de todos esses desafios e dos próximos que virão, não importando o tamanho ou a reincidência. Ano após ano, o agronegócio do país contribuiu de forma estratégica para o crescimento e a estabilidade econômica do Brasil, e a associação sempre trabalhou para que esse protagonismo fosse devidamente reconhecido e consolidado no bojo de uma política de crescimento nacional séria, sólida e dedicada a desfazer todos os nós que ainda permeiam a atividade agrícola. A ABAG soube dialogar, produzir informação e espaços de qualidade e agir diante dos diferentes contextos nacionais e internacionais, dos mais diversos paradigmas e demandas.

Muitos desafios se apresentam no horizonte da agricultura brasileira. Pesquisa realizada pela Embrapa e intitulada “Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira”, aponta diversos fatores que tendem a produzir grandes transformações na produção agrícola do país e no mundo. Temas como aumento do consumo de água, energia e alimentos seguem como grandes preocupações para o futuro, por conta do aumento populacional no mundo (a ONU estima que em 2050 o planeta terá quase 10 bilhões de habitantes), do crescimento da expectativa média de vida e do aumento do poder aquisitivo de regiões como a Ásia, África e América Latina. Todos esses eventos, aliados ao avanço da urbanização, mudanças climáticas (como eventos climáticos extremos), pandemias, mudanças socioeconômicas, novos perfis de consumo, estresse logístico e conflitos geopolíticos, contribuem ao desafio da ampliação da produção de alimentos e energia pelo setor agrícola. Nas últimas décadas, mesmo diante de adversidades climáticas, econômicas, políticas e geopolíticas, o agronegócio brasileiro mostrou um desempenho acima da média, com resultados contínuos de crescimento e que o colocam como grande expoente, capaz de contribuir com liderança no fornecimento de alimentos, bioenergia e demais agroprodutos ao mundo. Esse é o futuro da produção

agrícola brasileira, e reconhecida internacionalmente. Ao mesmo tempo, esta constatação já é conhecida da ABAG, devido à sua privilegiada como representante do conjunto de elos produtivos da cadeia agrícola brasileira. Nesse sentido, trabalha para que tomadores de decisão, nos diferentes contextos econômicos e políticos, compreendessem o papel estratégico do Brasil como potência agrícola, tecnológica e cada vez mais sustentável. E este trabalho desenvolvido pela ABAG não será diferente ou terá menor intensidade no futuro.

“Quando montamos nosso recente planejamento estratégico, construímos olhando para frente. Então, temos linhas fundamentais de trabalho. O que é estratégico para compreendermos três aspectos fundamentais: tecnologia, meio ambiente e geopolítica. A questão geopolítica é o que faz com que o Brasil tenha um mercado, que o investimento seja feito, que atraia investimentos para aumentar as possibilidades de mercado, a demanda e, principalmente, para melhorar a renda do produtor. Junto a isso, estamos trabalhando para fortalecer o entendimento da sociedade sobre a capacidade do agro brasileiro de ter uma baixa pegada de carbono, ao mesmo tempo em que pode ser muito competitivo, ser moderno na sua governança, gerar emprego e renda, promovendo evolução social. É nesse sentido que a ABAG trabalha, sempre muito sensível à evolução do mundo, aos temas que podem afetar o país, às novas possibilidades de abertura de mercado, à evolução tecnológica e sustentável. Essa atuação estará, sem dúvida, nos próximos 30 anos da associação”, avalia Caio Carvalho, presidente da ABAG.



CAPÍTULO

7



**Juntos  
pelo agro!**



### **CARLO LOVATELLI**

Presidente da ABAG (2002-2011)

A ABAG certamente se impôs, em seus 30 anos de existência, de forma inteligente, paulatina e consistente, perante os públicos envolvidos e interessados no agronegócio brasileiro, tornando-se referência nacional setorial. A sua correta opinião sobre os vários assuntos colocados em pauta tem gerado um respeito generalizado da opinião pública, consolidando o seu importante papel. Ter exercido a presidência da ABAG, por nove anos, trouxe para mim experiência e uma vivência ímpares, dando a oportunidade de convívio com muitas pessoas interessantes e construtivas, além de participar de inúmeras iniciativas que só aprimoraram o conceito do agronegócio brasileiro. Agradeço a todos os colegas

que conviveram comigo na ABAG, e ao convite de voltar a fazer parte desta família, como membro, recentemente convidado, do seu Conselho Consultivo.



### **CELSO LUIZ MORETTI**

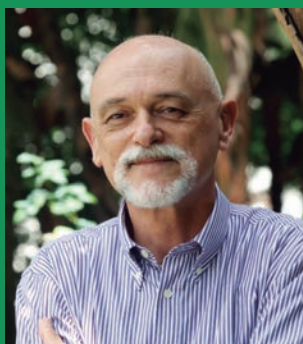
Ex-presidente da Embrapa

Na década de 1970, o Brasil era conhecido como produtor de café, açúcar e cacau, *commodities* daquela época. O país ainda importava para seu consumo grandes quantidades de arroz, feijão, carne, leite, milho, trigo e outros cereais. Os cerrados, bioma com mais de 200 milhões de hectares, era uma área inóspita, de plantas retorcidas, com um solo pobre e ácido. Cinquenta anos se passaram: um período curto na história dos povos ou de uma nação. Nesse reduzido intervalo de tempo, o Brasil se tornou uma das maiores potências agrícolas e ambientais do mundo. A pesquisa pública agrícola – um consórcio de instituições como a Embrapa, universidades, organizações estaduais de pesquisa e extensão rural –,

abriu caminhos para um setor produtivo ágil e empreendedor.

É nesse setor empreendedor que se insere a ABAG, que completou 30 anos de uma trajetória de sucesso em 2023. Na época de sua fundação, Ney Bittencourt de Araújo, visionário e entusiasta do agronegócio, já tinha clareza da necessidade de se estabelecer uma associação que unisse todos os elos da cadeia, do campo aos serviços. Bittencourt e seus colaboradores já enxergavam a necessidade de apoiar o desenvolvimento competitivo e sustentável do agronegócio brasileiro, inserindo e aproximando-o cada vez mais dos atores econômicos nacionais e internacionais.

Com apoio da ABAG e de seus mais de 70 associados, o Brasil hoje produz alimentos para centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Produz alimentos, fibras e bioenergia e preserva o meio ambiente. E isso é só o começo. Passamos de 300 milhões de toneladas de grãos na última safra. Com mais de 100 milhões de hectares de pastagens degradadas que poderão ser convertidas em agricultura, o Brasil é o local no mundo que tem maior potencial para alimentar uma população crescente, que precisa enfrentar os desafios das mudanças climáticas. O país cumprirá esse papel porque possui um agro forte, pujante e inovador. E instituições sólidas como a ABAG. Parabéns e vida longa à ABAG!



## DECIO ZYLBERSZTAJN

Professor Titular Sênior ESALQ - USP

Ao completar 30 anos de atividades, a ABAG começa a colher os resultados típicos das ideias bem geradas. Quando Ney Bittencourt Araújo vislumbrou uma entidade que pudesse congregiar os diferentes atores relevantes para o agronegócio brasileiro, ele desejava contribuir para a governança de um sistema em profunda mudança. A preocupação com a governança intersetorial ainda é um dilema de difícil solução, entretanto, a ABAG contribuiu para o cenário que se observa nos tempos de hoje. A ABAG não apenas acompanhou tais mudanças, mas também foi um ator presente em todos os debates relevantes. As contribuições dos presidentes e diretorias que se sucederam, desde a implantação da entidade,

são visíveis e demonstram como boas ideias podem vingar, transformar e, sobretudo, impulsionar mudanças. O momento atual impõe novos desafios, o aquecimento global mostra os seus efeitos, instabilidades geopolíticas se intensificam em escala não vista desde a Segunda Grande Guerra, novas tecnologias emergem afetando o cotidiano dos tomadores de decisão do agronegócio. Isto implica que a ABAG, mais do que nunca, é necessária e deve manter o seu papel de antena indicadora dos caminhos estratégicos para o agro brasileiro. A formulação de estratégias para o agronegócio passa necessariamente pela ABAG, esta é uma conquista que deve ser preservada pelas futuras gerações que almejam ver o país desenvolvido a partir de raízes bem plantadas no sistema agroindustrial.



## FRANCISCO MATTURO

Diretor da ABAG

Nos últimos 30 anos, o Brasil consolidou uma destacável posição no cenário mundial, como um dos maiores produtores de alimentos, fibras e de matérias-primas para biocombustíveis renováveis, essenciais para a transição a uma economia de baixo carbono. Esse movimento, que nos trouxe uma sólida evolução tecnológica e sucessivos ganhos de produtividade, foi construído por pessoas dedicadas e visionárias, que apostaram em mudanças que pareciam simples, mas que tiveram grande impacto, do plantio direto, com Herbert Bartz na década de 1970, à inestimável contribuição dos institutos de pesquisas privados e públicos, como a Embrapa, que chega aos 50 anos. Essas instituições foram

imprescindíveis à transformação que vivenciamos. Mas o caminho para a evolução não é feito só de ideias e instituições: também demanda a criação de espaços para aproximar, unir e representar pessoas, cooperativas, empresas e outras entidades, de todas as cadeias que compõem o agronegócio. Assim é a ABAG, assim é a Agrishow, trazendo as máquinas agrícolas, e que na sua primeira edição, há 30 anos, foi presidida por Ney Bittencourt de Araújo, presidente da recém-criada ABAG. Tive a honra e a felicidade de ter contribuído – e vou seguir fazendo isso – para a evolução desses dois espaços, nos quais tive a oportunidade de conviver com visionários como, Ney Bittencourt de Araújo e Roberto Rodrigues. Tudo o que aprendemos, nesses 30 anos, nos permite projetar o futuro com otimismo: o Brasil seguirá firme, construindo seu protagonismo como grande produtor global de alimentos e energias renováveis. Do nosso lado, como ABAG, seguiremos colaborando para a manutenção de um ambiente profícuo, de relacionamento e construção, para os diferentes elos do agronegócio, mas que também cumprirá papel cada vez mais estratégico no zelo da reputação do setor e no diálogo com a sociedade.



## INGO PLÖGER

Vice-presidente da ABAG

A ABAG nasceu com a necessidade de se ter uma representação não só de uma área específica da Agricultura, mas dando vazão a uma visão coletiva e integrada que saía dos produtores do campo, independentemente do que estavam produzindo, até o final do seu produto. Naquela época, havia uma visão de que os interesses da cadeia produtiva global eram muito relevantes, para se ter uma noção da importância da evolução desse desenvolvimento. Já existia uma série de outras entidades, organizações e cooperativas – até mesmo centenárias –, só que havia a necessidade de uma entidade integrada. O protagonismo da ABAG, ao longo dos anos, possibilitou a criação de uma grande geração de lideranças,

que fizeram diferença na própria entidade e no contexto político, com o surgimento de vários secretários de estado e até ministros.

Uma combinação de fatores possibilitou o êxito da ABAG. A primeira foram as pessoas que estiveram tanto na presidência quanto aqueles membros ativos que compuseram as diretorias. O segundo ponto foram as empresas à frente da entidade. O terceiro fator que considero ter contribuído para a evolução e protagonismo da entidade foram as instituições parceiras (associações, institutos de pesquisa e academia), e até mesmo as representações parlamentares que colaboraram para que importantes temas voltados ao agronegócio fossem debatidos em comitês. Com a união desses atores, a ABAG se tornou uma referência para os grandes temas integrados, nacionais e internacionais. Por meio da atuação da entidade, pautas como a sustentabilidade social/ambiental e mudanças climáticas foram cada vez mais fortalecidas. O próprio debate para a construção do Código Florestal foi algo que permeou as ações da entidade.

Nas últimas décadas, o campo mudou muito devido à necessidade do produtor rural, mais tradicional, de se adequar às novas demandas da tecnologia, novos paradigmas de consumo, à crescente demanda por alimentos e tantos outros fatores que impactaram seu modo de produzir, agora sob a ótica da construção de uma cadeia mais sustentável. O nível de aprendizado é outro, a relação entre cidade e campo também mudou. Em meio a todas essas questões e desafios apresentados ao agricultor, ele pôde contar com a ABAG, que acompanhou – e segue acompanhando –, de forma proativa e propositiva, a jornada de transformação dos setores produtivos do agronegócio, sob uma ótica sistêmica, procurando desatar os nós que impactam desde o dia a dia do produtor até a construção de uma política global de enfrentamento da insegurança alimentar.

124



## IVAN WEDEKIN

Diretor da Wedekin Consultores

Tenho pela ABAG um carinho muito profundo, porque as minhas digitais estão lá, no período inicial de fundação dos alicerces, momento em que eu trabalhava com Ney Bittencourt de Araújo, e todo o trabalho feito também por Roberto Rodrigues. Tenho a satisfação da contribuição técnica que dei em diversos livros e projetos da ABAG e, nos últimos anos, temos tocado projetos não convergentes. Foquei em uma parte mais institucional, educacional, de redação de livros, inclusive, do livro mais abrangente sobre política agrícola do Brasil. Do ponto de vista do futuro, o agronegócio brasileiro é gigante e global, com raízes fincadas no interior e com uma grande projeção de crescimento para atender a população brasileira com

melhoria de renda, de emprego, e atender também aos 800 milhões de consumidores do mundo que dependem do agronegócio brasileiro. O Brasil será cada vez mais relevante para a segurança alimentar no mundo. O papel da ABAG é contribuir para que os desafios do presente sejam superados e as políticas para o futuro sejam cada vez mais eficientes em benefício do Brasil.



**JOÃO MARTINS DA SILVA JUNIOR** (Foto: Wenderson Araujo - Trilux)  
Presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

Nesses 30 anos em que o agronegócio brasileiro consolidou seu importante papel na oferta de alimentos, proporcionando segurança alimentar para mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a ABAG estiveram sempre lado a lado. Quando a ABAG foi criada, na década de 1990, problemas decorrentes da simultaneidade do processo interno de estabilização da moeda e da globalização da economia descapitalizaram parcela importante dos produtores rurais brasileiros. O alto nível de endividamento, preços baixos, elevado volume de estoques oficiais e escassez de recursos financeiros governamentais criaram uma crise sem precedentes no campo, com reflexos importantes nas cidades.

Apesar de medidas de emergência terem sido tomadas, de forma paliativa, ficou clara a necessidade de mudanças estruturantes, tanto no setor público quanto no privado. Neste contexto, foi criado o Fórum Nacional da Agricultura (FNA), com a participação de dezenas de entidades de representação do agronegócio, entre as quais a CNA e a ABAG, além de integrantes do governo. O objetivo do FNA foi o de formular políticas e estratégias de médio e longo prazos, para propiciar condições favoráveis ao fortalecimento interno e externo do agronegócio nacional.

Mas foi na chegada dos anos 2000 que o governo brasileiro e a sociedade urbana despertaram para a grande vocação agropecuária brasileira. O Brasil rural, no entanto, alicerçado pela tecnologia agropecuária tropical aqui desenvolvida, por suas cadeias produtivas organizadas e entidades classistas atuantes, estava pronto para assumir o seu lugar de destaque na economia, com reflexos positivos na geração de empregos e de renda. E é com o propósito de tornar o agronegócio brasileiro cada dia mais sustentável e mais bem percebido pela sociedade, para defender os produtores rurais, a produção de alimentos e toda a cadeia produtiva, de modo equilibrado, que CNA e ABAG se complementam.



**JORGE FLORÊNCIO RIBEIRO NETO**

Gerente de Comunicação Corporativa da Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (COOXUPÉ)

A ABAG tem fundamental colaboração para a evolução deste setor, que é de extrema relevância para o desenvolvimento social, ambiental e econômico do país. A ABAG conseguiu, com muita estratégia e consistência, promover, de maneira equilibrada, a união de todos os elos da cadeia produtiva do agronegócio, estando, ainda, na vanguarda da sustentabilidade, e estendendo-a para todo o Brasil. Importante destacar que a sustentabilidade e, mais recentemente, a agenda ESG, tem sido amplamente debatida em todo universo corporativo e, certamente, são temas centrais que já vêm aprimorando as atividades no campo. Basta analisarmos o quanto o Brasil

tem se destacado em pesquisas e adoção de tecnologias no ambiente rural, impactando positivamente em aumento de produção e, especialmente, de produtividade.

Assim tem acontecido no segmento café, nicho em que a Cooxupé atua há mais de 60 anos, com sólida trajetória de mais de 90 anos no cooperativismo brasileiro. As boas práticas agrícolas apontam nossa cafeicultura como modelo de sustentabilidade para o mercado internacional e para os consumidores mundiais. O Brasil é referência em produção de café sustentável e de qualidade, além de ser líder em produção e exportação desta importante *commodity*.

Junto com a ABAG, comemoramos estes 30 anos de profícua trajetória, transformando-a em porta-voz do agronegócio brasileiro, que agrega valor e sempre traz novos conhecimentos e importantes debates a todos os elos da cadeia produtiva. Parabenizamos a ABAG por defender, principalmente, os interesses e o desenvolvimento do agro nacional, evidenciando para o mundo todo o quanto o trabalho feito no Brasil é sério e digno de competir com demais *players* do mercado.



## JOSÉ LUIZ TEJON

Personalidade do agro 2023, prêmio Ney Bittencourt de Araújo / ABAG

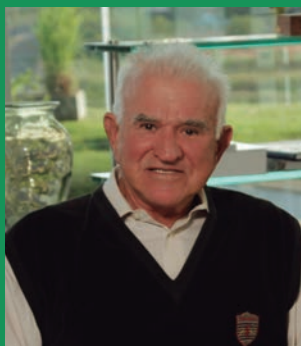
O sonho virou realidade: ABAG 30 anos! E como Raul Seixas cantava: “sonho que se sonha só é só sonho, sonho que se sonha junto é realidade”. Ney Bittencourt de Araújo, o visionário sonhador de realidades esperançosas, quando o ouvi pela primeira vez falando dessa visão sistêmica, desse complexo batizado de agribusiness pelos professores Ray Goldberg e John Davis, da universidade de Harvard, anos 50. Estávamos em 1983. Ou seja, 10 anos antes da materialização do sonho de termos no Brasil uma entidade que promovesse e buscasse as conexões sistêmicas de todos os elos das cadeias produtivas, que chamávamos *do antes, dentro e pós porteira das fazendas*.

O primeiro livro, o marco teórico do agronegócio brasileiro nascia com o livro: Complexo Agroindustrial, o agribusiness brasileiro, escrito em 1990 pelo próprio Ney, em coautoria com Ivan Wedekin e Luiz Antônio Pinazza, e participação especial de Coriolano Xavier, Elisio Contini e José Luiz Tejon Megido. Mas sonho que se sonha só é só sonho. Ao longo de 10 anos que antecediam a data da criação da ABAG, nascida em 1993, muitos brasileiros começaram a sonhar juntos. E a ABAG se transformou no resultado de uma geração que fez das realidades esperançosas do Brasil um avanço na governança, na integração desse sistema totalmente interdependente que costumo dizer: nasce no gene com o geneticista, perpassa a tecnologia, invade as propriedades rurais onde produtoras e produtores dessa ciência precisam se apropriar e dominar, e segue uma jornada interminável alterando hábitos, comportamentos e impactando os memes (Richard Dawkins) de toda civilização. Comércio, indústria, serviços, governos, entidades, organizações sem fins lucrativos, mídia, cooperativas e todos os segmentos da agropecuária, de todos os portes, se reúnem neste legítimo *design thinking* do complexo sistêmico do agronegócio.

A ABAG tem representado essa consciência integradora. Os congressos ao longo dos anos, os estudos, o suporte oferecido a todas as demais entidades do composto sistêmico do antes, dentro e pós porteiras. ABAG tem gerado talentos, recursos humanos preparados para os planos estratégicos do país. ABAG inspira, ativa e orienta. E dentro da fundamental visão de equilíbrio, tem sempre sido uma voz a serviço da prevalência da razão nas zonas fronteiriças de cada elo do sistema com os que os antecedem e com aqueles que se formam a partir destes, criando valor, multiplicando tudo o que é originado nos campos, águas e mares com produtos e serviços alimentícios, farmacêuticos, agroindustriais, da bioenergia e da bioeconomia, sem nunca esquecer do símbolo da educação e cultura humana, os livros.

A ABAG nasce agora para seus próximos 30 anos. O mundo muda e avança na velocidade do estado da arte da inovação e exigências sociais e ambientais. O professor Ray Goldberg, lá de Harvard, agora com mais de 90 anos, nos manda o grande recado: “hoje vivemos um sistema de saúde (*health system*), pois tudo o que significa o agribusiness está conectado agora à saúde (humana e animal), solos, plantas, ambiental e à saúde da vida no planeta Terra.

Viva ABAG! Viva e nos faça viver com a consciência das múltiplas relações humanas e da governança justa de todos os elos e agentes envolvidos no maior sistema econômico do planeta Terra. Agronegócio é de todos para todos, responsável pela paz, como tão bem Roberto Rodrigues assim o tem definido. Agricitizenship? Agrociudadania. Vamos aos próximos 30 anos. Salve ABAG, em honra a todas as mentes e almas que a construíram e ao sucesso dos que aqui estão e virão.



## **LUIZ ALBERTO GARCIA**

Presidente da ABAG (1996-1999)

Minha trajetória na ABAG foi marcada por um profundo aprendizado, superação e realização. Como presidente da entidade, testemunhei o papel crucial que ela desempenhou, e ainda continua desempenhando, na valorização e fortalecimento do agronegócio brasileiro. A ABAG está muito bem consolidada no cenário nacional hoje em dia, atuando como uma força unificadora, reunindo diferentes segmentos e representando os interesses do setor agropecuário do País.

Durante nossa gestão – e naquelas que nos sucederam –, ficou claro o quanto o agronegócio brasileiro é exemplar em sua capacidade de produção, sustentabilidade e inovação. Ele é um dos pilares fundamentais da economia,

contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento nacional. A ABAG, com sua visão de ser a entidade de suporte aos elos das cadeias produtivas do agronegócio, cumpre um papel essencial ao promover a integração, liderança e protagonismo das atividades agrícolas e agroindustriais.

Olhando para o futuro, enxergamos o agronegócio brasileiro com otimismo e confiança. Sua capacidade de superação e resiliência é admirável, tornando-o um setor de destaque global. Ninguém segura o agronegócio brasileiro. Nosso país possui um potencial extraordinário no setor, e a ABAG é uma peça-chave para reafirmar essa posição de liderança. Unindo esforços com os diversos agentes do setor, o agronegócio brasileiro seguirá avançando e se destacando no cenário internacional. Acreditamos que a ABAG continuará na vanguarda desses avanços, fortalecendo ainda mais o agronegócio em todas as suas dimensões.

Foi uma honra e um privilégio liderar essa associação que tanto contribui para o desenvolvimento sustentável do país. Minha experiência na ABAG reforçou a importância do trabalho coletivo e da busca contínua por soluções inovadoras. O setor agropecuário é motivo de orgulho nacional, e a ABAG é fundamental nessa jornada de sucesso e crescimento contínuo do agronegócio brasileiro.



## **LUIZ ANTONIO PINAZZA**

Editor-executivo da Agroanalysis/GVAGRO

Nesses trinta anos de existência da ABAG, assistimos uma evolução científica e tecnológica, com impactos em todas as cadeias produtivas do agronegócio. Com vocação natural, o Brasil soube aproveitar muito bem o resultado do progresso alcançado pelo hemisfério norte. Parte do acervo desse conhecimento teve adaptação com a experiência das práticas acumuladas no agro tropical. É interessante que tudo isso aconteceu muito depois da chamada revolução verde ocorrida nos anos cinquenta do século passado.

A celeridade no ritmo de crescimento do agro nacional, a partir de 2000 ganhou velocidade inédita. Os eventos da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre

Mudança do Clima, conhecida como Conferência das Partes (COP), repercutem no mundo. Os paradigmas tradicionais são revisados. Passa a predominar a produção cíclica com mais força na visão agroambiental e energética (biocombustíveis), enquanto as tecnologias sustentáveis ditam as regras para o campo da agricultura de baixo carbono.

Nesse ínterim de mudanças rápidas, existem reflexões interessantes no processo de governança pública e privada. Os Planos das Safras Anuais do início de 1990 foram avançando com os lançamentos da Cédula do Produto Rural (CPR, em 1994) e os títulos do agronegócio (2004). Mais recentemente, desde os anos finais da década de 2010, os recursos do mercado de capitais passam a diversificar as fontes convencionais de crédito rural. Esse modelo deverá perseverar nas próximas temporadas.

Diante desse desarranjo pós-pandemia da Covid-19, anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, e da guerra no Leste Europeu, entre a Rússia e Ucrânia, de fevereiro de 2022, os acertos geopolíticos de países e regiões seguem em curso. O agro brasileiro vai consolidando protagonismo em espaço relevante da segurança alimentar mundial. À ABAG, cumprimos pelo trigésimo aniversário e a capacidade de juntar personalidades para o agronegócio fomentar o crescimento do país.



### **MARCELLO BRITO**

Presidente da ABAG (2019-2021)

A ABAG foi uma experiência ímpar em minha vida, pois ocorreu num momento político muito difícil para o Brasil. É justamente nesses momentos que conhecemos a capacidade de resiliência, visão pessoal e o comportamento empresarial dos indivíduos e empresas. Momentos de pressão descortinam personalidades e engrandecem aqueles que sabem enfrentá-los com serenidade, coesão e senso cívico. Na ABAG esses desafios são diários e somente são cabíveis de sucesso quando você está cercado de pessoas e profissionais da melhor qualidade, e tive essa sorte. Não teria conseguido superar as barreiras não fosse o alto nível dos colegas do conselho diretivo e do quadro de funcionários. A todos esses, minha

eterna gratidão. Trata-se de uma entidade de extrema importância ao agro brasileiro, principalmente por nunca ter medo de exercer o protagonismo e a quebra de paradigmas em prol do Brasil.



### **MÁRCIO LOPES DE FREITAS**

Presidente do Sistema OCB

A ABAG é uma instituição que tem todo o respeito do movimento cooperativista. Temos muito orgulho de ter uma parceria de longa data com a entidade, que teve e tem um papel fundamental na evolução do agronegócio brasileiro. A ABAG é responsável, por exemplo, pelo conceito de cadeia produtiva como conhecemos hoje. Até sua criação se falava em indústria, no fornecedor de insumos, no produtor, na cooperativa ou no consumidor de forma isolada, como partes separadas do processo produtivo. Sua criação representou uma união para o agro nacional.

Foi com a criação da instituição, que buscou justamente unificar o diálogo com os diversos atores do setor, que o conceito de cadeia produtiva passou a ter seu sentido completo, ou seja, englobando desde os processos de desenvolvimento, prospecção e pesquisa, até a chegada do produto ao consumidor final. Uma herança que o querido Ney Bittencourt de Araújo, primeiro presidente e fundador da ABAG, nos deixou. O movimento cooperativista tem atuado sempre muito próximo à ABAG e ganhamos muito com isso. Ganhamos em processos de evolução, no aprimoramento das ações, na evolução da gestão e profissionalismo das atividades desenvolvidas. É uma parceria que traz prosperidade, e desejamos poder comemorar muitos outros aniversários juntos. Parabéns!



## **MÔNICA BERGAMASCHI**

Diretora da ABAG

ABAG teve e tem um papel muito importante na minha carreira. As oportunidades de conviver e aprender com grandes lideranças e ícones do agronegócio sempre me incentivaram a buscar novos desafios. E é por isso que atribuo muitas das conquistas profissionais que tive a este ambiente de cooperação, ideação e proatividade que é a ABAG, entidade à qual pertenço desde 1996. Sempre fui atraída pelo olhar visionário de Ney Bittencourt de Araújo, que criou uma entidade destinada a representar o agronegócio como um todo, abrindo caminho para que representantes de todos os elos das cadeias produtivas se sentassem à mesma mesa, em busca de propostas e discursos unificados.

E tenho sido testemunha do privilégio que tem a ABAG, desde a sua fundação, em contar com a dedicação e o trabalho intenso de tantos grandes líderes do agronegócio, que fizeram com que a entidade, desde muito jovem, protagonizasse grandes feitos. Entre esses, na certeza de que todos sentir-se-ão representados, cito Roberto Rodrigues. Esse conjunto deu à ABAG o alicerce para suportar a criação da Agrishow; uma das maiores feiras de tecnologia agrícola do mundo; o Fórum Nacional da Agricultura (FNA), alicerce para a consolidação de importantes políticas setoriais; o Congresso Brasileiro do Agronegócio, CBA, espaço rico de discussões e com importante poder de convocatória. Destaco ainda a constância na organização de estudos e projetos, em parceria com outras entidades e com a academia. Assim foi com a discussão do Código Florestal, em parceria com a ABAGRP e a Embrapa; o Comitê de Agroenergia, plural, que resultou na criação do Renovabio; e o envolvimento em diversos outros temas, como comércio internacional, logística, reformas trabalhista e tributária etc. O futuro do agronegócio, sem nenhuma dúvida, será brilhante. Temos problemas a resolver, claro, e precisamos combater com mais firmeza as ilegalidades atribuídas equivocadamente aos produtores rurais e que mancham a imagem do agro brasileiro. É preciso fortalecer as entidades, ampliar a segurança jurídica, investir em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, e mostrar a realidade do agro moderno para que seja cada vez mais conhecido e valorizado. A ABAG tem o poder de atrair as forças representativas do agronegócio, os governos, para uma atuação holística e organizada em prol do setor e do Brasil.



## **PAULO SOUSA**

Presidente da Cargill no Brasil

A história da ABAG se mistura com o crescimento e a transformação da agricultura brasileira nos últimos 30 anos. Desde a sua fundação, a ABAG tem se destacado como uma importante instituição, atuando como uma forte voz em defesa do agronegócio e contribuindo para o seu desenvolvimento sustentável na missão de alimentar o mundo. Tive a honra de ser testemunha dessa trajetória, e estar aqui hoje, prestando essa homenagem, é motivo de muita alegria.

O papel central da ABAG em fomentar o diálogo e conexão entre os diversos elos da cadeia do agronegócio tem sido, e será fundamental, para consolidar a posição do Brasil como uma potência agroindustrial e energética para o mundo, trazendo enorme contribuição para a economia do país, além de garantir o fornecimento de alimentos de alta qualidade, energia sustentável, com preços acessíveis para a população. Por isso, em nome da Cargill, meus parabéns à ABAG pelo seu forte legado construído ao longo destes 30 anos de existência. Estamos orgulhosos de fazer parte dessa história, e esperamos que esta relação continue por muitos anos, sempre forte e baseada no compromisso com o desenvolvimento e o crescimento sustentável do agronegócio brasileiro.



## ROBERTO RODRIGUES

Presidente da ABAG (1999-2002)

Durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, o setor rural e agroindustrial se organizou vigorosamente para buscar seu espaço na Constituição que seria promulgada em outubro de 1988. Essa organização foi a Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, que chegou a agregar mais de 50 entidades dos dois setores, sob uma coordenação informal compartilhada pelos presidentes das três principais instituições de representação: a OCB, a CNA e a SRB. A Secretaria Executiva da Frente Ampla era exercida pelo presidente da OCB, mas ela não tinha presidente, nem sede, nem estatutos, nem organograma, nem orçamento: funcionava informalmente, e foi um sucesso. Dela participavam as instituições representativas das indústrias de antes da porteira (máquinas, equipamentos, fertilizantes, defensivos, sementes etc.), as de serviços (como a própria Febraban, consultorias, *tradings*), as cooperativas e associações setoriais (café, grãos, cana, pecuária, algodão, hortifrúti etc.), a indústria de transformação (ABIOVE, ABIA), enfim, estavam todos os setores representados. O resultado foi excelente, e a Constituição previu até a lei agrícola, 5 artigos sobre cooperativas, e sobretudo a defesa do direito de propriedade, com definição equilibrada sobre temas complexos, como a reforma agrária, terra para indígenas e outros.

Terminados os trabalhos da Constituinte, a razão principal da existência da Frente Ampla foi esvaziada, além do que eleições normais nas instituições coordenadoras trocaram suas lideranças, e a Frente desapareceu. Mas a experiência positiva da articulação e união entre entidades mostrou a força do setor. E ideias sobre como melhorar essa relação começaram a surgir. Ney Bitencourt Araújo, da Agroceres, e que, como presidente da Associação Brasileira de Milho e Sorgo era ativo participante da Frente Ampla, trouxe de Harvard o conceito de Agribusiness, desenvolvido no final dos anos 50 sob a inspiração do Professor Ray Goldberg. E passou a liderar a discussão da criação de uma entidade que seria a Frente Ampla formalizada, com sede, estatuto, diretoria, orçamento, e tudo o mais, com o objetivo de melhor articular as cadeias produtivas do agronegócio brasileiro. Finalmente, em 1993, foi criada a ABAG, muito sintonizada com um novo momento ligado à comunicação sobre o campo para a cidade, que viria a ganhar corpo com o surgimento de canais de TV voltados para essa missão. Simultaneamente à criação da ABAG, com Ney Araujo eleito seu primeiro Presidente e eu como seu vice, fui eleito presidente da SRB e logo depois assumi a Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Decidi criar no estado de São Paulo uma feira dinâmica a partir de uma ideia de Brasílio Araujo Neto (que havia visto nos Estados Unidos o Farm Progress Show). Para isso, ofereci a área da Estação Experimental do IAC em Ribeirão Preto. Mas a Secretaria da Agricultura paulista não tinha recursos nem flexibilidade para realizar a feira com a grandeza sonhada. Propus a Ney um convênio entre a Secretaria e a ABAG para que esta fizesse o evento na Estação de Ribeirão. Ney arregimentou as entidades todas do agronegócio (ABIMAQ, ANFAVEA, SRB, OCB, ANDA, ANDEF, ABRASEM, AEASP, Universidades) e nasceu a Agrishow, cuja primeira versão aconteceu em maio de 1994. Foi um sucesso retumbante, que lançou a ABAG no cenário nacional, dando a ela a visibilidade para realizar os projetos que Ney e seus companheiros imaginaram, sobretudo a questão da articulação entre os diferentes elos das cadeias produtivas e o trabalho incessante de comunicar a verdade sobre o agronegócio positivo do país e sua competitividade sustentável.

Este trabalho nunca mais parou. Com a morte prematura e trágica de Ney, o maestro da ABAG, a entidade foi presidida sucessivamente por Arturo Furlong, Luiz Alberto Garcia, Roberto Rodrigues, Carlo Lovatelli, Caio Carvalho e Marcello Britto. Cada um deles contribuiu com seu trabalho e dedicação para mudar a percepção urbana, nacional e externa, sobre o agro, e indiscutivelmente essa mudança vem ocorrendo, muito positivamente. O trabalho da mídia, nesse aspecto, tem sido muito bom. Caio Carvalho, de volta à presidência da ABAG, segue construindo uma marca de valor para o agronegócio brasileiro, inclusive representando o setor junto aos poderes constituídos no Brasil e participando dos mais relevantes eventos internacionais de interesse das nossas cadeias produtivas.



## SHIRO NISHIMURA

Presidente da Confraria da Carcaça Nelore (ACCN)

No mesmo período em que o Ney Bittencourt de Araújo, presidente da Agroceres na época, criou a ABAG, nós da indústria estávamos interessados em implementar aqui no Brasil um evento que tivesse os mesmos moldes do Farm Progress Show, dos Estados Unidos. As ideias se linkaram e o Ney, juntamente com Roberto Rodrigues, que era secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo naquela época, tiveram a iniciativa de fundar a Agrishow, que foi um ambiente de muita competitividade, bastante acirrado, em que a indústria de máquinas agrícolas do país precisou evoluir rapidamente.

A ABAG foi muito importante, pois ela congregou todos dentro da cadeia. Não é só agricultura propriamente, entrou também a indústria, processadora, exportadora. Durante esses anos de atuação da ABAG, eu lembro do trabalho do Ney, sucedido pelo Arturo Furlong na presidência. Depois veio o Luiz Alberto Garcia, depois o Roberto Rodrigues. Houve uma sequência de lideranças que pensavam grande, pensavam amplo a respeito do setor e souberam implementar esse conceito, que era o de envolver toda a cadeia produtiva e essa iniciativa deu força. Foi maravilhoso.

Diante do cenário atual que temos, a agroindústria brasileira é hoje o elo que sustenta o PIB do país, e ela só cresceu da forma que cresceu, pois uma somatória de fatores e atores estiveram envolvidos e trabalharam para o seu desenvolvimento. Houve o fortalecimento e integração das cadeias produtivas do agro, criado pela ABAG e implementado durante a Agrishow, mas também teve o trabalho da Embrapa, que foi o polo gerador de tecnologia para nós aqui do Centro-Oeste. A evolução genética e o melhoramento que nós tivemos na produtividade aqui no Centro-Oeste foi algo que revolucionou. Nós tivemos ao nosso lado pessoas inteligentes e empreendedoras, que foram ativando o processo e aí pessoal em baixo foi aproveitando todo esse desenvolvimento.

O Brasil teve muitos líderes competentes e, acima de tudo, inteligentes. Fazer o desenvolvimento da agricultura tropical não foi simples, pois toda a tecnologia que existia até então era dos países de clima temperado. Nós tivemos sorte de encontrar tanta gente boa fazendo junto o desenvolvimento do país. Eu acho que a ABAG foi a ligação disso tudo e a gente só tem que comemorar porque deu certo.



## URBANO CAMPOS RIBEIRAL

Presidente do Conselho do Grupo Agroceres

É com muita satisfação que eu cumprimento a ABAG pelo seu aniversário de 30 anos. A Agroceres se orgulha por ter participado da fundação da ABAG e por ter testemunhado a sua transformação na principal instituição de defesa e promoção do agronegócio do Brasil. O sonho de seus fundadores, entre eles o nosso Ney Bittencourt de Araújo, se tornou realidade.

Pessoalmente quero registrar o prazer que tive em conviver com todas as pessoas da ABAG durante a minha longa participação como Diretor. Em um ambiente amigável e descontraído, discutimos, ao longo de décadas, problemas e soluções para o nosso setor. Tenho certeza de que contribuimos, de alguma forma, para o

sucesso do agronegócio brasileiro.

Vejo, com muita esperança, uma nova geração de líderes do setor trabalhando para manter e ampliar as nossas conquistas. Unindo a iniciativa pública e a iniciativa privada para levar tecnologia ao campo, aumentar a nossa produtividade e produzir o alimento mais sustentável do mundo.

E vejo, com preocupação, o desafio de comunicar o nosso trabalho para a sociedade brasileira, particularmente para as escolas. É muito triste, depois de tanto trabalho, ver o que é ensinado aos nossos netos. O trabalho da ABAG é mais importante do que nunca.



**Posfácio**



A celebração dos 30 anos da ABAG é, antes de tudo, um momento de agradecer a todos os profissionais de diferentes áreas que abraçaram a ideia de tornar o agronegócio brasileiro grande, e que fizeram dessa associação um protagonista em meio aos desafios vivenciados em três décadas. Nessa constelação de pessoas competentes e dedicadas, merece uma homenagem especial Elizabeth Mochizuki, primeira funcionária da ABAG.

Betinha, como gostava de ser chamada, exerceu de forma impecável o cargo de coordenadora administrativa-financeira da ABAG. Foram 25 anos dedicados à entidade: a nossa saudosa colega de trabalho, que faleceu em 2018, aos 56 anos, foi personagem e testemunha de acontecimentos que consolidaram o agronegócio brasileiro como um sistema moderno e pujante, e foi peça fundamental na consolidação de uma ABAG resiliente e atuante.

Em nossos corações, guardamos boas lembranças de uma pessoa querida e amorosa. O profissionalismo e a dedicação de Betinha são alicerces da ABAG. Muito obrigado!



**CARGILL**

EM PARCERIA COM  
PRODUTORES RURAIS POR  
UMA AGRICULTURA AINDA  
MAIS SUSTENTÁVEL

Promover uma agricultura segura, responsável e sustentável é um trabalho feito a muitas mãos. Por isso, nós nos unimos a diversos atores sociais das áreas agrícola, ambiental, acadêmica e outros parceiros para desenvolver um conjunto de iniciativas que reafirmam o nosso compromisso com o planeta e a segurança alimentar do mundo.

A Cargill desenvolve um programa que visa, em 5 anos, restaurar 100 mil hectares de vegetação nativa em áreas prioritárias, com foco na cadeia de suprimentos, e apoiar centenas de agricultores do Brasil na regularização ambiental em atendimento ao Código Florestal.





Conheça duas iniciativas de restauração que já estão em andamento como resultado da parceria da Cargill com produtores rurais, organizações não governamentais, órgãos do governo e outras instituições de várias regiões brasileiras:

- Agro + Verde - conta com dezenas de produtores cadastrados que recebem assessoria técnica e insumos para o desenvolvimento de métodos de manejo sustentável nas áreas produtivas, com incentivos e recursos para aumentar a produtividade. O foco desse projeto é a recomposição de áreas de preservação permanente e reserva legal, recuperação de pastagens e adequação ambiental, além do uso consciente de recursos naturais;
- ILuva - a parceria com o Instituto Luva consiste em atuar na restauração de cerca de 8 hectares na Fazenda Pombo, em Uberlândia (MG), com fornecimento de mudas, insumos e assistência técnica para a recomposição da área. Prevê, ainda, a recuperação de cerca de 100 hectares com mudas nativas em outras duas áreas agrícolas. No Pará, a iniciativa deve restaurar, ainda, uma área de sistema agroflorestal com cacau, que tem uma projeção de mais de 2,5 mil hectares de restauração produtiva.



135

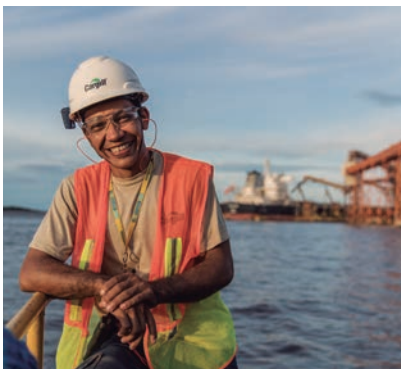
Além dos programas de restauração, a Cargill também apoia a regularização ambiental. Uma das iniciativas adotadas com este foco é a parceria com a Preserv Ambiental. A consultoria do Maranhão atua junto a produtores de cinco municípios do sul do estado para promover a regularização ambiental de áreas produtoras, com vistas à inclusão no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e à adesão no Programa de Regularização Ambiental (PRA). Também fazem parte das iniciativas para ajudar a regularizar as áreas produtivas, o pacote de ações que apoia os programas que têm como foco a produtividade por meio da integração lavoura e pecuária (ILP) e integração lavoura, pecuária e floresta (ILPF).

Ao apoiar produtores na implementação do Código Florestal e iniciativas de restauração em áreas prioritárias, a Cargill incentiva a construção de um modelo de agricultura sustentável e resiliente, que promova a alta produtividade, o uso eficiente da terra e a conservação da biodiversidade, contribuindo para a mitigação das mudanças climáticas.





# Patrocinadores



## CARGILL

Paulo Sousa  
Presidente da Cargill  
no Brasil

### HISTÓRICO

Os 155 mil funcionários da Cargill distribuídos em 70 países trabalham incansavelmente para alcançar nosso objetivo de nutrir o mundo de forma segura, responsável e sustentável. Todos os dias, conectamos produtores a mercados, clientes a ingredientes e pessoas e animais aos alimentos de que precisam para prosperarem. Combinamos 155 anos de experiência com novas tecnologias e ideias para servirmos como um parceiro de confiança para os setores de agricultura e de alimentos, além de clientes industriais e financeiros em mais de 125 países. Assim, trabalhamos para construir um futuro mais sólido e sustentável para a agricultura.

### PROPÓSITO

Nutrir o mundo de maneira segura, responsável e sustentável.

### PRODUTOS E SERVIÇOS

**Agrícola** - Em nosso negócio agrícola, processamos e comercializamos soja, milho, cacau, algodão, palma, oleaginosas, assim como óleos vegetais e rações, e, também, produzimos açúcar e etanol, em *joint venture*. Trabalhamos lado a lado com o produtor rural para conectar quem produz alimentos com quem consome em todo o mundo.

**Alimentos** - Oferecemos às indústrias de alimentos e bebidas uma ampla gama de ingredientes como amidos, adoçantes, chocolates, gorduras, texturizantes, polióis, entre outros. Desenvolvemos inovações para o mercado de *food service*, além de disponibilizar para o consumidor final uma linha de produtos com marcas reconhecidas de óleos refinados e compostos, azeites, molhos e extratos de tomate, condimentos como maionese, ketchup, mostarda e molhos para salada, além de chocolate em pó, barras e moedas para confeitaria.

**Bioindustrial** - Desenvolvemos soluções específicas e inovadoras para a indústria. Fornecemos óleos vegetais, ésteres, polióis, acidulantes e emulsificantes, além de biosoluções para as indústrias químicas para aplicações em cosméticos, transformadores, lubrificantes, tintas, entre outras.

**Financeiro e gerenciamento de risco** - Atuamos na área de financiamento e gerenciamento de riscos para produtores rurais, empresas do setor agrícola e da indústria de alimentos. Desde 2000, o Banco Cargill presta serviços e fornece empréstimos a clientes agrícolas, industriais e cooperativas, por meio de um processo de aprovação de crédito ágil.

fale\_conosco@cargill.com  
www.cargill.com.br



# agroceres

## AGROCERES

Marcelo Araujo Ribeiral  
Presidente do Grupo  
Agroceres

### HISTÓRICO

A Agroceres foi fundada em 1945 como a primeira empresa de sementes de milho híbrido do Brasil. Hoje atua em 6 diferentes segmentos do agronegócio brasileiro: Genética de Suínos, através da Agroceres PIC, sociedade da Agroceres com a inglesa PIC; Nutrição Animal, através da Agroceres Multimix; Sementes de milho e sorgo com as marcas Biomatrix e Santa Helena; Nutrição Vegetal e Biológicos, através da Agroceres Binova; Proteção de Cultivos com a Atta Kill e Palmitos Cultivados com a Inaceres.

### MISSÃO

A missão da Agroceres é levar a melhor tecnologia aplicada ao campo com foco em produtividade, rentabilidade e sustentabilidade. Nossa proposta de valor é sustentada por quatro pilares: Tecnologia & Inovação; Qualidade; Atendimento e Resultado.

### PRODUTOS

**Agroceres Multimix** - Nutrição Animal

**Agroceres PIC** - Genética de Suínos

**Biomatrix e Santa Helena** - Sementes

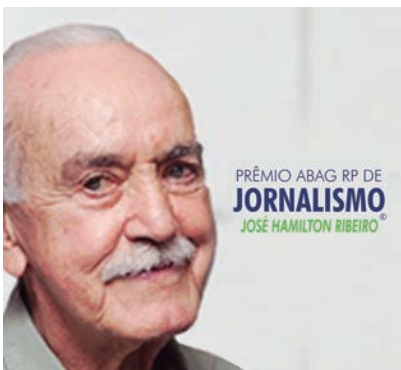
**Mirex-S** - Proteção de Cultivos

**Agroceres Binova** - Nutrição Vegetal e Biológicos

**Inaceres** - Palmitos Cultivados

+55 (19) 3526-8500  
grupoagroceres@agroceres.com  
www.agroceres.com

**Facebook:** agroceres.oficial  
**Instagram:** agroceres.oficial  
**YouTube:** @agrocerescorporativo  
**LinkedIn:** Agroceres



## ABAG/RP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Mônika Bergamaschi  
Presidente do Conselho Diretor

### HISTÓRICO

A ABAG/RP nasceu em 2001 com o objetivo de contribuir para a valorização da imagem do agronegócio. Com foco em educação e comunicação, atua para que a sociedade perceba melhor a importância do setor.

Com o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” são oferecidas ferramentas para que os professores incorporem o tema agro em suas disciplinas. Nesses 23 anos já participaram cerca de 5 mil professores e 290 mil alunos, de 22 estados. Foram realizadas 2.493 visitas.

Para valorizar o trabalho de jornalistas especializados, e atrair futuros jornalistas, foi criado, em 2008, o Prêmio ABAG/RP de Jornalismo “José Hamilton Ribeiro”. Mais de 1.700 alunos participaram dos Ciclos de Palestras e Visitas, e hoje ocupam postos de destaque em veículos reconhecidos, ou em grandes assessorias.

A ABAG/RP também se destaca na representação institucional. O relevante papel na discussão do Novo Código Florestal abriu espaço em outros fóruns. Merecem destaque a atuação efetiva junto aos organismos de gestão dos recursos hídricos, em nível regional, estadual e federal, e a coordenação da campanha de conscientização e prevenção aos incêndios.

Revelar a dimensão e a importância do agro é fundamental para que a sociedade se reconheça integrante deste setor, indispensável para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

### VISÃO

Despertar na sociedade o orgulho sobre o competitivo e sustentável agronegócio brasileiro.

+55 (16) 3623-2326  
abagr@abagr.org.br  
www.abagr.org.br  
www.incendiosprevina.com.br

**Facebook:** [www.facebook.com/abagribeiraopreto](http://www.facebook.com/abagribeiraopreto)

**Instagram:** @abag\_rp

**LinkedIn:** ABAG/RP

A group of children are seen from behind, looking at coffee plants in a plantation. They are reaching out to touch the leaves and small red coffee cherries. The scene is outdoors with bright sunlight.

# Educação e Comunicação

Revelar a **dimensão** e **importância** do agro é fundamental para que a sociedade **se reconheça** integrante deste setor, indispensável para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

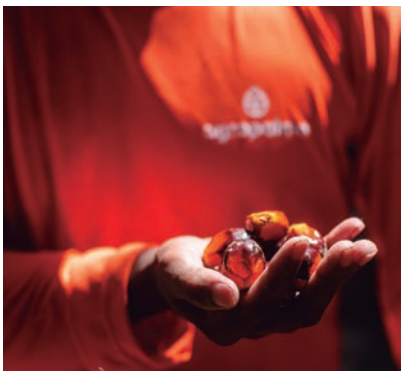
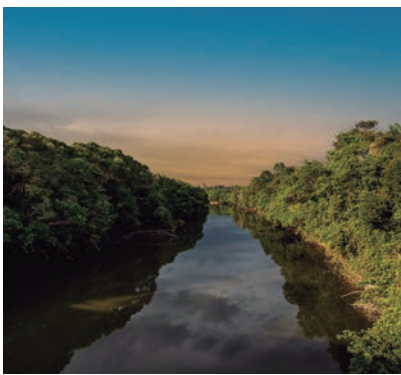


Associação Brasileira do  
Agronegócio da Região  
de Ribeirão Preto

Programa Educacional



PRÊMIO ABAG RP DE  
**JORNALISMO**  
JOSÉ HAMILTON RIBEIRO



## AGROPALMA

### HISTÓRICO

Somos a maior produtora de óleo de palma sustentável das Américas.

Contamos com aproximadamente 5 mil funcionários trabalhando em quatro unidades de negócio, nas quais produzimos óleo de palma, palmiste e seus derivados refinados e fracionados.

Operamos com uma cadeia de suprimentos totalmente rastreável e garantimos um processo produtivo pautado por práticas sustentáveis que vão desde o cultivo e a preservação da floresta e da biodiversidade até o desenvolvimento econômico e social das comunidades que trabalham conosco. Possuímos selos e credenciais que nos certificam, o que agrega valor à sua marca.

### MISSÃO

Somos movidos por gerar impacto positivo para o planeta e para todos os que fazem parte da nossa rede. Nosso propósito é tornar a palma sustentável uma referência brasileira.

### PRODUTOS

Desenvolvemos produtos que são destinados a diversas indústrias e oferecemos as melhores soluções para os segmentos de panificação, confeitaria, culinária, lácteos e sorvetes, fritura industrial, cosméticos e oleoquímicos.

Nosso portfólio também conta com formulações orgânicas e com soluções customizadas criadas de acordo com as necessidades de cada cliente.

Além de contar com a tecnologia de ponta da nossa refinaria multióleos, estamos em constante evolução para atender as mais diversas demandas e criar soluções de alto valor agregado cada vez mais inovadoras e sustentáveis.

[www.agropalma.com.br](http://www.agropalma.com.br)



# OS DESAFIOS, DERRUBAMOS. A FLORESTA, MANTEMOS EM PÉ.

Enquanto a Amazônia sofre com os impactos negativos do desmatamento, **com mais de 600 mil hectares** de floresta perdidos nos últimos 9 meses\*, nós da Agropalma seguimos na direção oposta, atuando de forma regenerativa e gerando **impacto positivo**.

- 🌿 Investimos intensamente na **conservação de mais de 64 mil hectares de reservas florestais** por meio do Programa de Proteção de Reservas Florestais.
- 🌿 Monitoramos com dedicação mais de mil espécies de animais, **protegendo 40 espécies em risco de extinção e 11 espécies endêmicas** do Centro de Endemismo de Belém, em colaboração com a CI-Brasil e a UFPA.

**Acreditamos e provamos que é possível criar valor sem destruir.**

\*Terra Brasilis. "Análise - Amazônia Legal".  
Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/alerts/legal/amazon/aggregated/>

Saiba mais sobre nossas  
práticas sustentáveis:





**Breaking  
New Ground**  
Innovation Sustainability Productivity

## CNH INDUSTRIAL

Rafael Miotto  
Presidente da CNH Industrial para  
a América Latina

Heberson Góes  
Presidente do Banco CNH Indus-  
trial e Head de Finanças da CNH  
Industrial para a América Latina

Christian Gonzalez  
Vice-presidente da Case IH para a  
América Latina

Eduardo Kerbauy  
Vice-presidente da New Holland  
Agriculture para a América Latina

Paula Araújo  
Líder da New Holland Construction  
para a América Latina

Carlos França  
Líder da Case Construction para a  
América Latina

Darlene Ruptofulos  
Vice-presidente de Recursos  
Humanos da CNH Industrial para a  
América Latina

Eduardo Domingues  
Vice-presidente de Manufatura  
da CNH Industrial para a América  
Latina

Fernando Gaya  
Vice-presidente comercial de  
Peças e Operações para a  
América Latina

Gregory Riordan  
Diretor de Tecnologias Digitais e  
Inovação da CNH Industrial para a  
América Latina e Diretor da Raven  
no Brasil

Thiago Wrubleski  
Diretor Sênior de planejamento  
de vendas e operações agrícola  
global

Cláudio Brizon  
Diretor de Compras da CNH Indus-  
trial para a América Latina

Auri Orlando  
Diretor de Suporte ao  
Concessionário & Cliente da CNH  
Industrial para a América Latina

Bianca Belotti  
Diretora Jurídica e Compliance  
da CNH Industrial para a América  
Latina

Alexandre Bernardes  
Diretor de Relações Institucionais  
da CNH Industrial para a América  
Latina

Gilberto Alves  
Diretor de Desenvolvimento de  
Produto Agrícola para a América  
Latina

Gabriela Lobo  
Diretora de Comunicação  
Corporativa da CNH Industrial  
para a América Latina

Alexandre Bernardes  
Diretor de Relações Institucionais  
da CNH Industrial para a América  
Latina

Daniele Silvestre  
Diretora de Qualidade da CNH  
Industrial para a América Latina

Yara Carvalho  
CIO da CNH Industrial para a  
América Latina

### HISTÓRICO

CNH Industrial é uma empresa de equipamentos e serviços de classe mundial. Seu propósito Breaking New Ground, centrado em Inovação, Sustentabilidade e Produtividade, fornece direção estratégica, recursos de P&D e investimentos que permitem o sucesso de suas marcas globais e regionais. Globais, Case IH e New Holland Agriculture fornecem aplicações agrícolas 360°, de máquinas a implementos e as tecnologias digitais para obter o máximo destes produtos; enquanto a CASE Construction Equipment e New Holland Construction oferecem uma linha completa de produtos de construção que tornam o setor mais produtivo. As marcas com foco regional incluem: STEYR, Raven, Hemisphere, Flexi-Coil, Miller, Kongskilde e Eurocomach.

### MISSÃO

Impulsionar e promover a **sustentabilidade** das atividades agrícolas e de construção.

### PRODUTOS

**Linhas agrícolas:** Tratores, colheitadeiras, Planta-deiras, pulverizadores, colhedora de cana e colhedo-  
ra de café

**Marcas:** Case IH e New Holland Agriculture

**Linhas de construção:** Pás-carregadeiras, tratores  
de esteiras, retroescavadeiras, motoniveladoras e es-  
cavadeiras

**Marcas:** CASE Construction Equipment e New Hol-  
land Construction

+55 (41) 2107-7220  
communicationslatam@cnhind.com  
www.cnhindustrial.com

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/cnh/](http://www.linkedin.com/company/cnh/)

**CR IntelliSense.**  
Colheitadeira com inteligência artificial.

**Retroscavadeira acessível**  
para pessoas com mobilidade reduzida.

**conectarAGRO**  
Conectividade para os campos brasileiros

**cube**  
Maior HUB tecnológico da América Latina.

**CNH Industrial**  
A empresa privada que mais depositou patentes no Brasil.

**Austoft. Série 9000.**  
Colhedora 100% conectada.

**Axial-Flow série 250 Automation.**  
Inteligência artificial, automação real.

**Magnum AFS Connect**  
Tecnologia e conectividade em tempo real.

**Motoniveladora RG200B.**  
Entrega modernidade em múltiplas tarefas.

**Central de conectividade**

**Trator movido a biometano:**  
sustentabilidade com redução das emissões.

**Smart Dealer**  
Novo conceito de concessionárias multifuncionais.

**Pá carregadeira:**  
eficiência e produtividade.

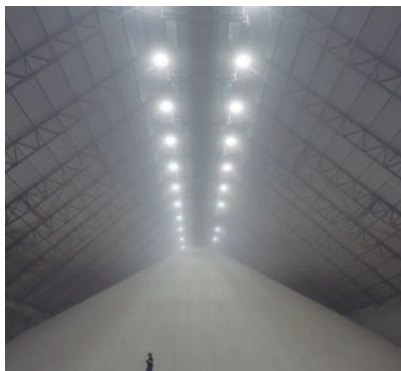
**Grãos viram ativos digitais**

## CNH Industrial

Uma das 10+ inovadoras do país e a primeira do setor.

Agro e Construção.  
Abrindo caminhos do desenvolvimento.  
Não é acaso.

# É INOVAÇÃO.



## COPERSUCAR S.A.

Tomás Manzano  
Presidente

Dalbi Arruda  
Diretor de Sustentabilidade,  
Pessoas e Comunicação

Julio Boada  
Diretor Jurídico e de  
Governança

Lara Bacelar  
Diretora Comercial e  
de Planejamento

Rodrigo Lima  
Diretor de Logística  
e Operações

Thiago Fontoura  
Diretor de Finanças e Relação  
com Investidores

### HISTÓRICO

Em 1959, foi fundada a Cooperativa de Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo. Dessa associação entre relevantes grupos econômicos do setor sucroenergético para agregar a oferta de produtos e integrar a logística, foi criada, em 2008, a Copersucar S.A.

A Copersucar S.A. é líder global nos mercados de etanol e açúcar, criando um portfólio integrado de soluções em energia renovável e alimento natural, que envolve operações diretas e parcerias estratégicas, por meio das suas unidades internas de negócios, da Alvean, da Evolua Etanol, da Eco-Energy, da Logum e do CTC.

+55 (11) 2618-8166  
[comunicacao@copersucar.com.br](mailto:comunicacao@copersucar.com.br)  
[www.copersucar.com.br](http://www.copersucar.com.br)







**ABAG, 30 ANOS  
DE CONTRIBUIÇÃO  
E DEDICAÇÃO AO  
agronegócio  
do Brasil.**

*A Copersucar atua para potencializar o papel do Brasil na agenda global da transição energética e da segurança alimentar, com o objetivo de conectar a produção de alimento natural e energia limpa às necessidades do mundo, com eficiência, qualidade e escala. Hoje, reforçamos nosso compromisso em ser um verdadeiro ecossistema de negócios que une excelência na produção à inteligência de mercado, tendo a sustentabilidade como tema central de nossa estratégia.*

*Celebramos os 30 anos da ABAG como um marco que nos inspira a continuar avançando em direção a um agronegócio forte e protagonista.*



**PARABÉNS ABAG!**

-  [copersucar.com.br](http://copersucar.com.br)
-  Copersucar S/A
-  copersucar
-  Copersucar S.A.



## COSAN

Rubens Ometto  
Silveira Mello  
Presidente do Conselho de  
Administração da Cosan

Luis Henrique Guimarães  
CEO

Marcelo Martins  
VP Estratégia

Leonardo Pontes  
CEO Cosan Investimentos

Maria Rita Drummond  
VP Jurídico

Ricardo Lewin  
CFO

Paula Carvalho Benevides  
VP Gente e Gestão e  
Comunicação

### HISTÓRICO

Somos a Cosan, uma gestora de portfólio que investe e faz gestão de um portfólio robusto, com ativos nas áreas de maior potencialidade do Brasil: energia renovável, agronegócio, óleo e gás, mineração e crédito de carbono. Com um modelo de gestão único e uma cultura empreendedora fazemos acontecer uma transição energética eficiente e a descarbonização que o planeta precisa por meio da Raízen, empresa integrada de energia, produção de açúcar, etanol e bioenergia e comercialização de combustíveis; Compass, criada para ampliar e diversificar o mercado de gás no Brasil; Moove, líder na fabricação de lubrificantes de alta performance; Rumo, maior operador logístico com base ferroviária independente da América Latina; Cosan Investimentos, veículo de alocação de capital e novas oportunidades de negócios com destaque em gestão de terras pela Radar, Tellus e Janus; e participação minoritária na Vale.

### MISSÃO

Impulsionar as potencialidades do Brasil.

### SERVIÇOS

Gestora de portfólio com ativos nas áreas de maior potencialidade do Brasil: energia renovável, agronegócio, óleo e gás, mineração e crédito de carbono.

+55 (11) 3897-9797  
atendimento.cosan@loures.com.br  
www.cosan.com.br

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/cosan/](http://www.linkedin.com/company/cosan/)  
**Instagram:** [www.instagram.com/cosanbrasil/](http://www.instagram.com/cosanbrasil/)  
**Instagram:** [www.instagram.com/eunacosan/](http://www.instagram.com/eunacosan/)

# Ousadia com responsabilidade

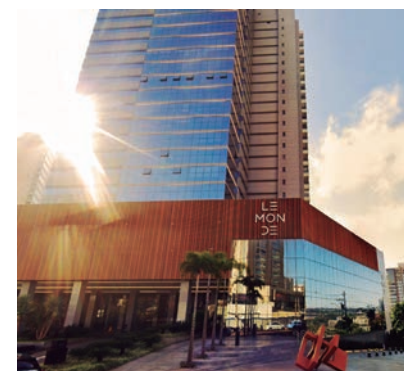
**Cosan é a gestora de portfólio que  
impulsiona as potencialidades do Brasil.**

Isso significa viabilizar a transição energética global e investir em uma logística ferroviária que movimentará o agronegócio.

Significa promover um mercado de gás natural mais amplo e competitivo, garantir eficiência energética com alta performance e entregar a descarbonização que o planeta precisa.

Inconformados, nos desafiamos a cada dia para gerar valor e fazer acontecer a transformação para as pessoas, para o país e para o mundo.





# evoinc.

## evoinc.

Otávio Massa  
co-founder \ CEO

Fernando Leme  
co-founder \ CCO

Luiz Baggio  
co-founder \ Head of Family  
Office

### HISTÓRICO

Somos um *hub* de soluções 360° dedicado a direcionar o sucesso de seu negócio. Com expertise em áreas como Tributária, Fusões e Aquisições, Auditoria e Family Office, nossa equipe altamente qualificada oferece uma abordagem personalizada. Entendemos as complexidades do agronegócio e, com olhar apurado, transformamos desafios em oportunidades. Como parceiros estratégicos, não apenas entregamos resultados positivos, mas também novas perspectivas. Seja no planejamento sucessório, governança corporativa ou consultoria exclusiva, estamos prontos para impulsionar sua jornada no agronegócio. Descubra a excelência em soluções corporativas.

### MISSÃO

Transformar desafios em oportunidades, impulsionando o sucesso das empresas com soluções 360° e expertise no agronegócio.

### SERVIÇOS

**Consultoria Tributária:** estratégias tributárias personalizadas.

**Auditoria:** garantia de confiabilidade financeira e operacional.

**Family Office:** proteção patrimonial, sucessão e governança.

**Venture:** estruturação para crescimento eficiente.

**Fusões e Aquisições:** apoio em negociações empresariais.

+55 (16) 3515-9770  
relacionamento@evoinc.com.br  
www.evoinc.com.br

**Instagram:** [www.instagram.com/inc.evo/](https://www.instagram.com/inc.evo/)  
**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/evoinc](https://www.linkedin.com/company/evoinc)



# NÓS SOMOS agronegócio

O agronegócio é um ramo de **diversas possibilidades**, tanto dentro do próprio agro, puramente simples, quanto em novos produtos financeiros que acompanham a atividade agrícola – e a evoinc. está **inserida em todos esses campos**.

Com projetos sob medida, rompemos paradigmas há **30 anos** e oferecemos soluções que atendem exatamente à sua realidade. Atuamos de forma a **gerar resultados palpáveis**, impulsionando o crescimento para produtores e negócios ligados ao setor agrícola.

A partir de um **atendimento exclusivo**, temos a capacidade de acelerar o progresso e o sucesso das empresas que fazem parte do agronegócio.

## evoinc.

A PARCEIRA CERTA PARA QUEM BUSCA **PROGRESSO E EXCELÊNCIA**.



## JACTO

### HISTÓRICO

A Jacto, multinacional brasileira de máquinas, soluções e serviços agrícolas, possui uma história de mais de 75 anos, que começou com o seu fundador Shunji Nishimura, em 1948, na cidade de Pompeia (SP). Atualmente, com fábricas no Brasil, Argentina e Tailândia, escritório comercial e Centro de Distribuição no México e Estados Unidos, a empresa comercializa seus produtos para mais de 100 países.

A companhia é ainda mantenedora da Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia, a qual engloba um colégio de ensino infantil e fundamental, uma escola técnica do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e uma Fatec (Faculdade de Tecnologia de São Paulo) com cursos inéditos voltados ao agronegócio.

### MISSÃO

Servir ao agricultor com as melhores tecnologias de mecanização, informações e serviços, contribuindo para sua nobre missão.

### PRODUTOS

A Jacto possui uma ampla linha de produtos de alta tecnologia, que vai desde equipamentos para poda e pulverizadores portáteis a máquinas de grande porte para pulverização, adubação, plantio, colheita de café e cana-de-açúcar. A empresa também oferece soluções e serviços para a agricultura de precisão e agricultura digital, propiciando uma produção cada vez mais sustentável.

0800 772 2100 / +55 (14) 98144-1403

[atendimento@jacto.com.br](mailto:atendimento@jacto.com.br)

[www.jacto.com.br](http://www.jacto.com.br)

**Facebook:** [www.facebook.com/JactoBrasil/](https://www.facebook.com/JactoBrasil/)

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/jacto/](https://www.linkedin.com/company/jacto/)

**YouTube:** [www.youtube.com/JactoAgricola](https://www.youtube.com/JactoAgricola)

**Instagram:** [www.instagram.com/jactobrasil/](https://www.instagram.com/jactobrasil/)

# Há **75 anos** cultivando o amor pelo campo.

Desenvolvemos soluções para a sua lavoura nos 4 cantos do mundo.

[jacto.com](http://jacto.com)

 **JACTO**

**75**  
ANOS



## JBS

Gilberto Tomazoni  
CEO Global da JBS

### HISTÓRICO

Com 70 anos de história, a JBS é uma das maiores empresas de alimentos do mundo. Com uma plataforma diversificada por tipos de produtos (aves, suínos, bovinos, ovinos, pescados e plant-based), a Companhia está presente em mais de 20 países e conta com 270 mil colaboradores.

A JBS possui marcas reconhecidas pela excelência e inovação, que chegam todos os dias às mesas de consumidores em 190 países. A empresa conduz suas operações com foco na qualidade e segurança dos alimentos, adotando as melhores práticas de sustentabilidade e bem-estar animal com o propósito de alimentar pessoas no mundo de maneira cada vez mais sustentável. E investe, ainda, em negócios correlacionados, como couro, biodiesel, fertilizante, colágeno, higiene, gestão de resíduos sólidos e reciclagem, promovendo a economia circular.

### MISSÃO

“Seremos os melhores naquilo que nos propusermos a fazer, com foco absoluto em nossas atividades, garantindo os melhores produtos e serviços aos clientes, solidez aos fornecedores, rentabilidade aos acionistas e a oportunidade de um futuro melhor a todos os nossos colaboradores.”

### PRODUTOS

Conta com um portfólio diversificado, com opções que vão desde proteínas in natura e congeladas até pratos prontos para o consumo, comercializados por marcas reconhecidas, como Friboi, Seara, Swift, Dorian, Pilgrim's Pride, Just Bare, Primo, Richmond, Príncipe, Rigamonti, La Herencia, Huon, entre outras.

+55 (11) 3144-4000  
mktinstitucional@jbs.com.br  
www.jbs.com.br

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/jbs](http://www.linkedin.com/company/jbs)  
**Instagram:** @nossajbs



Há 70 anos alimentando  
um círculo virtuoso  
que alimenta o Brasil.



A JBS movimenta 2,1% do PIB e contribui para a geração de 2,7% dos empregos no país, aponta Fipe.





# JOHN DEERE

## JOHN DEERE

Antonio Carrere  
Presidente da John Deere  
Brasil

Adilson Butzke  
Diretor de Vendas, Divisão  
Construção para Brasil e  
América Latina

Alfredo Miguel Neto  
Diretor de Assuntos  
Corporativos para  
América Latina

Heather Van Nest  
Diretora de Inovação da  
John Deere para  
América Latina

Fabiola Alves  
Diretora Financeira do  
Banco John Deere

Gastón Trajtenberg  
Diretor de Vendas Hispano  
América

Marcelo Lopes  
Diretor de Vendas Brasil

Maurício Camargo  
Diretor Jurídico para América  
do Sul

Rodrigo Bonato  
Diretor de Marketing América  
Latina

Jorge Sivina  
Diretor Regional do Banco  
John Deere

João Pontes  
Diretor de Pós-vendas e  
Suporte ao Cliente, América  
Latina

Wellington Silvério  
Diretor de Recursos Humanos  
para América Latina

Valério Wagner  
Diretor Financeiro da  
John Deere para a  
América do Sul

+55 0800 891 4031  
assuntoscorporativos@JohnDeere.com  
www.deere.com.br

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/john-deere/](http://www.linkedin.com/company/john-deere/)

**YouTube:** [www.youtube.com/@johndeerebrasil](http://www.youtube.com/@johndeerebrasil)

**Instagram:** [www.instagram.com/johndeerebrasil/](http://www.instagram.com/johndeerebrasil/)

**Facebook:** [www.facebook.com/profile.php?id=100064446229688&brand\\_redir=133981856074](http://www.facebook.com/profile.php?id=100064446229688&brand_redir=133981856074)

### HISTÓRICO

A John Deere é uma empresa global de tecnologia que fornece software e equipamentos para os setores agrícola, de construção e florestal. Reconhecida como inovadora, a companhia contribui com o potencial de seus clientes em todas as suas atividades no campo, com produtividade e sustentabilidade, a fim de permitir que a vida possa avançar. Seus negócios ultrapassam o maquinário, a tecnologia e os serviços, atendendo à crescente necessidade global por alimento e infraestrutura de qualidade. No Brasil, são mais de 9 mil funcionários, distribuídos em oito fábricas, um Escritório Regional para a América Latina, um Centro de Distribuição de Peças, um Centro de Treinamento e um Centro de Agricultura de Precisão e Inovação.

### MISSÃO

Fornecer produtos, tecnologia e serviços avançados para clientes que estão revolucionando a agricultura e a construção - aqueles que cultivam, colhem, transformam, enriquecem e constroem a terra para atender à crescente necessidade mundial de alimentos, combustível, abrigo e infraestrutura.

### PRODUTOS

Tratores, pulverizadores, plantadeiras, colheitadeiras de grãos, colhedoras de cana e algodão, retroescavadeiras, pás-carregadeiras, motoniveladoras, tratores de esteiras e escavadeiras.

# Diversidade, tecnologia, inovação e sustentabilidade em equilíbrio, rumo à constante transformação do agro.

- + Para avançarmos juntos, valorizamos a inclusão e estamos sempre atentos às contribuições de todos que seguem engajados nos avanços tecnológicos e na forma como os dados são convertidos em inteligência na tomada de decisão. Atuamos conectados com a natureza e, de forma sustentável, provamos que um futuro mais tecnológico, inspirador e igualitário começa aqui.

## Cada ação, uma inspiração.

Trabalhamos para que a vida possa avançar.





# minerva foods

## MINERVA FOODS

Fernando Galletti Queiroz  
CEO

Edison Ticle de Andrade  
Melo E Souza Filho  
CFO

Luis Ricardo Alves Luz  
COO Latam

Frederico Alcântara  
de Queiroz  
COO Negócios Relacionados

Fabiano Ribeiro Tito Rosa  
Diretor de Compra Gado

João Sampaio  
Diretor de Relações  
Institucionais

### HISTÓRICO

A Minerva Foods é líder em exportação de carne bovina na América do Sul e atua também no segmento de industrializados, comercializando seus produtos para mais de 100 países. Além do Brasil, a Minerva Foods está presente no Paraguai, na Argentina, no Uruguai, na Colômbia, e possui plantas especializadas em ovinos na Austrália, somando mais de 23 mil colaboradores. A empresa atende a cinco continentes com carne bovina, ovina e seus derivados e opera, hoje, 33 unidades industriais, 12 escritórios internacionais e 14 centros de distribuição.

### PROPÓSITO

Criando conexões entre pessoas, alimentos e natureza.

+ 55 (17) 3321 3355 / + 55 (11) 3074-2444  
[www.minervafoods.com](http://www.minervafoods.com)

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/minerva-sa/](http://www.linkedin.com/company/minerva-sa/)  
**Instagram:** [www.instagram.com/minervafoodsoficial/](http://www.instagram.com/minervafoodsoficial/)  
**Facebook:** [www.facebook.com/minervafoodsoficial](http://www.facebook.com/minervafoodsoficial)



## Minerva Foods e ABAG celebram mais de 30 anos de compromisso com o agronegócio brasileiro.

*Há três décadas, nós da Minerva Foods, líderes em exportação de carne bovina na América do Sul, e a ABAG, a voz do agronegócio no Brasil, temos trabalhado em estreita colaboração para promover a excelência e a sustentabilidade em toda a cadeia produtiva.*

*Unimos forças em uma jornada de dedicação que:*

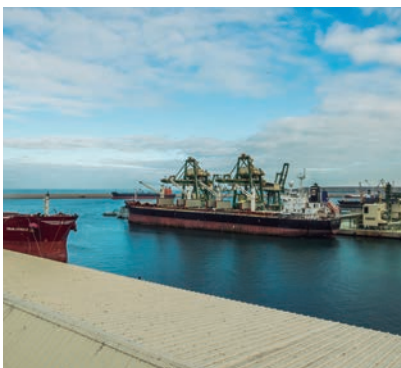
- *Promove a produção agrícola sustentável e responsável;*
- *Apoia os produtores rurais, capacitando-os com conhecimento e recursos;*
- *Desenvolve práticas de manejo que respeitam o meio ambiente;*
- *Garante a qualidade dos produtos agrícolas brasileiros, tornando-os referência global.*

*Esse é um marco que merece ser celebrado. Juntos, estamos cultivando o futuro da alimentação em nosso país, assegurando que o Brasil continue sendo um líder global na produção de alimentos e agricultura sustentável.*



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DO AGRONEGÓCIO

**minerva**  
**foods**



BRASIL

## OCP BRASIL

Olavio Takenaka  
Presidente

Luiz Alberto Sousa  
Vice-presidente Comercial

Virna Duarte  
Vice-presidente Financeira

Ademir Bazzotti  
Vice-presidente de  
Desenvolvimento de  
Negócios e Inovação

Gustavo Zaitune  
Vice-presidente de  
Supply Chain

Luciana Arenola  
Diretora de Recursos  
Humanos

### HISTÓRICO

Fundado em 1920 no Marrocos, o Grupo OCP é o maior produtor de fosfato e um líder em nutrição de plantas. Como responsável por mais de 70% das reservas mundiais de fosfato, assume o compromisso de garantir que esse recurso vital seja utilizado de forma eficiente e responsável para a mitigação do desafio da segurança alimentar.

No Brasil, a OCP está presente desde 2010 e fornece grande parte do fósforo consumido pelo país, contribuindo para que a agricultura e a pecuária sejam cada vez mais sustentáveis e produtivas. O portfólio conta com matérias-primas, fertilizantes e ingredientes para nutrição animal. A empresa segue construindo relações de valor para fortalecer sua atuação no Brasil e impulsionar o agronegócio nacional.

### MISSÃO

Alimentar o solo para alimentar o mundo. Temos um papel fundamental em fornecer produtos fosfatados suficientes para que os produtores rurais atendam a demanda por alimentos nas próximas décadas.

### PRODUTOS

Rocha fosfática  
Ácido fosfórico  
Fertilizantes tradicionais (MAP, DAP e TSP)  
Fertilizantes customizados (PhosGold®, TerraTek®, NP+S e NPK+S)  
Fosfato natural reativo (Phosactiv®)  
Fertilizante solúvel (Nutridrop®)  
Fosfatos para nutrição animal (PHOSFEED®)

+55 (11) 2663-8200  
contato@ocpbr.com.br  
www.ocpbrasil.com.br

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/ocpbrasil/](http://www.linkedin.com/company/ocpbrasil/)

**YouTube:** [www.youtube.com/@ocpbrasil](http://www.youtube.com/@ocpbrasil)

# 30 anos de ABAG



**Uma história  
que a gente  
ajuda a  
alimentar.**

O avanço do agronegócio brasileiro é fundamental diante do desafio global de produzir mais alimentos.

**A OCP é parceira do país nessa jornada.**

A partir da nossa experiência de mais de 100 anos, e como líder global na produção de fósforo, construímos relações de valor para apoiar o desenvolvimento da agropecuária nacional.

Com o compromisso de contribuir com a segurança alimentar de uma população em crescimento, focamos em inovação e customização por meio de uma série de iniciativas, sempre colocando o produtor rural no centro de nossa atenção.



**BRASIL**

[ocpbrasil.com.br](http://ocpbrasil.com.br)



# SONDA®

make it easy

## SONDA

### HISTÓRICO

A SONDA é considerada a maior integradora latino-americana e líder em transformação digital na região. De origem chilena e fundada em 1974, a companhia possui escritórios e atuação direta em 12 países.

A SONDA entende e conhece as tendências globais do mercado, busca apoiar e contribuir na evolução dos negócios das empresas por meio da tecnologia e do desenvolvimento de soluções inovadoras. Por conhecermos os desafios e as demandas da região, contamos com um amplo portfólio nas principais indústrias do mercado:

Smart Cities & Mobility, Retail & Comércio, Bancos & Seguros, Utilities, Saúde, Multindústrias, Setor Público e Soluções de Negócios (Fiscal, Comex e SAP).

### MISSÃO

Nosso propósito: Contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas, inovando e agregando valor através de soluções tecnológicas que desenvolvem e transformam o negócio e as tarefas de nossos clientes.

[relacionamento.br@sonda.com](mailto:relacionamento.br@sonda.com)  
[www.sonda.com](http://www.sonda.com)

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/sonda/](http://www.linkedin.com/company/sonda/)  
**YouTube:** [www.youtube.com/@SONDABrasil](http://www.youtube.com/@SONDABrasil)



# SONDA, líder em transformação digital na região.

Somos líderes em transformação digital na região impactando a vida de mais de 500 milhões de pessoas. Somos um ator relevante para diversas indústrias emergentes que foram transformadas através da implementação de grandes projetos de modernização e soluções inovadoras.



A SONDA nasceu no Chile e se expandiu para a América Latina e os Estados Unidos.

Hoje, exploramos novos mercados na Europa e na Ásia para responder aos novos desafios globais.



**+13.500**

colaboradores em toda a região; 10.000 deles são profissionais de TI



**+650.000**

usuários que usam nossos serviços



**+5.000**

clientes corporativos confiaram em nós



**12**

são os países onde estamos presentes

## A SONDA oferece as melhores soluções para o **Agronegócio**



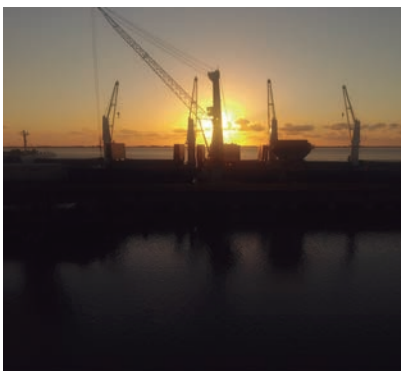
- Gestão de Produção Leiteira e de Corte
- Agricultura de Precisão
- Inspeção de Lavouras e prevenção de incêndios
- Mapeamento inteligente
- Smart Safety
- Agricultura sustentável
- Irrigação inteligente
- Armazém conectado



ACESSE:  
**SONDA.COM**



**SONDA**®  
make it easy



## YARA BRASIL

Marcelo Altieri  
Presidente da Yara Brasil

Adriana Nunez  
CFO da Yara Brasil

Gianni Canneti  
VP de Estratégia da  
Yara Brasil

Marcelo Pinto  
VP de Operações da  
Yara Brasil

Guilherme Terribili  
Diretor Comercial

João Benetti  
Diretor Comercial

Diogo Rezende  
Diretor Comercial

Guilherme Schmitz  
Diretor de Desenvolvimento  
de Mercado

Rafael Cesar  
Diretor Jurídico

+55 0800 770 8899  
[contato@yara.com](mailto:contato@yara.com)  
[www.yarabrasil.com.br](http://www.yarabrasil.com.br)

**LinkedIn:** yarabrofficial  
**Twitter:** @YaraBrOficial

### HISTÓRICO

Fundada na Noruega, em 1905, para resolver a emergente crise de fome na Europa, a Yara está presente no mundo todo, com mais de 17 mil colaboradores e operações em mais de 60 países. No Brasil, a Yara está idealmente posicionada em todos os principais polos agrícolas. Com mais de 5 mil colaboradores, a empresa atende todos os perfis de produtores e culturas, colaborando com o crescimento da agricultura e o protagonismo do país no desafio de alimentar uma população mundial crescente. Desde que se instalou no Brasil, na década de 1970, a Yara vem trabalhando para fomentar a produção de fertilizantes, reduzindo a dependência de importação de matéria-prima e modernizando a indústria nacional, em linha ao seu compromisso global com a agenda de descarbonização.

### MISSÃO

Alimentar o mundo e proteger o planeta de forma responsável.

### SERVIÇOS

A companhia oferece um portfólio de produtos de alta tecnologia com baixa emissão de carbono, desenvolve ferramentas agrícolas digitais destinadas à agricultura de precisão e trabalha em estreita colaboração com pesquisadores e parceiros da indústria para construir uma cadeia de valor do alimento cada vez mais sustentável.



# Yara e ABAG, uma parceria de sucesso

A Yara parabeniza a ABAG por seus 30 anos e reafirma a parceria e o compromisso mútuo com o **desenvolvimento sustentável do agronegócio brasileiro**, em linha ao seu empenho global com a agenda de **descarbonização na produção de alimentos**.

Conheça as iniciativas da Yara acessando o QR Code:





# AGROMETRIKA INFORMÁTICA E SERVIÇOS DE GESTÃO DE CRÉDITO LTDA

Fernando Pimentel  
Diretor Geral

## HISTÓRICO

A Solução AGROMETRIKA é uma plataforma pioneira de análise de crédito de Pessoas Físicas e Jurídicas inseridas nas cadeias do Agronegócio, tais como: produtores rurais, distribuidores de insumos, cooperativas, usinas de açúcar e álcool, *tradings* e cerealistas. O objetivo da plataforma AGROMETRIKA é o de auxiliar o cliente na gestão de carteiras de crédito, avaliação de risco do proponente ao crédito, a partir de parâmetros inseridos pelo próprio usuário e de informações de mercado e órgãos públicos relevantes para a região e a cadeia de atuação do proponente objeto da análise.

Além de abordar os aspectos da teoria de análise de crédito, a Solução AGROMETRIKA adiciona ao seu modelo um componente futuro, com projeções a partir de dados econômicos atuais e históricos como base de indicadores financeiros, além de produtividade, entre outros elementos analíticos.

## MISSÃO

A nossa missão é prover, em um ambiente seguro, todos os requisitos que um analista deve observar para lhe oferecer um entendimento mais preciso dos riscos de crédito envolvidos na gestão do seu negócio em qualquer posição na cadeia de crédito do agronegócio.

## SERVIÇOS

Plataforma de Crédito Agrometrika  
Plataforma de Documentação Agrodocs  
Consultoria em Gestão de Risco Comercial e de Crédito

+55 (19) 3826-4806  
[comercial@agrosecurity.com.br](mailto:comercial@agrosecurity.com.br)  
[www.agrometrika.com.br](http://www.agrometrika.com.br)  
[www.agrodocs.com.br](http://www.agrodocs.com.br)

**Instagram:** [www.instagram.com/agrometrika.plataforma](https://www.instagram.com/agrometrika.plataforma)

SE TEM AGRO  
TEM DISTRIBUIDOR



A força que une a distribuição

## ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DISTRIBUIDORES DE INSUMOS AGRÍCOLAS E VETERINÁRIOS

Paulo Tiburcio  
Presidente Executivo

### HISTÓRICO

Desde 1990, a Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários (Andav) representa os Distribuidores de Insumos Agropecuários e atualmente reúne milhares de empresas, que têm como objetivo comum disseminar as boas práticas no campo e garantir o acolhimento das necessidades do produtor rural, ao oferecer produtos inovadores, prestação de serviços essenciais e adoção de tecnologias de ponta.

Participante ativa em fóruns de debates, a Andav proporciona aos Distribuidores um ambiente propício para o compartilhamento de conhecimento, atualizações e *networking* dentro de uma comunidade comprometida com o contínuo desenvolvimento do segmento. Contando com representantes em todas as regiões do país, através do seu Conselho Diretor e Equipe Executiva (fotos ao lado), incentiva ações colaborativas e o crescimento sustentável junto aos seus 3.000 associados.

### MISSÃO

A missão da Andav é representar e fortalecer os associados para a profissionalização e união do setor, incorporando um firme propósito em contribuir também com todo o Agronegócio Brasileiro.

### SERVIÇOS

A Andav provê soluções sob medida aos seus Associados disponibilizando: Atendimento Técnico e Jurídico; Cursos e treinamentos do programa EducAndav; Manuais, informativos e artigos técnicos; Pesquisas de Mercado; Benefícios Exclusivos na aquisição de diversos produtos e serviços, e outras soluções que contribuem para o desenvolvimento do setor.

+55 (19) 3203-9884  
comunicação@andav.com.br  
www.andav.com.br

Great  
Place  
To  
Work.  
Certificada  
Jun/2023 - Jun/2024  
BRASIL



# CERES

## CERES CONSULTORIA SOCIEDADE SIMPLES LTDA.

Roberto Rodrigues  
Sócio Diretor

Paulo de Araújo Rodrigues  
Sócio Diretor

### HISTÓRICO

Criada em 1996 para assessorar os proprietários da Fazenda Santa Isabel na gestão da produtividade.

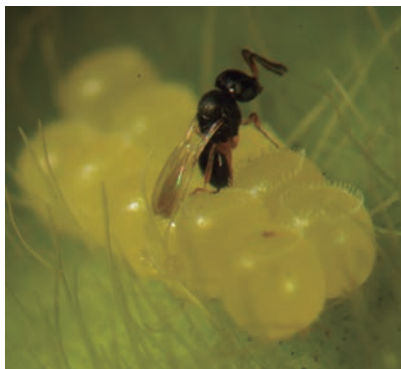
### MISSÃO

Apoiar o desenvolvimento da agricultura tropical nas fazendas brasileiras.

### SERVIÇOS

Assessoria Técnica Agronômica  
Assessoria Técnica em Gestão Rural

+55 (16) 3981-9911



Conectados pelo campo.  
Juntos pelo <futuro>

## CROPLIFE BRASIL

Eduardo Leão  
Presidente e CEO

Arthur Gomes  
Diretor-Executivo

Amália Borsari  
Diretora de Produtos  
Biológicos

Roberto Araújo  
Diretor de Defensivos Químicos

Goran Kuhar  
Diretor de Germoplasma  
e Biotecnologia

### HISTÓRICO

A CropLife Brasil (CLB) é uma associação que reúne empresas atuantes na pesquisa e no desenvolvimento de tecnologias em quatro áreas essenciais para a produção agrícola sustentável: germoplasma, biotecnologia, defensivos químicos e produtos biológicos. Criada em 2019, a CropLife Brasil é resultado da união de entidades que antes representavam cada um destes setores individualmente. Agora, a CLB agrega em uma única plataforma a experiência e o histórico de associações que por décadas lideraram as discussões sobre inovação na agricultura.

### MISSÃO

A CropLife Brasil trabalha pelo crescimento do agronegócio brasileiro, contribuindo para o aumento da oferta de alimentos, fibras e energia limpa com base em dados e informações científicas.

### SERVIÇOS

Busca por parcerias com diferentes segmentos da sociedade.  
Promover educação para adoção e uso correto das tecnologias no campo.  
Diálogo permanente com consumidores, formadores de opinião e governos.

+55 (11) 5091-5033  
contato@croplifebrasil.org  
www.croplifebrasil.org

Instagram: @croplifebr



# INSTITUTO NACIONAL DE PROCESSAMENTO DE EMBALAGENS VAZIAS - INPEV

Marcelo Okamura  
Diretor Presidente

## HISTÓRICO

O inpEV (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias) é uma entidade sem fins lucrativos criada por fabricantes de defensivos agrícolas com o objetivo de promover a correta destinação das embalagens vazias de seus produtos. Está sediado em São Paulo e integra o Sistema Campo Limpo, no qual atua como núcleo de inteligência e é responsável pela operacionalização da logística reversa das embalagens em todo o país.

O Sistema Campo Limpo opera por meio das responsabilidades compartilhadas entre todos os agentes da produção agrícola – agricultores, canais de distribuição e cooperativas, indústria e poder público.

## MISSÃO

“Contribuir para a conservação do meio ambiente e do Sistema Campo Limpo, com uma gestão autossustentável da destinação final de embalagens vazias de produtos fitossanitários e da prestação de serviços na área de logística reversa de resíduos sólidos, com comprometimento e integração de todos os elos da cadeia produtiva agrícola”

## SERVIÇOS

Logística Reversa de Embalagens

faleconosco@inpev.org.br  
www.inpev.org.br

**Instagram:** [www.instagram.com/inpev](https://www.instagram.com/inpev)

**Facebook:** [www.facebook.com/inpEV](https://www.facebook.com/inpEV)

**Tiktok:** [www.tiktok.com/@inpev](https://www.tiktok.com/@inpev)



## SYNGENTA

Grazielle Parenti  
Vice-presidente de Relações  
Institucionais e Sustentabilidade

### HISTÓRICO

A Syngenta é resultado da fusão entre expertise e tecnologias desenvolvidas há centenas de anos por reconhecidas empresas agroquímicas. Atualmente, somos líderes em desenvolvimento de tecnologias para o mercado agrícola no mundo.

Desempenhamos um papel vital na cadeia de alimentos para nutrir o mundo e cuidar do nosso planeta. Trabalhamos para ser a equipe mais colaborativa e confiável do setor agrícola, fornecendo as melhores sementes e inovações em proteção de cultivos para aumentar a prosperidade de agricultores, estejam onde estiverem.

Estamos em mais de 100 países ofertando nossas soluções e suporte especializado para que os produtores possam produzir mais e melhor, ou seja, permitindo que milhões de agricultores façam melhor uso dos recursos disponíveis. Estamos empenhados em recuperar terras à beira da degradação, promover a biodiversidade e revitalizar comunidades rurais.

No Brasil, estamos presentes nas principais regiões agrícolas por meio de centros de pesquisa e estações experimentais, bem como pela realização de plantios experimentais desenvolvidos em parceria com produtores de culturas variadas, em diversos ecossistemas e locais do país. A empresa também está representada institucionalmente em São Paulo e Brasília.

### PROPÓSITO

Como empresa líder do setor agrícola mundial, desempenhamos um papel vital na cadeia de alimentos para nutrir o mundo e cuidar do nosso planeta. Por isso, queremos extrair o máximo do potencial ilimitado das plantas para permitir que agricultores possam produzir de forma sustentável e consciente.

Somos inspirados pelas plantas, impulsionados pelas necessidades humanas e fundamentados na ciência e temos o propósito de trazer o potencial das plantas para a vida.

### PRODUTOS

Tecnologias para o mercado agrícola por meio do negócio de Proteção de Cultivos e Sementes.

Além disso, atuamos com soluções biológicas por meio da Syngenta Biologicals e com agricultura digital por meio da plataforma Cropwise.

C.A.S.A. - 0800 704 4304 / +55 (11) 99768-4207  
faleconosco.casa@syngenta.com  
www.syngenta.com.br

**Instagram:** [www.instagram.com/syngentabrasil/](http://www.instagram.com/syngentabrasil/)  
**YouTube:** [www.youtube.com/SyngentaBrasil](http://www.youtube.com/SyngentaBrasil)  
**Facebook:** [www.facebook.com/SyngentaBrasil](http://www.facebook.com/SyngentaBrasil)



## GREEN HAS BRASIL & TECHFERTIL AGROCIÊNCIAS

Franco Borsari  
Diretor de Marketing

Igor Pinheiro  
Diretor Financeiro

Guilherme Neira Felcar  
Diretor Administrativo

Claudio de Gaspari  
Diretor de Vendas

### HISTÓRICO

A relação entre a Green Has Brasil e a Techfertil é de uma aliança comercial que foi efetivada no final de 2014.

A Green Has Brasil é uma empresa brasileira que importa e comercializa com exclusividade, as especialidades nutricionais fabricadas pela Green Has Group, uma empresa italiana especializada na pesquisa e desenvolvimento de fertilizantes inovadores.

A Techfertil é uma indústria brasileira de fertilizantes e adjuvantes agrícolas que atua fortemente com serviços de tecnologia de aplicação.

As duas empresas participam juntas de eventos, distribuidores e oferecem produtos complementares para o mercado.

### MISSÃO

A missão da Green Has Brasil é inovar, fornecendo aos agricultores fertilizantes de alta qualidade com eficácia, graças a um programa de pesquisa e desenvolvimento intenso.

A missão da Techfertil é oferecer soluções em tecnologia de aplicação, otimizando o consumo de água e a sustentabilidade e rentabilidade dos produtores

### PRODUTOS

As principais marcas comerciais das empresas são:

Algaren Twin, Agrucon; Borogreen L; CalcioGreen PS Plus; Calfon; Carrier Zn; Carrier Mn; Calboron; Calfomyth; Fisiocal; Foliacon; GreenPlant; KingLife; Kelamylth; Vit-ORG VG; Greit VG, Drin VG, GreenHum; Magnesiogreen Attivato; Magic P; Molystar; M10 AD; Nutrolen; Oligogreen; Techfix; Techlinp; Guardia SUV; Techgold; Techplus e Techalita.

+55 (11) 4561-6292  
fborsari@greenhb.com.br  
www.greenhasbrasil.com.br  
www.techfertil.com.br



# VBSO ADVOGADOS



## VBSO ADVOGADOS

Renato Buranello  
Sócio Head Agronegócio

Erik Oioli  
Sócio-diretor

### HISTÓRICO

VBSO Advogados é um escritório de referência de qualidade técnica no atendimento ao agronegócio nas áreas de Direito Bancário e do Mercado de Capitais, Direito Societário e M&A, Direito Tributário e Direito Ambiental, nas práticas consultiva e contenciosa.

### MISSÃO

Respostas objetivas às questões complexas e apresentação de soluções jurídicas eficazes às demandas corporativas, que sirvam de suporte necessário ao desenvolvimento de negócios de sucesso.

### SERVIÇOS

- Operações e parcerias comerciais, concepção de *joint ventures* e formalização de acordos operacionais. Negociação e formalização de contratos, no âmbito nacional e internacional.
- Análise e estruturação de operações com os títulos de crédito relacionados ao agronegócio e assessoria para emissão de títulos e distribuição de valores mobiliários junto ao mercado de capitais.
- Constituição de Fundos de Investimentos das Cadeias Agroindustriais (FIAGRO).
- Assessoria em regularização fundiária e ambiental de imóveis rurais.
- Elaboração de pareceres sobre equilíbrio econômico-financeiro e inexecução das obrigações contratuais nos mercados agroindustriais. Resolução de conflitos cíveis e comerciais.



+55 (11) 3043-4999  
vbso@vbso.com.br  
www.vbso.com.br

**LinkedIn:** [www.linkedin.com/company/vbso-advogados](http://www.linkedin.com/company/vbso-advogados)

**Instagram:** [www.instagram.com/vbsoadvogados](http://www.instagram.com/vbsoadvogados)

# EXPEDIENTE ABAG

## **Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)**

### **Presidente**

Presidente  
Luiz Carlos Corrêa Carvalho

### **Vice-presidentes**

Eduardo Luis Leão de Sousa Ingo Plöger  
Liege Vergili Correia  
Marcelo Araujo Ribeiral  
Pedro Estevão Bastos de Oliveira  
Renato Macedo Buranello

### **Diretores**

Alejandro Girardi Gutierrez  
Alexandre Bernardes de Miranda  
Carlos Aguiar Neto  
Carlos Augusto Rodrigues de Melo  
Claudio Borges T. Gaspar Oliveira  
Diogo Suzigan Dragone  
Mario Miguel da Silva Ferreira  
Fabiana Salgueiro Perobelli  
Francisco Matturro  
Deise DallaNora  
Grazielle Parenti  
João Comério  
Luís Roberto Pogetti  
Mônika Bergamaschi  
Pedro Piason Breglio Pontes  
Rodrigo Simonato

### **Equipe Executiva**

Diretora-executiva  
Gislaine Balbinot

Gerente Administrativa-financeira  
Emilia Dualibi Santos

Gerente de Sustentabilidade e Projetos  
Giuliano Alves

Relações Governamentais  
Ricardo Rosa

Coordenador de Comunicação  
João Mauro Uchôa

Analista Administrativa  
Mariana Araújo

### **Organização de Eventos**

Renato Wenter (Wenter Eventos)

### **Assessoria de Imprensa**

Enio Campoi (Mecânica de Comunicação Estratégica)



R. Barão do Triunfo, 88  
12º andar – Campo Belo  
São Paulo – SP  
CEP 04602-000  
Tel/Phone (+55 11) 98125-7220

[www.bbeditora.com.br](http://www.bbeditora.com.br)  
[facebook.com/bbeditora](https://facebook.com/bbeditora)

Edição  
BB Editora

Diretora Geral  
Eliane Alonso

Diretora Comercial  
Renata Hernandes

Redação  
Andréa Mota

Criação  
Rafael Sanches

Gerente Comercial  
Elaine Isiama  
Jéssica Santos

Financeiro  
Antonio Alonso



**abag**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DO AGRONEGÓCIO

